

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Os verbos *dicendi* nas revistas italianas *L'Espresso* e *Panorama*:  
A subjetividade na introdução do discurso relatado

**CHRISTIANE NASCIMENTO FERREIRA**

**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Os verbos *dicendi* nas revistas italianas *L'Espresso* e *Panorama*:  
A subjetividade na introdução do discurso relatado

Por

**CHRISTIANE NASCIMENTO FERREIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos)

Orientadora: Professora Doutora Claudia Fatima Morais Martins

Rio de Janeiro  
Junho de 2010

Os verbos *dicendi* nas revistas italianas *L'Espresso* e *Panorama*:  
A subjetividade na introdução do discurso relatado

Christiane Nascimento Ferreira

Orientadora: Professora Doutora Claudia Fatima Morais Martins

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos).

Examinada por:

---

Presidente, Prof<sup>a</sup>. Doutora Claudia Fatima Morais Martins - UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Doutora Sonia Cristina Reis- UFRJ - Titular

---

Prof<sup>a</sup>. Doutora Jaci Correia Fernandes – Fac. de Educação UFRJ - Titular

---

Prof<sup>o</sup>. Doutor Frederico Augusto Liberalli de Góes – UFRJ - Suplente

---

Prof<sup>a</sup>. Doutora Flora de Paoli Faria – UFRJ - Suplente

Rio de Janeiro  
Junho de 2010

## FICHA CATALOGRÁFICA

## RESUMO

Os verbos *dicendi* nas revistas italianas *L'Espresso* e *Panorama*:  
A subjetividade na introdução do discurso relatado

Christiane Nascimento Ferreira

Orientadora: Professora Doutora Claudia Fatima Morais Martins

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos, opção: Língua Italiana).

O presente trabalho consiste na análise das notícias das seções *Mondo* das revistas eletrônicas italianas *L'Espresso* e *Panorama*, no segundo semestre de 2008, com o intuito de mapear o uso dos Verbos *Dicendi* no Discurso relatado. Busca-se, por meio da oposição entre as duas revistas, extrair constantes e variáveis nos textos, em relação a tais verbos, para investigar a existência de subjetividade no ato de reportar um discurso à luz das teorias de Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau e Catherine Kerbrat-Orecchioni.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Discurso reportado; Verbos *Dicendi*; Subjetividade; Mídia.

Rio de Janeiro  
Junho de 2010

## RIASSUNTO

Os verbos *dicendi* nas revistas italianas *L'Espresso* e *Panorama*:  
A subjetividade na introdução do discurso relatado

Christiane Nascimento Ferreira

Orientadora: Professora Doutora Claudia Fátima Morais Martins

Riassunto da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos).

Il presente lavoro presenta come proposta l'analisi delle notizie delle sezioni *Mondo* delle riviste italiane *L'Espresso* e *Panorama*, a partire dal secondo semestre di 2008, con l'obbiettivo di esaminare, in maniera minuziosa, l'uso dei Verbi *Dicendi* nel *Discours rapporté*. Si propone, attraverso l'oposizione tra le riviste, verificare la costanza e la variabilità nei testi, in rapporto a questi verbi, per infine cercare l'esistenza di soggettività nella forma di fare riferimento ad un discorso, sull'orientamento delle teorie di Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau e Catherine Kerbrat-Orecchioni.

Parole-chiave: Analisi del Discorso; *Discours rapporté*; Verbi *Dicendi*; Soggettività; Media.

Rio de Janeiro  
Junho de 2010

## ABSTRACT

The *dicendi* verbs in the italian magazines *L'Espresso* e *Panorama*:  
The subjectivity on the introduction of the related discourse.

Christiane Nascimento Ferreira

Orientadora: Professora Doutora Claudia Fatima Morais Martins

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos, opção: Língua Italiana).

This work consists in the analysis of the news from the sections *Mondo* in the italian electronic magazines *L'Espresso* and *Panorama*, during the second semester of 2008. The aim is to map out the use of Dicendi Verbs in the related discourse. Another goal is to get, through the confront between the two magazines, the constants and variables in the texts, concerning these verbs, to investigate the possible subjectivity when reporting a discourse, based on the theories of Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau and Catherine Kerbrat-Orecchioni.

Key-words: Analysis of the Discourse: Related Discourse; *Dicendi* Verbs; Subjectivity; Media.

Rio de Janeiro  
Junho de 2010

Dedico esta dissertação à minha mãe e ao meu pai.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre!

Aos meus pais, Maria das Neves e Wenceslau, pelo apoio, pelo incentivo e pela alegria a cada página escrita.

À minha irmã Sônia Cristina e à minha sobrinha Stephanie Ferreira pelos socorros na internet, pelas impressões salvadoras e pela felicidade a cada vitória.

Aos meus irmãos Wellington e Washington pelas piadas animadoras, pela ajuda imprescindível nesta reta final e pelo socorro das impressões de tantas monografias.

Ao meu namorado, André, pela paciência, dedicação, ajuda e pelo carinho, apoio e companheirismo durante todas as monografias e, principalmente, durante a Dissertação.

Aos meus queridos cães, Bob e Snoopy, que tanto ajudaram a aliviar o cansaço, durante a produção da Dissertação, com suas brincadeiras e seus pedidos de carinho.

Às minhas amigas Márcia Santos Nascimento e Lilian Maria Bulhões da Silva, amigadas adquiridas na Graduação, pelas palavras de apoio nos momentos de desespero e pela torcida sincera.

À minha amiga Élide Pessanha de S. Marques pela força e pelo estímulo à concretização do meu objetivo.

À Cristiane F. Costa da Silva, colega de trabalho, pelas palavras incentivadoras, pela força e estímulo à continuação e à perseguição do sonho.

À Leoni Salles e Daniele Leal, colegas de trabalho, por toda força e todo incentivo.

Às minhas primas Taciane, Lina e Patrícia Ferreira da Silva pelo apoio.

Ao meu primo Dehon Ferreira pelo incentivo à escolha do curso de Letras na época do vestibular.

Aos meus primos Filde, Peterson e Will Pereira de Oliveira pelas dicas e pelas tentativas de tranquilização durante o Mestrado.

Aos meus colegas de Graduação que tornaram o caminho mais leve e divertido.

À minha Orientadora Professora Claudia Fátima Morais Martins por todo o auxílio, pela tranquilização, pela confiança e pela injeção de ânimo nos vários momentos de dificuldade.

Aos professores Sonia Cristina Reis, Jaci Correia Fernandes, Frederico Augusto Liberalli de Góes e Flora de Paoli Faria que aceitaram gentilmente fazer parte da minha banca.

Aos professores Patrícia Simões Rosa, Ana Flávia, Silvia Brandão, Afrânio Barbosa, Maria Aparecida Lino Pauliukonis, Carlos Sobral, Andrea Lombardi, Marco Lucchesi, enfim, a todos os meus professores da Graduação e da Licenciatura.

Às professoras Maria Lizete dos Santos, Annita Gullo, Sonia Cristina Reis, Flora de Paoli Faria e Maria Aurora Consuelo Alfaro Lagorio pelas aulas brilhantes e por todos os momentos estimuladores durante o Mestrado: toda a minha sincera admiração.

Às professoras Tânia Reis Cunha e Leticia Rebollo pelas dicas durante o Colóquio de Pós-graduação.

Às minhas primeiras professoras Maria José Racoare de Oliveira e Ercília pelos ensinamentos, pela dedicação e pelo carinho, fatos que contribuíram para a minha escolha pela carreira do Magistério.

Aos companheiros Elena Gaidano, Fabiano dalla Bona, Izabel Costa, Daniele N. de Melo, Ana Cristina Ribeiro dos Santos, Rosilene Januário, Luciana Nascimento de Almeida, Daniele Soares da Silva, Érica e Maria Ippolito, pelos momentos brilhantes, animadores e enriquecedores durante o Mestrado.

## LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E ILUSTRAÇÕES

Quadro dos procedimentos de construção enunciativa .....	51
Ilustração das ramificações das línguas oriundas do latim .....	70
Gráfico com a média de difusão das revistas semanais na Itália em 2008 .....	83
Gráfico com a média de difusão das revistas semanais na Itália em 2009 .....	83
Gráfico com as médias de difusão e tiragem das revistas <i>L'Espresso</i> e <i>Panorama</i> em 2008 .....	86
Gráfico com as médias de difusão e tiragem das revistas <i>L'Espresso</i> e <i>Panorama</i> em 2009 .....	86

## SUMÁRIO

Introdução .....	14
1. A enunciação .....	17
1.1 A linguagem .....	24
1.2 A Análise do Discurso .....	31
1.2.1 Os modos de organização do discurso .....	35
1.2.1.1 O modo narrativo .....	35
1.2.1.2 O modo argumentativo .....	37
1.2.1.3 O modo enunciativo .....	39
1.2.1.4 O modo descritivo .....	42
1.2.1.4.1 Os efeitos descritivos .....	46
2. As aspas: A responsabilidade pelo enunciado .....	48
2.1 O discurso relatado e o procedimento de construção enunciativa .....	50
2.2 O <i>ethos</i> .....	53
2.2.1 <i>Logos, ethos e pathos</i> .....	56
2.3 A cena de enunciação .....	62
3. A história da língua italiana .....	65
3.1 O latim .....	65
3.1.1 O latim no Império Romano .....	66
3.1.2 O nascimento das línguas neolatinas .....	69
3.1.3 Do latim ao italiano .....	72
3.2 O Italiano .....	74
3.2.1 O contexto italiano contemporâneo em relação à língua .....	80
3.3 A língua e a mídia italianas .....	81
3.3.1 O perfil das revistas italianas analisadas .....	84
3.3.1.1 A revista <i>L'Espresso</i> .....	84
3.3.1.2 A revista <i>Panorama</i> .....	85
4. O verbo introdutor do discurso relatado .....	88
5. A análise dos dados recolhidos .....	94
6. Conclusão .....	121
7. Referências bibliográficas .....	128
8. Anexos .....	131

NOTÍCIA I :	<i>I Giochi di Pechino e i moralizzatori del Cio tra divieti e bacchettate</i> .....	131
NOTÍCIA II:	<i>Algeria: quali sono le ragioni della rivolta islamista</i> .....	133
NOTÍCIA III:	<i>Medvedev: sì all'indipendenza di Ossezia e Abkhazia</i> ....	135
NOTÍCIA IV:	<i>Afghanistan: diario di guerra dall'ultimo avamposto Italiano</i> .....	137
NOTÍCIA V:	<i>La rabbia di Mumbai</i> .....	142
NOTÍCIA VI:	<i>Città proibita e a ostacoli</i> .....	144
NOTÍCIA VII:	<i>Tra padrini e dittatori</i> .....	147
NOTÍCIA VIII:	<i>I volti della fame</i> .....	150
NOTÍCIA IX:	<i>Sorpresa Addis Abeba</i> .....	153
NOTÍCIA X:	<i>L'oro di Pechino</i> .....	155
NOTÍCIA XI:	<i>Obama caccia a Osama</i> .....	157
NOTÍCIA XII:	<i>Egitto: approvata la legge contro l'infibulazione, ma la pratica non scompare</i> .....	160
NOTÍCIA XIII:	<i>Da Sidney un "Papa ecologista": "Riscoprire nella Terra il volto di Dio creatore"</i> .....	162
NOTÍCIA XIV:	<i>Dall'Italia all'Africa, biglietto di sola andata: "Faccio fortuna con l'olio di palma"</i> .....	163
NOTÍCIA XV:	<i>Il Papa a Parigi: scoppia la polemica politica tra Sarkozy e i socialisti</i> .....	165
NOTÍCIA XVI:	<i>Così ho venduto la bomba</i> .....	167
NOTÍCIA XVII:	<i>Criminali di guerra. A chi tocca dopo Karadzic</i> .....	170
NOTÍCIA XVIII:	<i>L'ultimo Eldorado</i> .....	173
NOTÍCIA XIX:	<i>Londra: arrestato il ministro ombra dell'Immigrazione</i> ....	175
NOTÍCIA XX:	<i>Mc Cain e Obama, sfida comica all'ultima battuta</i> .....	176
NOTÍCIA XXI:	<i>Passate le Olimpiadi, l'India si scopre invidiosa della Cina</i> .....	178
NOTÍCIA XXII:	<i>Messico: la guerra dei narcos</i> .....	179
NOTÍCIA XXIII:	<i>Appello di Bush al Congresso: senza piano anti-crisi, conseguenze gravi</i> .....	181
NOTÍCIA XXIV:	<i>Fronte Kabul, trincea Baghdad</i> .....	182

## 1. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo da Análise do Discurso não comporta apenas o texto, a fala ou a língua, visto que relaciona a linguagem à sua exterioridade e, a partir desse aspecto, ressalta a não transparência da linguagem. Assim, também, é centrada a nossa pesquisa.

Desta forma, a presente Dissertação de Mestrado pretende, por meio do discurso midiático, estudar a cena enunciativa que comporta os verbos *dicendi*. Tais verbos introduzem, no discurso direto, a fala de um terceiro, que é inserida no texto informativo.

Para isto, buscamos analisar a seção *Mondo* das revistas eletrônicas *L'Espresso* e *Panorama*, no período de Julho a Dezembro de 2008. Visamos mapear o uso de tais verbos introdutores do discurso reportado a fim de confirmar ou refutar a presença de subjetividade nestas duas revistas italianas. Nesse caso, analisamos tal presença através do que é postulado por Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau e Catherine Kerbrat-Orecchioni.

Assim, nossa Dissertação apresenta-se dividida em cinco capítulos.

No primeiro, focalizamos a relevância do ato individual de utilização e apropriação da língua, ou seja, da enunciação. Como julgamos pertinente, expomos a importância do eficaz meio para a realização da comunicação –a linguagem– e da possibilidade de subjetividade que traz consigo, segundo Benveniste (2005). Desta forma, também, acreditamos na necessidade de explorar o objeto de estudo da Análise do Discurso, bem como os modos de

organização do discurso, ainda que nem todos configurem nosso objeto de análise, porém acreditamos que tenham sido enriquecedores para a nossa pesquisa de Mestrado.

No segundo capítulo, como a nossa proposta visa o estudo de textos midiáticos que comportam a enunciação de um terceiro, achamos interessante expor os efeitos pretendidos com o uso das aspas e, conseqüentemente, do uso do discurso relatado. Assim, procuramos ressaltar a imagem de si que o orador deixa transparecer em seu discurso e que se constitui como parte da cena de enunciação. Ou seja, fazemos referência ao *ethos* discursivo, baseados em Charaudeau (2006) e Maingueneau (In AMOSSY, 2008, p.69-90), visto que constituem fatores presentes nos textos analisados.

Já no terceiro, como estudamos revistas que pertencem ao contexto italiano, julgamos pertinente o acréscimo do apanhado histórico concernente à língua italiana e, sobretudo, a influência da mídia, o mapeamento do perfil das revistas, que constituem nosso corpus de análise, assim como a sua difusão na Itália.

Nosso quarto capítulo abrange os verbos que são destinados a introduzir o discurso relatado. Por isso, achamos imprescindível ressaltar a proposta de Maingueneau (1993) para a classificação de tais verbos. Nesta, destaca que em face do verbo escolhido, toda a interpretação da citação pode ser afetada, posto que os classifica como verbos descritivos ou avaliativos.

No quinto capítulo, realizamos a análise das notícias retiradas das revistas *L'Espresso* e *Panorama*, tendo como embasamento teórico o que é postulado por Maingueneau e Kerbrat-Orecchioni.

Enfim, na presente pesquisa, objetivamos por meio da análise destes *corpora*, verificar se há presença de subjetividade no discurso relatado, através do uso dos verbos *dicendi*, em um tipo de texto que tende à neutralidade, como o informativo.

Partimos da pressuposição de que utilizar o verbo *dicendi* pode ser considerada uma habilidosa maneira de sugerir o que se pensa sem ter que se responsabilizar por isso, posto que tal verbo poderia estar presente na cena enunciativa não somente para introduzir o discurso de um terceiro, uma vez que Charaudeau (2006) ressalta que tudo é questão de escolha para produzir um efeito almejado.

Tendo em vista a realização desta pesquisa, buscamos a seguir apresentar a fundamentação teórica que se torna um instrumento essencial para o nosso trabalho e que nos auxilia no processo de compreensão de conceitos fundamentais à análise dos *corpora* citados anteriormente.

Assim, iniciamos a nossa prazerosa viagem por vias da enunciação e pelos caminhos da linguagem, que é esta a possibilidade da subjetividade, visto que oferece as formas linguísticas apropriadas para a sua expressão.

## 1. A ENUNCIÇÃO

A enunciação segundo Benveniste (2006) é, a partir de um ato individual de utilização, o funcionamento da língua através daquele que a fala, no momento em que fala, posto que quando se diz algo, enuncia-se alguma coisa. No que tange à realização individual, a enunciação pode ser definida como um processo de apropriação, no qual o locutor se apodera do aparelho formal da língua e enuncia sua situação de locutor através de índices específicos e procedimentos acessórios.

A partir do momento que o locutor se declara como tal, ele insere o *outro* diante de si, independente do grau de presença que ele atribua a esse outro. Por isso, Benveniste (2005) declara:

“Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade. (...) A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*.” (BENVENISTE, 2005, p.286)

Assim, toda enunciação é uma alocução, pois implica o outro, de forma implícita ou não, isto é, a enunciação requer um alocutário. Desta maneira, este ato individual de utilização e apropriação da língua introduz aquele que fala em sua própria fala. Por isso a presença do locutor em sua alocução permite que a instância de discurso se torne um ponto de referência interno, pois ressalta a constante relação do locutor com a sua enunciação.

Com isso, entendemos que seja pertinente refletir sobre a relação *eu* e *tu* que só é produzida na enunciação e através dela. Assim, o pronome *eu* por oposição ao *tu* reflete a estrutura de oposições linguísticas inseparáveis do discurso. Tal ato de discurso aparecerá toda vez que for produzido e para aquele que o enuncia, será sempre um ato novo, mesmo que seja repetido várias vezes. Isso ocorre porque ele promove, a cada enunciação, a inclusão do locutor em um novo tempo, em uma nova circunstância e em um novo discurso. Isto confirma, portanto, que a cada momento aquele que o enuncia, apropria-se desse *eu*.

Quando alguém pronuncia esse pronome, esse alguém o assume. Tal pronome assume, desta forma, uma designação nova e produz, a cada nova vez, uma nova pessoa. Quando é assumido pelo enunciador, através do ato de linguagem, torna-se único e não é realizado duas vezes do mesmo modo. Na comunicação, alterna-se de estado, posto que para aquele que o entende, está relacionado ao *outro*, mas quando fala, o *eu* é novamente assumido. Esse *eu* faz referência ao ato de discurso individual através do qual é pronunciado e que, por sua vez, designa o locutor.

Todo este processo remete, então, à realidade do discurso. Portanto, é nesta instância que o *eu* designa o locutor e que este se designa como sujeito. Com tudo isto, torna-se possível e plausível afirmar que a base da subjetividade encontra-se no exercício da língua, haja vista a linguagem que apresenta uma organização que torna possível ao locutor apropriar-se da língua e designar-se como *eu*.

Não se torna deveras excessivo destacar que as instâncias de utilização desse *eu* não fazem parte de uma classe de referência, uma vez que não é possível encontrar um referente para a definição do *eu* que possa ser remetida de forma idêntica a essas instâncias. Ou seja, todo *eu* apresenta uma referência própria que corresponde toda vez a um ser único e em uma determinada realidade.

Essa realidade, à qual não só o *eu* mas também o *tu* referem-se, é a realidade do discurso. O *eu* simboliza a pessoa que enuncia a determinada instância única de discurso que abrange este *eu*. Somente apresenta valor na instância em que é produzido, pois o *eu* só admite existência linguística no ato de palavras na qual se insere. Assim, o *tu* representa uma categoria que se apresenta alocutada na, já mencionada, instância de discurso que contém a instância linguística *tu*, representando um jogo de posições na linguagem.

A partir dessa breve explanação sobre os pronomes, isto é, sobre as formas linguísticas que denotam pessoas, podemos observar que o *eu*, na enunciação, representa o ser que profere a enunciação e o *tu*, aquele que atua como alocutário. Destarte, Benveniste (2006) disserta:

“Ora, o estatuto destes “indivíduos linguísticos se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual e, se se pode dizer, “semel-natif”. Eles são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo.” (BENVENISTE, 2006, p.85)

A enunciação é geralmente caracterizada pela acentuada relação com o parceiro seja ele imaginário ou real, ou ainda, coletivo ou individual. Tal

caracterização expõe exatamente aquilo que Benveniste chama de *quadro figurativo*, pois como forma de discurso, a enunciação apresenta dois pontos importantes da enunciação: os parceiros, protagonistas dessa enunciação na estrutura do diálogo.

A enunciação é uma instância de mediação que garante a discursivização da língua, que permite a passagem da competência à *performance*, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob a forma de discurso (GREIMAS E COURTÈS, apud: FIORIN, 1999, p.36). A enunciação se estabelece na relação entre a língua e o mundo, que tanto permite reproduzir fatos no enunciado, quanto formar por si própria um acontecimento uno definido no tempo e no espaço (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p.193).

Vale a pena ressaltar que as marcas de enunciação presentes no enunciado permitem recompor o ato enunciativo e que, para isso, torna-se inevitável refletir sobre as competências necessárias para a produção de um enunciado e sobre o acordo estabelecido entre enunciador e enunciatário.

Dentre tais competências, a que julgamos primeira, diz respeito à competência linguística na qual o falante deve conhecer os sistemas fonológico, morfológico, sintático e o léxico desta língua para que os enunciados produzidos possam ser compreendidos.

Outra competência discursiva necessária ao ato enunciativo trata da competência textual no tocante à utilização dos signos em que o objeto será veiculado.

A seguinte é a competência intertextual, que diz respeito às relações contratuais ou polêmicas que um texto mantém com outros.

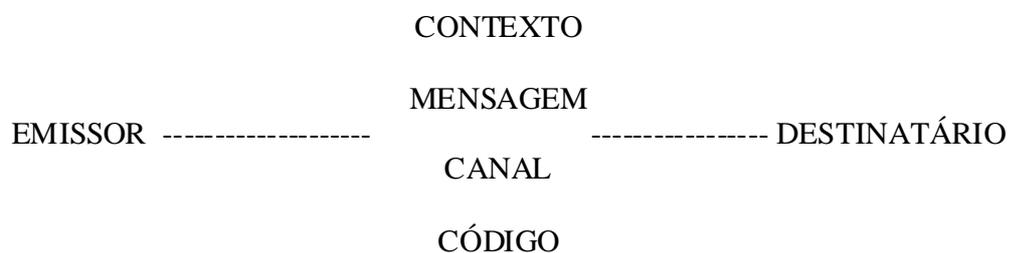
A competência situacional, também presente na produção enunciativa, representa o conhecimento referente à situação em que ocorre a comunicação e ao parceiro do ato comunicativo.

Outra competência presente na produção de um enunciado é a discursiva, que deve contemplar os mecanismos de temporalização, espacialização e de actorialização e, os mecanismos argumentativos como os implícitos, a norma linguística adequada, os efeitos de sentido de objetividade, de realidade e o modo de citação do discurso alheio, sendo este último tema relevante em nossa Dissertação.

Outra, que acreditamos ser pertinente destacar, diz respeito à competência interdiscursiva, que se refere à heterogeneidade constitutiva do discurso, pois é condição de existência dos discursos e dos sujeitos haja vista o discurso que é resultado da ligação de diferentes discursos e o sujeito que é constituído pela interação estabelecida com outros sujeitos. Trata-se, pois, de uma heterogeneidade que não é marcada em superfície (MAINGUENEAU, 1993), mas que a Análise do Discurso pode determinar, formulando hipóteses, por meio do interdiscurso, através da constituição de uma formação discursiva.

Essas competências, que podem ser mais ou menos comuns a enunciadador e a enunciatário, leva-nos a acreditar que quanto menor for o espaço de não-conhecimento entre ambos, melhor se dará a percepção dos enunciados produzidos (FIORIN, 1999, p.33).

Com isso, o linguista Roman Jakobson reelaborou o esquema de Claude Shannon e Warren Weaver por acreditar que este não representava de modo exaurível os processos comunicativos. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1997, p.17), os seis fatores inalienáveis da comunicação verbal do esquema de Jakobson podem ser assim representados:



A partir deste esquema, é possível observar que há um emissor que envia uma mensagem a um destinatário, mas esta mensagem por ser ativa, requer como primeiro fator a referência a um específico contexto, que possa ser compreendido pelo destinatário, e um código comum ao emissor e ao receptor, pelo menos em parte. Enfim, existe a necessidade de um canal entre emissor e receptor.

Este é um esquema que representa a comunicação em nível maior de abstração e que não considera, o barulho por exemplo, um fator que pode comprometer o processo comunicativo. Jakobson representou um modelo da comunicação humana que permitisse entender o grau de compreensão a partir do momento que enunciamos algo e quando recebemos uma mensagem. E

apresentou-nos a ideia de um código compreendido como uma junção de regras que permitem ao enunciador e ao destinatário compreender-se mutuamente.

Kerbrat-Orecchioni (1997) explicita no capítulo *La problemática de la enunciación* a crítica à extensão que é dada ao termo “código” por Jakobson. Evidencia que quando este termo é aplicado às línguas naturais não denota um conjunto de regras estáveis e biunívocas entre significantes e significado.

Ducrot (1972a), por sua vez e sob uma outra ótica que visa integrar à competência linguística um componente pragmático, questiona o uso do termo “código”, pois prefere “um instrumento de comunicação”. Porém, acredita que há uma restrição no sentido da palavra comunicação (DUCROT, apud: KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p.18):

“Com frequência se restringe o sentido da palavra “comunicação”, forçando esta a designar um tipo particular de relação intersubjetiva: a transmissão da informação. Comunicar seria antes de tudo fazer saber, fornecer ao interlocutor conhecimentos que antes não possuía.” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p.18, tradução nossa.)

De acordo com Kerbrat-Orecchioni, dos elementos que Jakobson considera como “fatores intransferíveis da comunicação verbal” o são efetivamente o emissor e o receptor, que não são sempre identificáveis, mas participam sempre (de forma virtual ou não) do ato enunciativo. Assim, a dupla atividade de produção / reconhecimento instaura as funções do emissor e do receptor, fato extremamente relevante, posto que todo emissor é simultaneamente o próprio receptor e todo receptor um emissor em potencial, frente a um contrato de fala.

É válido ressaltar que quando um enunciado é produzido, cria-se um acordo fiduciário entre enunciadador e enunciatário, concernente ao aspecto verídico do texto e que determina o estatuto de realidade ou ficção, de veracidade ou não. No que tange à compreensão dos enunciados, se este deve ser entendido como foi dito ou ao contrário, existem marcas discursivas capazes de indicar como o enunciado pode ser interpretado. Demonstrando, portanto, que há dois tipos de contratos enunciativos: o de identidade e o de contradição.

## A LINGUAGEM

A linguagem é uma característica própria do homem. É ela que permite ao homem pensar e atuar, pois não existe ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem (CHARAUDEAU, 2008). Ela é o meio pelo qual o homem consegue atingir o outro homem. É, a partir dela que este homem transmite e recebe uma mensagem. Por conseguinte, a linguagem exige e pressupõe o outro. Assim, Benveniste (2006) a define:

“Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.” (BENVENISTE, 2006, p.47)

A linguagem é o meio eficaz para a comunicação. Ela apresenta características que permitem que esteja apta para servir de instrumento na transmissão. Ao falar sobre instrumento, busca-se ressaltar a oposição entre o

homem e a natureza. Porém, a linguagem encontra-se na natureza do homem, mas não foi este homem que a fabricou como fabricam-se o arco e a flexa, por exemplo. Por isso, de acordo com Benveniste (2005), não é possível encontrar o homem desassociado da linguagem e não o encontramos inventando-a. É através da linguagem e pela linguagem que esse homem se constitui como sujeito.

Por isso, cada falante, através do falar que emana de si e que o retoma, determina-se como sujeito em relação ao outro e aos outros. Essa capacidade do locutor se impor como sujeito é o que chamamos de subjetividade, ou seja, ela nada mais é que a manifestação no ser de uma propriedade fundamental da linguagem.

Assim, a língua é uma fonte de emanção do *eu* que, ao mesmo tempo, apresenta uma coextensividade à toda a coletividade. Ela oferece ao falante uma estrutura formal de base, a qual é concedido o ato da fala e, sobretudo, fornece o meio linguístico que permite o funcionamento subjetivo e referencial do discurso. É esse tal funcionamento que produz a distinção indispensável entre o *eu* e o *não-eu*, de acordo com Benveniste (2006, p.101), e que ressalta a oposição interior e exterior, ou seja, as antinomias do *eu* e do outro.

A linguagem é, o que Benveniste (2005, p.289) chama de “possibilidade da subjetividade”, pois esta linguagem contém as formas linguísticas adequadas para a expressão dessa subjetividade manifestada em um discurso. Por isso, concordamos com este autor sobre o fato de que a linguagem proponha formas não preenchidas através das quais cada locutor, em seu exercício discursivo,

apodera-se e faz referência a sua pessoa, constituindo-se assim como *eu* e, para o parceiro da troca linguageira, como *não-eu / tu*.

Assim, torna-se possível afirmar que o “sujeito que fala” encontra-se implícito em todo discurso. Trata-se, pois, de uma forma pronominal que não se direciona à objetividade, mas à enunciação, única e que reflete o seu próprio emprego. Sua importância está baseada na função da comunicação intersubjetiva. O *eu* é, senão para a linguagem, um signo “vazio” que se torna “cheio” quando é assumido em um discurso e sobre o qual Benveniste (2005) disserta:

“A linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso. (...) O seu papel consiste em fornecer o instrumento de uma conversação, a que se pode chamar a conversão da linguagem em discurso. É identificando-se como pessoa única pronunciando eu que cada um dos locutores se propõe alternadamente como “sujeito”. (BENVENISTE, 2005, p.280-281)

Por isso, o emprego desse *eu* possui a situação de discurso como sua condição. Constitui-se, portanto, como um signo móvel e versátil, pois possui a liberdade de remeter à instância do seu próprio discurso a cada vez que for assumido por um locutor. Encontra-se, sobretudo, intrinsecamente relacionado ao exercício da linguagem. É a partir deste exercício que o discurso se fundamenta como individual e cada locutor toma para si a linguagem. Assim, quando um ser se apropria da linguagem esta se torna uma instância de discurso cuja referência é o *eu*, representado e definido por meio de sua enunciação como locutor.

Por tudo isto, torna-se notório que *eu* e *tu* não podem ser compreendidos sob o viés de signo virtual, eles existem ao passo que são atualizados na instância de discurso e sobressaltam, a partir de suas próprias instâncias, o recurso de apropriação realizado pelo locutor. Desta forma, não há um conceito para “eu” e “tu” que englobe todos os *eu* enunciados a cada momento por todos os locutores e todos os *tu* para os quais são direcionados os discursos.

O ato de linguagem é um ato de comunicação. Este revela a possibilidade de agir por meio da linguagem, pois *dizer* é transmitir ao *outro* informações sobre o objeto do qual se fala e, também, é tentar agir sobre o interlocutor, sendo uma forma e um meio de ação, para fazê-lo reagir. Assim, o *dizer* não seria apenas um *fazer*, mas um *fazer fazer*.

Assim, Kerbrat-Orecchioni (2005) define o ato de linguagem como uma sequência linguística que apresenta um determinado valor ilocutório e que pretende incitar uma certa transformação por parte do destinatário. Tal transformação pode estar relacionada ao sistema de obrigações conversacionais em que encontram-se envolvidos os interlocutores, relacionada ao estado cognitivo, afetivo ou ainda, ao tipo de relação interpessoal.

Desta forma, todo ato de linguagem depende de um Contrato de Comunicação que, em parte, determina os protagonistas da linguagem em seu duplo viés de sujeitos agentes e sujeitos de fala.

A linguagem é o fenômeno social pelo qual o indivíduo procura interagir e relacionar-se, estabelecer regras de convivência em sociedade a fim de reconhecer-se como ser integrante e participante dessa cultura comum. A partir

dessa relação entre indivíduos, a linguagem cria o sentido e, tal sentido, o lugar social. Por isso, a linguagem é um fenômeno complexo que não se reduz ao simples manejo das regras gramaticais e das palavras no dicionário. Desta forma, o objeto da Análise do Discurso é o estudo do vínculo entre linguagem, sentido e lugar social.

O discurso, então, é analisado como uma produção de enunciados que encontra-se incluída num processo comunicativo no qual há interação entre enunciador e co-enunciador.

Este processo favorece a troca linguageira. Nesta, os parceiros estão ligados por um acordo prévio que permite o reconhecimento das condições de realização da troca linguageira: um contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2006).

Assim, o Contrato de Comunicação é visto como um ritual sociolinguageiro que é constituído pelo conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, destacando que estas restrições resultam das condições de produção e interpretação do ato de linguagem. É o que permite que o ato de comunicação seja reconhecido e aceito sob o ponto de vista do sentido, posto que se estabelece como a condição para que os parceiros do ato de linguagem possam se entender e interagir, permitindo assim, a construção do sentido, objetivo primeiro de qualquer ato de comunicação.

O Contrato de Comunicação constitui-se como a reunião das condições em que se realiza o ato de comunicação seja ele na sua forma escrita ou oral, monolucutiva ou interlocutiva (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p.132).

Em suma, é esse contrato que torna possível aos parceiros de uma troca linguageira reconhecerem-se e, sobretudo, reconhecerem os traços identitários capazes de os definirem como sujeito desse ato, perceberem o seu objetivo e compreenderem sobre o que é constituído o objeto temático da troca e a sua relevância. Desta forma, Charaudeau (2008) diz:

“A noção de *contrato* pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de *reconhecimento* análoga à sua. Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de convívência.” (CHARAUDEAU, 2008, p.56)

Desta forma, confirmamos que um sujeito ao enunciar supõe uma espécie de ritual social da linguagem, envolvido, mas não de maneira tão clara e partilhado pelos interlocutores.

A teoria do contrato refere-se à teoria do gênero, porque pode-se concluir que a reunião de coerções trazida pelo contrato é o que define um gênero de discurso, sendo este compreendido como a classificação de produções escritas segundo suas características. Assim, Charaudeau descreve os diferentes contratos de comunicação: da situação de sala de aula, dos debates televisivos, da crítica cinematográfica, do publicitário, de entrevista e da informação, sendo este último parte do nosso objeto de estudo. Por isso, as estratégias discursivas devem ser analisadas em função desse Contrato.

A ideia de estratégia encontra-se na hipótese de que o Euc (sujeito comunicante) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir efeitos –de persuasão ou de sedução– sobre o Tui (sujeito interpretante) para levá-lo a se identificar –de forma consciente ou não– com o Tud (destinatário ideal) construído por Euc. Para isto, o Euc poderá, ainda, produzir uma imagem ficcional como um espaço de identificação do sujeito com o outro. Ou, ainda, fabricar uma representação de realidade como um lugar de uma verdade exterior ao sujeito e que teria força de lei, ideia com a qual trabalharemos.

A partir dessas asserções, procuramos ressaltar que comunicar é um ato que se apoia em uma dupla expectativa: que o contrato proposto pelo sujeito falante ao sujeito interpretante seja bem percebido por ele e que as estratégias empregadas produzam o efeito desejado.

E ao objetivar produzir efeitos de sentido, o sujeito falante não tem a certeza de que os efeitos pretendidos serão percebidos. Então, conclui-se que o texto produzido é portador de sentidos possíveis. Com isso, toda e qualquer análise de texto nada mais é do que a análise dos *possíveis interpretativos*. Sobre os possíveis interpretativos Charaudeau (2006) disserta:

“São testemunhas das práticas sociais que caracterizam um grupo ou uma comunidade humana. Logo, constituem as representações languageiras das experiências dos indivíduos que pertencem a esses grupos, enquanto sujeitos individuais e coletivos. Porém estas representações não são constituídas a esmo: são organizadas através de elementos languageiros, semânticos e formais, que são, por sua vez, compostos de várias ordens de organização.” (CHARAUDEAU, 2006, p.63)

Desta forma, analisar um texto não é pretender dar conta apenas do ponto de vista do sujeito interpretante. É dar conta dos *possíveis interpretativos* que aparecem no ponto de encontro entre os processos de produção e de interpretação.

Assim, a Análise do Discurso visa captar um sentido oculto, permitindo que sejam construídos procedimentos que exponham o olhar opaco do leitor à ação estratégica de um sujeito.

## A ANÁLISE DO DISCURSO

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008) o termo “análise do discurso” surgiu em um artigo de Harris (1952) para designar a extensão de processos distribucionais a unidades transfrásticas (HARRIS, apud: CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p.43). Concordamos com Maingueneau no que concerne ao discurso não atribuir, como o seu objeto, a organização textual (fechada em si mesma) nem a situação de enunciação, mas, a evocar o pensamento sobre o dispositivo de enunciação que associa uma organização textual e um lugar social determinados.

A noção de discurso já era conhecida para a filosofia clássica. Apresentava um valor bem próximo ao do *logos* grego. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008) o discurso é uma unidade linguística constituída de uma sucessão de frases. Assim, acreditamos que seja pertinente expor as oposições entre o discurso vs língua, discurso vs texto e discurso vs enunciado para uma efetiva compreensão.

Ao pensar a língua como um sistema de valores virtuais, esta se opõe ao discurso entendido como o uso da língua em um contexto particular, que retém determinados valores, podendo fazer com que surjam novos valores. O discurso, aqui, está bem próximo da fala oposta à língua de Saussure.

Ainda de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2008), o discurso pode ser compreendido visando uma dimensão social ou uma dimensão mental. A primeira dimensão entende o discurso como a “utilização, entre os homens, de signos sonoros articulados, para comunicar seus desejos e opiniões sobre as coisas” (GARDINER, apud: CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p.168). A segunda, apresenta um discurso livre da condição psíquica, pois “o físico, que é a fala em si, apresenta-se efetivo, materializado, e, então, no que lhe concerne, livre da condição psíquica de partida” (GUILLAUME, apud: CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p.169).

A língua é um instrumento de comunicação, visto que encontra-se sob a posse de propriedades semânticas e funciona como uma máquina de produzir sentido, em virtude de sua própria estrutura. Assim, Benveniste (2006) disserta sobre a língua e sobre as relações que a une à sociedade, um mecanismo que permite à língua tornar-se o dominador, o interpretante das funções, das estruturas sociais, de um sistema partilhado por membros de grupo:

“A língua pode ser encarada como um sistema produtivo: ela produz sentido graças à sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona este arranjo. Ela produz também indefinidamente enunciações graças a certas regras de transformação e de expansão formais, ela cria, portanto, formas, esquemas de

formação, ela cria objetos linguísticos que são introduzidos no circuito da comunicação”. (BENVENISTE, 2006, p.103)

Dessa forma, ao observar a língua como um sistema partilhado pelos componentes de uma comunidade linguística, este se opõe ao discurso, entendido como uso restrito desse sistema. Com esse uso, o discurso torna-se bastante ambíguo, uma vez que pode representar um conjunto de textos ou mesmo esse próprio conjunto. Dessa forma, temos um discurso que partilha um posicionamento em um campo discursivo como um discurso jornalístico, que representa não só o conjunto de textos produzidos pelos jornalistas quanto o sistema que permite que estes sejam produzidos. Em suma, é produzido um deslizamento, de forma constante, do sistema de regras para os enunciados produzidos.

Com relação à oposição entre discurso e texto, o discurso é observado sob o viés de uma inserção textual em seu contexto, entendido como um conjunto de condições para a produção e sua recepção.

Assim, a seguinte oposição a que propomo-nos estudar diz respeito ao discurso vs enunciado. Estes compõem dois modos de apreensão das unidades transfrásticas. Um, relacionado ao enunciado, a uma unidade linguística, e o outro, a um ato de comunicação social e historicamente marcado, o discurso. Tal oposição permite observar o ponto de vista que Charaudeau e Maingueneau (2008) chama de específico para a análise do discurso: o fato de que a reflexão sobre um determinado texto, a partir do ponto de vista da sua estruturação como língua faz dele um enunciado. E, uma reflexão sobre as situações e condições de produção desse texto permite que ele se constitua como discurso.

As inúmeras formas de significar instigaram os estudiosos ao interesse pela linguagem. Assim, o objeto de estudo da Análise do Discurso, doravante AD, não é a língua, o texto ou a fala, ainda que necessite dos elementos linguísticos para a sua existência material. O seu objeto é o discurso, a palavra em movimento, a prática de linguagem, o que implica em uma exterioridade da língua, em seus aspectos sociais e ideológicos.

Sobre este objeto de estudo Orlandi (2009) argumenta:

“A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da gramática embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento (...) com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (ORLANDI, 2009, p.15)

Em suma, a AD não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, relacionando a linguagem à sua exterioridade. E, portanto, considera que a linguagem não é transparente, por não acreditar que exista um discurso sem sujeito e nem um sujeito sem uma ideologia.

A partir desta ideia, buscamos estudar o discurso midiático dentro do contexto italiano. Tomaremos como base para o nosso trabalho duas instâncias midiáticas: as revistas eletrônicas *L'Espresso* e *Panorama*. Analisaremos o grau de subjetividade por meio do uso dos verbos *dicendi* na seção *Mondo* à luz das teorias de Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau e Catherine Kerbrat-Orecchioni.

Assim, julgamos pertinente dissertar sobre os modos de organização do discurso, visto que se configuram como tópicos importantes em nossa pesquisa.

## OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

Os modos de organização do discurso consistem em agrupamentos cuja função baseia-se em ordenar as categorias de língua, de acordo com suas finalidades discursivas do ato de comunicação. Constiuem, assim, quatro Modos de organização: o Narrativo, o Argumentativo, o Enunciativo e o Descritivo.

### O MODO NARRATIVO

O modo narrativo permite descobrir um mundo construído a partir do desenrolar da sucessão de ações que se inter-relacionam e se transformam numa coordenação e num encadeamento progressivos. Dessa forma, esse modo de organização organiza o mundo de maneira sucessiva e contínua (CHARAUDEAU, 2008), no qual a sua lógica é ressaltada a partir dos seus pólos: princípio e fim.

Para tal, o sujeito que narra acaba desempenhando o papel de testemunha que parece estar em contato direto com o acontecido. Lembramos que este sujeito pode não estar diretamente em contato, assim como também pode se tratar de uma relação fictícia, fato que se demonstra intimamente relacionado à intencionalidade do enunciador. Sobre isto, Charaudeau (2008) disserta:

“Para que haja narrativa, é necessário um “contador” (que se poderá chamar de *narrador*, *escritor*, *testemunha*, etc.), investido de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa (uma certa representação da experiência do mundo) a alguém, um “destinatário” (que se poderá chamar

de *leitor, ouvinte, espectador, etc.*), e isso, de certa maneira, reunindo tudo aquilo que dará um sentido particular a sua narrativa. Evidentemente, não estão excluídas dessa intencionalidade todas as significações não conscientes das quais o contador poderia ser o portador involuntário.” (CHARAUDEAU, 2008, p.153)

É possível constatar que o discurso narrativo constitui-se em dois níveis que são assim classificados: a estrutura lógica e a superfície semantizada. Esta superfície apresenta a estrutura lógica como sua base e joga com ela a ponto de transformá-la, pois admite ser resumida ou ampliada.

Segundo Charaudeau, o modo narrativo se caracteriza por uma dupla articulação. Numa, há a construção de uma sucessão de ações que se constitui como a trama da história, a chamada *organização da lógica narrativa*. Na outra, dá-se a representação narrativa que contribui exatamente para que haja um universo possível de ser narrado, chamada de *organização da encenação narrativa*. Assim Genette (GENETTE, apud: CHARAUDEAU, 2008, p.158) disserta e permite compreender que a construção lógico-narrativa só é construída de forma hipotética, através do processo de narração:

“Não há “conteúdos narrativos”: há encadeamentos de ações ou acontecimentos, suscetíveis de um modo de representação qualquer (...), e que só se qualificam como “narrativos” porque se encontram numa representação narrativa” (CHARAUDEAU, 2008, p.158)

É, enfim, um discurso que obedece ao princípio de fechamento e de lógica sintática e, dessa forma, permite realizar efeitos de redução ou de amplificação

dentro dessa estrutura lógica que Charaudeau (2008) chama de *espinha dorsal narrativa*.

Vale mencionar que essa estrutura constitui uma diferença importante no tocante ao modo descritivo -importante ponto de estudo em nossa pesquisa-, uma vez que este não obedece a nenhum princípio de fechamento e, por isso, não permite ser resumido. Contudo, esse modo de organização virá exposto mais adiante.

## O MODO ARGUMENTATIVO

Esta modalidade discursiva constitui os fundamentos que favorecem a produção da argumentação através de suas várias formas. Tem por finalidade tornar possível a construção de explicações de asserções realizadas em uma perspectiva que visa a *razão demonstrativa* e a *razão persuasiva*.

A razão persuasiva tem como fundamento a busca pela prova. Para tal, utiliza argumentos que possam justificar as propostas mencionadas e seu êxito está diretamente relacionado ao procedimento de encenação discursiva, isto é, à encenação argumentativa. Esta consiste, para o sujeito que busca a argumentação, em utilizar meios que sirvam ao propósito da comunicação em função da situação e da forma pela qual percebe o seu interlocutor. Tais meios apresentam a função primordial de validar a argumentação, ou seja, indicar que o quadro de questionamento (proposição) é justificado. Para isso, é necessário produzir a prova.

Esta razão depende do sujeito que argumenta e da situação em que se encontra frente ao interlocutor ao qual está ligado através de um contrato de comunicação. Dessa maneira, o sujeito está novamente no centro da encenação. Com isso, apenas emitir propostas sobre o mundo não é suficiente. Torna-se importante que tais propostas se convirjam num quadro de questionamentos e que a partir deste possa gerar um ato de persuasão.

Por sua vez, a razão demonstrativa visa a estabelecer relações entre as asserções estabelecidas por meio dos procedimentos (semânticos, discursivos e de composição) que fazem parte do que Charaudeau chama de *organização da lógica argumentativa*. Tais procedimentos encontram-se ligados ao sentido das asserções, ao tipo de relação que os tornam próximos e ao tipo de validação que os caracterizam.

Vale a pena destacar que, de acordo com Charaudeau, nem toda asserção pode ser vista como argumentativa, posto que para tal ela precisa se inscrever em um dispositivo argumentativo. Este, por sua vez, é compreendido como a junção entre a proposta, a proposição e a persuasão, itens suscetíveis de se superpor dentro da configuração discursiva de uma dada argumentação.

Também torna-se válido mencionar que a argumentação depende da situação de comunicação, pois é nesta que encontramos o sujeito que realiza a argumentação. É a partir desta situação de comunicação e do projeto de fala do sujeito que os componentes do dispositivo serão utilizados.

Os fatores situacionais que contribuem para a configuração da argumentação são a situação de troca ou o contrato de fala. A primeira pode se

apresentar sob a forma monologal ou dialogal. A monologal prevê que o próprio sujeito coloque em evidência a proposta, a proposição e desenvolva o ato de persuasão. Já a dialogal sugere que a proposta, a proposição e a persuasão sejam desenvolvidas ao longo da troca languageira.

Com relação ao contrato de comunicação, é ele que revela as chaves de interpretação de um determinado texto. O texto, por sua vez, pode remeter ao contrato, o que classifica a argumentação como explícita. Caso o contrato seja dissimulado, a argumentação é classificada como implícita.

Assim, o modo argumentativo se inscreve sob um viés que o diferencia em larga escala do modo tratado anteriormente. É possível afirmar que uma narrativa é inventada ou até mesmo inexata, porém a contestação não a destrói. Em contraposição, certa argumentação pode passar por este processo de contestação e ter seu fundamento anulado, por isso Charaudeau afirma que a argumentação desaparece sob a contestação se não logra superá-la.

## O MODO ENUNCIATIVO

O Gênero Imprensa caracteriza-se, em geral, pela junção de diversos Modos de Organização, em que se encontram gêneros com tendência descritiva e narrativa (reportagens, relatos, "*faits divers*") ou com tendência argumentativa (comentários e análises), e ainda, enunciativa. (CHARAUDEAU, 2008)

O modo de organização enunciativo apresenta como prioridade os protagonistas, os seres de fala, internos à linguagem. Trata-se de uma categoria de discurso que atenta para a maneira pela qual o sujeito falante age na

encenação do ato de comunicação. Este, como tem a função essencial de dar conta da posição do locutor em relação ao interlocutor, a si e aos outros, acaba resultando na construção de um aparelho enunciativo e, sobretudo, intervindo na encenação de cada um dos outros três modos de organização (descritivo, narrativo e argumentativo), comandando-os.

Sob a perspectiva da Análise do Discurso, de acordo com Charaudeau, enunciar é um fenômeno que se baseia na organização das categorias de língua, de modo que exponham a posição que o sujeito falante ocupa em relação ao interlocutor, em relação ao que ele diz e em relação ao que o outro diz.

Assim, na construção enunciativa podemos verificar a existência de alguns comportamentos enunciativos: o Alocutivo, o Elocutivo e o Delocutivo. Procuraremos, aqui, distingui-los para melhor compreendê-los.

No Comportamento Alocutivo o sujeito falante, através de sua enunciação, indica sua posição perante o mundo que o cerca e o incita a um comportamento, agindo, assim, sobre o interlocutor. Ocorre, neste caso, uma relação de influência do locutor sobre o interlocutor. Este é instigado, pelo ato de linguagem do locutor, a alguma reação, a qual Charaudeau (2008) define como *relação de influência*.

Com isso, torna-se nítida a presença dos papéis languageiros que são distribuídos pelo sujeito falante a si e a seu interlocutor. Um destes papéis diz respeito à posição de superioridade do sujeito falante ao seu interlocutor, quando aquele impõe a realização de uma ação a este, estabelecendo, desta forma, uma relação de força entre os dois. Inversamente, o outro papel languageiro está

relacionado à posição de inferioridade do sujeito falante. Nesta, é produzida uma espécie de “pedido” ao interlocutor, de seu saber ou de sua aprovação.

Ao contrário do Comportamento Alocutivo, no Elocutivo o sujeito falante relata suas ideias e seus pontos de vista sobre o mundo que o cerca sem implicar a posição do interlocutor. Há, nesta enunciação, a relevância do ponto de vista interno do sujeito falante.

O Comportamento Delocutivo tem como resultado uma enunciação – aparentemente desvinculada da subjetividade do locutor – que faz a retomada, no ato de comunicação, de textos e asserções, que não pertencem ao sujeito falante. Este busca se apagar de seu ato de enunciação e atuar apenas como relator. Ele relata aquilo que o outro diz e como o outro diz. Assim, essa modalidade Delocutiva é desvinculada do locutor e do interlocutor e o propósito existe em si, e se impõe aos interlocutores através do Discurso Relatado.

Deste modo, buscamos distinguir as três funções do Modo Enunciativo: o Alocutivo, o Elocutivo e o Delocutivo, sendo este último um ponto de interesse para o nosso presente estudo, no que diz respeito ao Discurso Relatado. Mas, torna-se extremamente relevante mencionar que o componente de enunciação elocutivo é, também, assunto bastante importante em nossa pesquisa no que tange às relações de influência e de força e ainda, à incitação, temas presentes em nosso *corpus* de análise.

## MODO DESCRITIVO

O modo descritivo faz parte de um procedimento discursivo, sendo este um processo que pode combinar-se com outros modos de organização do discurso como o Narrativo e o Argumentativo. Isto significa que um texto pode apresentar uma organização de maneira totalmente descritiva ou, apenas, parcialmente. Assim, ele pode intervir tanto em textos literários quanto em outros não-literários como é o caso da nossa pesquisa que busca analisar os textos midiáticos.

Segundo Charaudeau (2008), os termos *descrição* e *descritivos* eram empregados como sinônimos na tradição da crítica literária francesa. Porém, é válido mencionar que para a mesma, o termo *descrição* é definido através da oposição ao elemento *relato*. Este, então, é compreendido como uma descrição da sucessão das ações, assentado no tempo e que apresenta um olhar dinâmico. Aquele, reflete um olhar mais estático, situado fora do tempo e da seqüência dos acontecimentos, existindo como um componente do relato.

Sob a perspectiva da Análise do Discurso, baseada na perspectiva da Semiótica Moderna (CHARAUDEAU, 2008), o descritivo é um procedimento discursivo e a descrição um termo usado para definir um texto. O primeiro é um processo e o segundo o resultado.

Assim, o modo descritivo atua com três componentes autônomos e indissociáveis: nomear, localizar e qualificar. Ou seja, consiste em um modo de organização que permite observar o mundo e tornar existentes os seres nomeando-os, localizando-os e atribuindo a eles qualidades que os tornem singulares.

Desta forma, esses atos são configurados como componentes da construção descritiva na qual a denominação é percebida não por um viés de pura etiquetagem, mas como o resultado de um processo que consiste em dar existência a um ser e em perceber sua diferença, sua semelhança para, então, classificá-lo, constituindo assim seu ponto de referência.

A partir desse enfoque, chegamos ao outro componente que trata da localização. Seu objetivo principal é determinar o lugar que o ser ocupa no espaço e no tempo, atribuindo características, se delas depender a sua posição no espaço e no tempo.

Percorrendo ainda este caminho, encontramos a atividade ligada à qualificação que consiste em conceder explicitamente a um ser uma qualidade, caracterizando-o, ou seja, qualificando-o. Portanto, trata-se de reduzir uma ampla gama de possibilidades, o que permite a criação e a divisão em classes e subclasses. Desta maneira atribui-se um sentido particular ao ser em questão, que variará num sentido mais ou menos objetivo/subjetivo, visto que depende do foco, direcionado pelo sujeito falante. Segundo Charaudeau (2008), esta é, portanto, a atividade que concede ao sujeito falante a manifestação de seu imaginário da construção e da apropriação do mundo:

“De fato, toda qualificação tem origem no olhar que o sujeito falante lança sobre os outros seres e o mundo, testemunhando, então, sua subjetividade. (...) A descrição pela qualificação pode ser considerada a ferramenta que permite ao sujeito falante satisfazer seu desejo de posse do mundo: ele é que o singulariza, que o especifica, dando-lhe uma substância e forma particulares, em função de sua própria visão das coisas, visão essa que depende não só de

sua racionalidade, mas também se seus sentidos e sentimentos.” (CHARAUDEAU, 2008, p.115)

Contudo, há que se destacar que estes sujeitos vivem em coletividade e que, por isso, compartilham normas sociais. Estas, por sua vez, auxiliam a regular a relação entre os seres e suas qualidades, sendo importante no tocante ao conhecimento de mundo exigido ao interlocutor do sujeito falante. Assim visto, o ato de qualificar permite ao sujeito falante manifestar o imaginário individual ou coletivo a partir de suas próprias visões ou das oriundas de consensos sociais.

Alguns procedimentos discursivos e linguísticos da descrição são utilizados durante o processo construtivo da descrição. Relacionado ao componente discursivo, o ato de nomear equivale a um procedimento de identificação e o de localizar, exemplifica uma construção mais objetiva do mundo. Já o ato de qualificar indica um procedimento de construção de mundo que tende ao objetivo e ao subjetivo.

O processo de denominação que pode fornecer uma identificação mais genérica ou mais específica tende a recensear o ser ou informar a identidade desse ser. Com isso, o recenseamento consiste em agrupar os seres em inventários ou listas que os reúnem de acordo com sua função, espécie, atividade ou composição. Vale a pena ressaltar que tais seres podem ser humanos ou não, assim como também materiais ou não.

Com relação à finalidade de informar, observa-se que esta traz a ideia de um “fazer conhecer” o ser quando a partir do qual torna-se imprescindível à compreensão de um relato ou citação, por exemplo. E, na imprensa, tal

procedimento encontra terreno fértil. Por isso, este se configura parte importante em nossa pesquisa que visa ao estudo da cena enunciativa que comporta os verbos *dicendi* no *discours rapporté*, dentro das revistas eletrônicas italianas L'Espresso e Panorama, para a verificação da presença de subjetividade no ato de reportar um discurso.

Sobre uma construção do mundo mais objetiva, acreditamos assim como Charaudeau (2008), que esta se realiza através de qualificações que possam ser verificadas por qualquer sujeito e que não dependeria, portanto, da visão subjetiva daquele que descreve, pois é resultado de uma visão de mundo partilhada pelos integrantes do meio social, uma vez que funciona como uma espécie de consenso sobre o ser em questão acerca de sua localização, quantidade ou suas funções, por exemplo.

Esse tipo de construção é encontrado mais freqüentemente em textos cuja finalidade é contar ou explicar. Tal construção compõe parte relevante em nosso estudo, pois acolhe as reportagens que informam determinados acontecimentos, descrevendo suas características. É válido destacar que as descrições, nesse contexto, atuam como uma prova para os comentários e possíveis explicações desenvolvidas.

A construção subjetiva permite que o sujeito falante descreva os seres à sua maneira, de acordo com seu ponto de vista sobre o mundo, isto é, a partir do seu imaginário pessoal e com as especificações do universo da construção da descrição. Assim, pode-se encontrar o que Charaudeau (2008) chama de *descrição ficcional* – o mundo, aqui, existe de forma mitificada pelo narrador,

podendo até estar baseado em certa realidade – ou ainda, ter acesso à *descrição subjetiva* na qual há pontuações do narrador acerca da descrição do mundo que deixam claros seus pensamentos e opiniões.

Toma-se pertinente ressaltar, a propósito de tais pontuações realizadas pelo narrador, que procuramos identificar, em nossa pesquisa, a presença da subjetividade a partir dos verbos introdutórios do discurso reportado, porém por meio da análise de textos jornalísticos cuja finalidade principal é informar, mas também seduzir o co-enunciador.

## OS EFEITOS DESCRITIVOS

Na encenação discursiva, o sujeito falante se torna o descritor, o qual pode intervir de maneira explícita ou não. Em consequência, produz efeitos diversos como o efeito de *saber*, através do qual o sujeito falante/ descritor sugere uma imagem de si entrelaçada a de um sábio que tudo conhece e, portanto, capaz de expor as identificações necessárias à compreensão por parte do sujeito leitor, o qual crê desconhecer tais informações. Esse conhecimento é que dá o tom de veracidade ao relato, pois funciona como uma prova de sua veracidade.

Os efeitos de *realidade* e de *ficção* colaboram para a construção de uma imagem dupla do descritor que, às vezes, é exterior ao que descreve e, outras vezes, não, pois se apresenta como parte de sua organização.

Outro efeito produzido pelo descritor é o de *confidência*, no qual ele exprime uma reflexão pessoal através de uma intervenção explícita ou implícita que incita a interpelação do leitor, chamando-o a compartilhar uma reflexão sua.

Já o efeito de *gênero* resulta do uso de determinadas características pertencentes a outros gêneros em um texto para que este não se torne repetitivo ou previsível. Assim, uma entrevista ou uma reportagem pode ser iniciada através de um tom típico de outro gênero.

É importante mencionar que a extensão de uma descrição está relacionada à sua finalidade: contar, explicar ou informar. Com relação à finalidade de contar, sua extensão está subordinada à dramatização do relato, que por sua vez, está subordinado às regras do gênero. Relacionado ao objetivo de explicar, sua extensão depende do recurso argumentativo utilizado, como as definições usadas, por exemplo. Sobre uma descrição para informar, nosso ponto de observação no presente estudo, sua extensão depende da quantidade de informações, do suporte, isto é, da prova que constitui a veracidade do exposto e do destinatário ao qual se dirige a informação.

## 2. AS ASPAS: A RESPONSABILIDADE PELO ENUNCIADO

Um efeito de objetividade é criado a partir da distinção entre a instância de enunciação e a do enunciado. Assim, quando um enunciado é produzido, podem ser incorporados a ele enunciados de outros através do uso das aspas, permitindo que haja, assim, a presença de diferentes responsáveis por essa enunciação.

Trabalharemos, nesse momento, com os termos locutor e alocutário. Entendemos, assim como Fiorin (1999) que o primeiro simboliza a voz de outra pessoa que susurra em um enunciado de um narrador ou interlocutor. Por isso, o locutor é compreendido sob a ótica de uma fonte enunciativa responsável por determinado enunciado inserido em um outro enunciado.

Ao utilizar e demarcar o espaço entre o discurso citante e o discurso citado, acentua-se que o enunciado que se encontra sob as aspas não pertence a quem o pronunciou, mas a um locutor que pode ou não ser reconhecido ou identificado, pois equivale a uma inserção em outro espaço enunciativo. Tal fato ressalta que aquele que o utiliza não deseja assumir a responsabilidade por esse enunciado. Dessa forma, Maingueneau (1993) disserta:

“as aspas designam a linha de demarcação que uma formação discursiva estabelece entre ela e seu “exterior”; um discurso efetivamente só pode manter à distância aquilo que ele coloca fora de seu próprio espaço. Uma formação discursiva se estabelece entre estes dois limites, a saber, um discurso totalmente entre aspas, do qual nada é assumido, e um discurso sem aspas que pretenderia não estabelecer relação com o exterior.(...) Colocar entre aspas não significa dizer explicitamente que certos termos são mantidos à distância, é mantê-los à distância e,

realizando este ato, simular que é legítimo fazê-lo.”  
(MAINGUENEAU, 1993, p.90)

Dessa forma, é possível dizer que, a partir de tal mecanismo, sua eficácia é atingida, pois se for retirada de seu contexto torna-se impossível interpretar essa enunciação entre aspas e para tentar, de alguma forma, reconstruí-la, será necessário buscar a significação da situação da enunciação da qual essas aspas são indícios. Assim, tais aspas encontram-se relacionadas a um movimento da enunciação e à formação discursiva na qual ela se insere e, portanto, inscreve-se.

Através do uso das aspas, aquele que as utiliza, realiza uma certa imagem de seu alocutário e, conseqüentemente, fornece a ele uma dada imagem de si, isto é, da sua imagem como locutor. Por meio das aspas, o enunciador salienta uma não coincidência com seu enunciado, fato que ressalta uma reserva de sua parte e que constitui uma espécie de jogo na interação entre os participantes da cena enunciativa. Desta forma, além de atrair a atenção do receptor à enunciação, ele se protege de uma possível crítica do sujeito destinatário ao seu enunciado, pois deixa transparecer outras vozes nele e, ainda, oferece uma espécie de prova argumentativa ao seu discurso, tendo em vista que insere o outro, isto é, aquele de quem se fala ou aquele que, de alguma forma, representa uma autoridade para esse enunciado.

Por isso, as diversas instâncias enunciativas e as diferentes vozes atuantes no enunciado participam de uma heterogeneidade. Através dessa heterogeneidade, o discurso que tende ao conflitual e heterogêneo ou contratual

e homogêneo apresenta vozes em tom de discordância ou concordância, constituindo, desse modo, diferentes níveis.

Assim, como as aspas exercem grande destaque em nossa pesquisa, uma vez que o discurso reportado, apresentado nas revistas eletrônicas *L'espresso* e *Panorama*, apresenta-se em sua totalidade exposto por meio delas, acreditamos que tenha sido pertinente realizar esta introdução que dará prosseguimento ao nosso tema em questão.

## O DISCURSO RELATADO E O PROCEDIMENTO DE CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVA

Sabemos que todo ato de linguagem depende, de um modo ou de outro, do sujeito falante e de seus diferentes pontos de vista. Esta é, portanto, uma espécie de encenação protagonizada pelo sujeito falante, como se fosse possível a ele não ter um ponto de vista e como se ele pudesse se anular por completo do ato de enunciação e deixar o discurso falar por si. Constitui-se pela heterogeneidade mostrada, pois revela a presença de outras vozes, marcadas, na voz do sujeito falante.

Porém, acreditamos que o sujeito discursivo funcione pelo inconsciente e pela ideologia. Pois, o discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para um outro. Assim, não existe um discurso fechado em si, mas um processo discursivo do qual podem ser feitas pontes.

A seguir o quadro dos procedimentos de construção enunciativa, ressaltando o Comportamento Enunciativo, a Especificação Enunciativa e a Categoria de Língua correspondente dos modos Elocutivo, Delocutivo e Alocutivo, sendo estes dois últimos os modos com os quais trabalharemos em nossa pesquisa.

	ELOCUTIVO	DELOCUTIVO	ALOCUTIVO
<b>COMPORTAMENTO ENUNCIATIVO</b>	PONTO DE VISTA SOBRE O MUNDO  (relação do locutor consigo mesmo)	APAGAMENTO DO PONTO DE VISTA  (relação do locutor com um terceiro)	RELAÇÃO DE INFLUÊNCIA DE  (relação do locutor ao interlocutor)
<b>ESPECIFICAÇÃO ENUNCIATIVA</b>	1- Modo de saber	1- Como o mundo se impõe	1- Relação de força: +locutor / -interlocutor
	2- Avaliação		
	3- Motivação	2- Como o outro fala	2- Relação de pedido: -locutor / +interlocutor
	4- Engajamento		
	5- Decisão		
<b>CATEGORIA DE LÍNGUA</b>	1.a- Constatação Saber/ Ignorância	1.a- Asserção	1.a- Interpelação, injunção, autorização, aviso, julgamento, sugestão e proposta
	2.a- Opinião Apreciação		
	3.a- Obrigação Possibilidade Querer		
	4.a- Promessa, aceitação/ recusa, acordo/ desacordo, declaração	2.a- Discurso Relatado	2.a- Interrogação, pedido
	5.a- Proclamação		

Acreditamos que seja importante ressaltar que a asserção, à qual fazemos menção no modo Delocutivo, aqui, é entendida como um fenômeno de enunciação, sobre a qual Charaudeau (2008) disserta:

“É uma modalidade que está incluída no Delocutivo, não dependendo nem do locutor nem do interlocutor, o que explica o apagamento de vestígios desses dois parceiros nas configurações linguísticas.” (CHARAUDEAU, 2008, p.100)

Seguindo a definição de Charaudeau (2008) , o discurso relatado é o ato de enunciação através do qual um locutor (Loc/r) relata (Dr)o que foi dito (Do) por um outro locutor (Loc/o), direcionando-se a um interlocutor (Interloc/o). É uma modalidade complexa que depende da posição dos interlocutores, das maneiras de relatar um discurso já enunciado, e da descrição dos modos de enunciação de origem.

Assim, um Locutor se dirige a um Interlocutor em um determinado Tempo e em um determinado Espaço para relatar o Discurso de origem feito pelo Locutor de origem que se dirigia naquele momento a um determinado Interlocutor (I.O) num determinado Tempo (T.O) e num determinado Espaço (E.O). Com isso, pode ocorrer a intervenção de intermediários, pois o Locutor-relator pode não coincidir com o Interlocutor de origem (I.O).

A partir desta possibilidade, o grau de fidelidade pode ser alterado haja vista o discurso emitido que pode ser relatado com mais ou menos fidelidade, o que pode estar ligado a uma intenção clara ou não, da parte do relator.

E, sobretudo, através do discurso reportado pode-se perceber claramente a distância entre os discursos conforme Fiorin (1999):

“O discurso reportado é a citação, pelo narrador, do discurso de outrem e não apenas de palavras ou sintagmas. É a inclusão de uma enunciação em outra. Nesse caso há um discurso citante e um discurso citado.” (FIORIN, 1999, p.72)

Utilizar o discurso direto, cuja construção faz referência diretamente às palavras ditas por outra pessoa, reflete a finalidade de criar efeitos de sentido de realidade, pois tal utilização dá a impressão de que o narrador/jornalista está apenas repetindo o que disse o interlocutor devido ao distanciamento promovido por este tipo de discurso (FIORIN, 1999). Assim, esta também pode ser uma hábil maneira de, escondendo-se atrás de um outro, sugerir o que se pensa sem, necessariamente, ser responsável por isto, haja vista a asserção que se encontra protegida, pois não foi o narrador / jornalista quem a pronunciou.

Por isso, julgamos pertinente destacar que o sujeito ao enunciar, ao fazer-saber, mostra suas escolhas, posto que sua imagem é transposta para o discurso, isto é, enfim, o *ethos* que se constitui como parte importante da cena enunciativa.

## O *ETHOS*

Na retórica antiga *ethé* representava as características implícitas que os oradores deixavam transparecer por meio de seu modo de dizer. Assim, no que tange às características, não se tratava especificamente do que eles diziam de si mesmos, mas aquilo que revelavam através da própria maneira de se

expressarem, pois todo ato de tomar a palavra acarreta a construção de uma imagem de si, visto que o locutor oferece em seu discurso a sua representação.

Vale a pena mencionar que a retórica é compreendida como o estudo da arte de persuadir através do discurso e este discurso que é persuasivo possui a característica principal da adaptação ao contexto interlocutivo e ao auditório que almeja influenciar.

O *ethos* perpassa pela oposição entre o oral e o escrito. E o *corpus* escrito não é visto de forma menos fortalecida, em relação à oralidade da retórica, posto que é algo dotado de uma “voz” específica que habita a enunciação do texto, gerada como uma dimensão da formação discursiva. Ou seja, todo discurso escrito possui uma vocalidade específica, que torna possível o seu relacionamento a uma fonte enunciativa. Desta forma, em Análise do Discurso, os efeitos produzidos sobre o outro não são impostos pelo sujeito, mas pela formação discursiva.

Contudo, o *ethos* é definido, dentro da tradição da retórica, como a imagem de si construída pelo locutor em seu discurso para persuadir o seu alocutário (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p.220). Ele não se apresenta apenas em seu caráter estatutário, mas como uma voz no enunciado, que pode ser entendida como um tom que se inter-relaciona tanto no plano escrito quanto no falado e que apresenta como sua base a dupla imagem do enunciado, relacionadas a “um caráter e uma corporalidade” (MAINGUENEAU, 1993, p.46-

47). Assim, tanto o que é dito quanto o tom<sup>1</sup> com que é dito tornam-se igualmente importantes.

A voz implica a existência de uma origem enunciativa, do corpo do enunciador, sendo uma representação da instância subjetiva que exerce a função de fiador. Este se apresenta imbuído de um caráter e uma corporalidade. É através de seu próprio enunciado que esse fiador legitima o que diz e a maneira pela qual diz.

Cabe explicar que o “caráter” engloba, aqui, as representações / os estereótipos que o co-enunciador atribui, de modo espontâneo, ao enunciador, de acordo com o seu modo de dizer e corresponde aos traços psicológicos. Já a “corporalidade” encontra-se ligada a certa representação do corpo da formação discursiva do enunciador. Destarte, esta formação dá corpo à imagem do enunciado e a do destinatário/co-enunciador que, por sua vez, fornece-lhe um corpo textual. Está associada a uma construção corporal e à forma de movimentação relacionada ao espaço social em que se determina. Assim, o ethos implica a relação entre o corpo e o discurso, posto que a instância enunciativa do discurso se manifesta não apenas como um texto, mas como uma voz, sobretudo por estar essencialmente ligada à enunciação.

Desta forma, o produtor do texto – tal texto que é uma enunciação e é direcionado a um co-enunciador – busca fazer com que esse co-enunciador se

---

<sup>1</sup> Concordamos com Maingueneau que, neste momento, prefere chamar de tom a voz presente em certas formações discursivas: “preferimos chamar de tom à medida que seja possível falar do “tom” de um texto do mesmo modo que se fala de uma pessoa” (MAINGUENEAU, 1993, p.46).

reconheça a partir do enunciado e adira a ele, participando, assim, do processo persuasivo.

A noção de *ethos* permite a reflexão sobre a adesão à determinada posição discursiva, através da persuasão, uma vez que pretende produzir no seu co-enunciador uma disposição em relação ao enunciador.

A adesão, desse modo, refere-se aos efeitos de crença em uma opinião. Consiste, mais especificamente, em conceder uma crença à posição que determinada pessoa se encontra. Desta forma, passa-se de uma maneira de ver ou fazer à certeza de que aquela e, só aquela, é válida, incorporando assim essa tal maneira de ver que se torna uma maneira de crer. E ao enunciar, o sujeito revela suas crenças, isto é, seus comportamentos e escolhas.

#### *LOGOS, ETHOS E PATHOS*

Vale a pena, neste momento, realizar uma breve reflexão sobre a trilogia aristotélica *logos*, *ethos* e *pathos* que compõem os três componentes da persuasão, posto que nosso foco está direcionado ao *ethos* enunciativo. Para Aristóteles o *ethos* contribui para a persuasão e, desta forma, ele se afastou dos demais teóricos de sua época. Sob esta perspectiva, o *ethos* engloba o caráter apropriado a cada tipo de discurso que o orador/enunciador busca projetar em seus auditórios / co-enunciadores, engendrando neles certa disposição em relação ao enunciador.

Assim, o lugar em que é produzido este *ethos* é, então, o discurso, o *logos* deste enunciador e, tal lugar, se mostra apenas por meio das escolhas realizadas

por ele, posto que toda maneira de expressar é resultado da escolha entre diversas possibilidades linguísticas e estilísticas. O *logos* é, sobretudo, o apelo à razão, através de argumentos. (PERELMAN, apud: AMOSSY, 2008, p.94). Ele convence em si e por si mesmo, não dependendo da situação de comunicação. Já o *ethos* e o *pathos* estão relacionados à especificidade de uma situação e, também, aos indivíduos interligados a ela.

Como a retórica, tal trilogia baseia-se numa teoria que explora o espírito humano. O termo *pathos* constitui um dos três argumentos, ou provas, que são destinados à persuasão. Através da ação discursiva, visa a produzir a emoção em seu auditório ou em seu interlocutor. Desta forma, o orador se impõe pela transmissão do seu estado emocional ou que deseja projetar, buscando assim a identificação do seu interlocutor, fato que se apoia, por sua vez, sobre o efeito do *ethos*.

Para atingir tal objetivo emocional, utilizam-se outros recursos, que não apenas os linguísticos, como objetos ou cenas emocionantes para que estes exasperem e provoquem a emoção, isto é, são usados meios extradiscursivos enquadrados nesse dado momento da cena enunciativa. Mas em casos em que não há a possibilidade de trabalhar o *pathos* através dos meios supramencionados, o locutor utiliza a descrição como recurso, fazendo com que se exarcebem os fatos cruéis, indignos, odiosos ou sublimes, e induz o seu alocutário a uma atitude emocional, como é o caso fortemente marcado da escrita jornalística que visa, sobretudo, à adesão do seu co-enunciador. Em suma, o

*pathos* surge como um conjunto de emoções que o enunciador procura fazer emergir em seu co-enunciador.

Julgamos interessante ressaltar que os itens acima mencionados são extremamente relevantes em nossa pesquisa, pois buscamos estudar a cena enunciativa midiática que comporta os verbos *dicendi* e, a partir deles, mapear os aspectos gerais, com suas constantes e variáveis, da situação de enunciação, tendo em vista a escolha que o enunciador faz quanto à utilização desses verbos para expressar o *discours rapporté*, enquanto representante de uma instância midiática, para então verificar a presença de subjetividade na apresentação da informação, através destes verbos.

A eficácia do *ethos* está relacionada ao envolvimento da enunciação que não é explicitada no enunciado. Desta maneira, um orador pode “conquistar” os ouvintes pela fluência, entonação, pela escolha das palavras e dos argumentos, pela imagem projetada e adaptada ao público e, assim, convencê-los, posto que, de acordo com Aristóteles, o *ethos* constitui uma prova importante no contexto persuasivo (ARISTÓTELES, apud: AMOSSY, 2008, p.40). Está intimamente ligado ao ato de enunciação, não é dito mas revelado. Há que se ressaltar, porém, que, antes que o enunciador fale, o público/co-enunciador constrói imagens representativas e expectativas do *ethos* do enunciador, o chamado *ethos* pré-discursivo.

É, então, uma imagem prévia. Constitui-se através do conhecimento de mundo dos interlocutores, sendo mobilizada pelo enunciado em situação. Assim, uma assinatura ou um nome são capazes de construir uma representação

estereotipada a qual se torna importante no jogo da troca verbal. Tal imagem pode ser confirmada ou transformada, de acordo com o que afirma AMOSSY (2008):

“A construção da imagem de si no discurso tem, em contrapartida, a capacidade de modificar as representações prévias, de contribuir para a instalação de imagens novas”.  
(AMOSSY, 2008, p.138)

No discurso, é criada uma imagem verbal organizável através dos elementos presentes na representação dos papéis preexistentes no interior da cena genérica, gerando os estereótipos. Estes, permitem serem apreendidos tanto no nível da enunciação quanto no nível do enunciado. Em consequência, essa imagem de si, construída nesse discurso e que é parte integrante da interação verbal, precisa a capacidade do locutor influir sobre seus alocutários, talvez devido à posição que ocupe e à imagem que evoque a qual delimita a sua autoridade no momento em que toma a palavra.

Ao pronunciar um discurso, ao fazê-lo existir, lhe é conferido certo viés de realidade. Assim, esse discurso atua de forma a dar uma legitimidade que ainda não lhe é assegurada. Isso quer dizer que a autoridade do locutor não descende do seu estatuto exterior. Busca-se, para isto, produzir tal autoridade pelo discurso, através de uma troca verbal, objetivando legitimá-la e torná-la reconhecida. E vale a pena ressaltar que essa autoridade encontra-se presente, redefinindo-se, dentro do espaço incessantemente implicado da troca verbal.

Convém mencionar que o *ethos* está intimamente ligado à noção de cena de enunciação, uma vez que essa é pressuposta pelo discurso para ser enunciada e o discurso tende a validar essa cena de enunciação na qual cada gênero de discurso especifica, em parte, a imagem de si projetada pelo locutor. Essa imagem pode ser escolhida por ele mais ou menos livremente, de acordo com o cenário instaurado.

Contudo, é à Pragmática que tange o desenvolvimento sobre a questão da imagem de si no discurso, posto que para ela a linguagem é considerada como uma forma de ação e cada ato de fala torna-se inseparável de uma instituição pressuposta pelo fato de ser realizada (MAINGUENEAU, 1993). Por isso, a Pragmática pode ser definida como o estudo da linguagem em ação. Assim, o locutor age sobre seu parceiro na troca verbal, passando, portanto, à interação. E, desta forma, os atores dessa troca exercem, uns sobre os outros, influências mútuas. Assim, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005, p.18), o discurso apresenta, sobretudo, um caráter basicamente cooperativo, sendo pressuposta em todos os níveis a interação recíproca do locutor, pois revela, principalmente, que ele é compreendido “como uma espécie de encenação que exige pelo menos dois atores”.

É a construção discursiva de uma imagem de si que fornece ao orador/enunciador sua autoridade para influir na opinião do público/co-enunciador e de, conseqüentemente, moldar comportamentos e atitudes. Portanto, comprova a ótica da pragmática, pois a partir da fala, que possui um poder e produz um

efeito, há uma ação sobre o alocutário/destinatário, permitindo assim, uma interação.

Dessa maneira, a instância do orador/enunciador é composta pela posição adquirida de forma implícita pelo locutor, pelo seu *ethos* prévio e pela sua imagem construída no discurso. E esse *ethos* se torna socio-histórico à medida que se desenvolve a partir de esquemas coletivos e compartilhamentos sociais, como os estereótipos. Torna-se deveras relevante expor que a estereotipagem fundamenta-se em enxergar o real através de uma representação cultural pré-existente, ou seja, por meio de uma representação coletivamente cristalizada e partilhada. Por isso, o estabelecimento do *ethos* pré-discursivo apoia-se sobre um modelo pré-construído em determinada categoria já difundida e classificada.

A partir dessas asserções, podemos perceber que esta é uma via de duplo acesso, pois se o co-enunciador cria estereótipos a cerca do enunciador, é bem verdade também que este cria estereótipos referentes ao seu co-enunciador. Desta forma, o enunciador adapta seu *ethos* aos esquemas coletivos que ele supõe que sejam interiorizados e valorizados pelo seu público-alvo/destinatário, por meio das suas modalidades de enunciação.

Em suma, o *ethos* discursivo representa a noção da imagem de si e do outro durante a troca linguageira com o fim de exercer uma influência sobre o seu interlocutor. Apresenta-se como um conjunto de características que são relacionadas ao co-enunciador e à situação em que tais características se manifestam, o que permite que essa imagem seja construída. Tem como fundamento a imagem que o locutor constrói em seu discurso que, por vezes,

busca firmar esta imagem ou corrigi-la, ou ainda, amenizá-la. Por isso retoma a noção de subjetividade na linguagem, posto que é extradiscursiva.

O discurso oferece ao co-enunciador os elementos necessários para que seja recomposto o *ethos* do enunciador, porém apresenta-o de forma implícita. Aparece inscrito sob o viés sócio-histórico e não permite que haja uma dissociação entre a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena enunciativa. Assim, o enunciador atua de forma interativa em uma instituição discursiva que depende da configuração cultural e do momento da enunciação. Com isso, o *ethos* constitui-se como parte da cena da enunciação.

#### A CENA DE ENUNCIAÇÃO

A cena de enunciação é compreendida como o espaço instituído da enunciação, que é definido pelo gênero de discurso. Trata-se, pois, de um espaço interno da comunicação que, por meio de um papel o locutor, através da sua fala, opta dar relevância para si e para seu parceiro do ato enunciativo.

Assim, Maingueneau (2008) realiza uma divisão entre estas cenas, classificando-as como englobante, genérica e cenográfica.

A primeira ressalta o tipo de discurso ao qual pertence um texto. Nesta, salienta que ao ler um determinado texto, deve-se perceber que tipo de discurso é abordado, se político ou publicitário, por exemplo.

Na cena genérica, desenvolve a teoria de que cada gênero de discurso envolve uma cena particular. Isto, implica, sobretudo, os papéis para os parceiros da enunciação, as circunstâncias de tempo e espaço e, ainda, a sua finalidade.

Já a cenografia, institui-se pelo próprio discurso, uma vez que faz “passar a cena englobante e a cena genérica para o segundo plano” (ibidem, p.96), pois busca justificar seu próprio dispositivo de fala, legitimando um enunciado que deve legitimá-la, isto é, legitimar essa cenografia da qual vem a fala. E a fala, por sua vez, pressupõe uma determinada cena de enunciação que se torna válida através dessa mesma enunciação. Ou seja, a cenografia é ao mesmo tempo aquela de onde provém o discurso e aquela que esse tal discurso produz.

Cabe ressaltar que nem todo gênero de discurso suscita uma cenografia, como é o caso dos textos de lei, por exemplo. Outros, por sua vez, exigem a escolha de uma cenografia, como o discurso publicitário que movimenta cenografias diversas, dado que para persuadir o co-enunciador, precisam captar seu imaginário, fornecer-lhe uma identidade, instigando uma cena de fala valorizada. Buscam, em suma, dar a seu destinatário uma identidade em uma cena de fala.

Por isso, torna-se válido destacar que os gêneros que recorrem frequentemente à cenografia são os que visam a atuar sobre o destinatário. E neste caso encaixam-se os discursos propagandista e informativo, haja vista o que têm em comum: o fato de estarem particularmente voltados para seu alvo.

Entretanto, Charaudeau (2006) ressalta que estes dois tipos de discurso diferenciam-se através do processo de verificação. Segundo o autor, no discurso propagandista, o status de verdade está relacionado sempre a um tom de promessa, a algo que é oferecido em uma determinada propaganda ou em um discurso político, por exemplo. O modelo proposto é o da ordem do desejo. Já no

discurso informativo, o status de verdade está intimamente ligado ao que já foi dito, pois é necessário provar o que foi mencionado. O seu modelo proposto é o da credibilidade.

Vale a pena salientar que a verdade, aqui mencionada, não se encontra propriamente no discurso, mas no efeito que essa verdade produz. O discurso da informação midiática trabalha esse jogo de influências e coloca em cena, de forma alternada e, por isso, com consequências variadas, efeitos de autenticidade, de verossimilhança e de dramatização, segundo Charaudeau (2006).

Como pretendemos analisar o discurso reportado dentro das revistas italianas *L'Espresso* e *Panorama*, julgamos importante o conhecimento da língua italiana para tal. Desta forma, esboçamos um apanhado histórico com o intuito de compreender o surgimento da língua italiana e delinear a importância da homogeneidade linguística nessa cultura. E através deste código linguístico atual verificar a presença de subjetividade na mídia italiana, através do uso dos verbos *dicendi* no discurso reportado.

### 3. A HISTÓRIA DA LÍNGUA ITALIANA

#### O LATIM

Segundo a tradição, em 753 a.C., um grupo de latinos, ainda bem pequeno, fundou uma nova cidade chamada Roma<sup>2</sup>. Esta, então, tornou-se um ponto de encontro de várias populações, como a etrusca e a grega, por exemplo. Dessa forma, os romanos conseguiram impor, aos poucos, sua própria língua a todos, porém também absorveram inúmeras palavras provindas da língua destes povos.

Assim, algumas palavras foram inseridas na cultura romana, como *casa*, *olio* e *barca*, provindas das línguas mediterrâneas. Outras, provenientes da cultura etrusca como *persona*, *popolo*, *satellite* e *cisterna*. Algumas de origem Osco-Úmbrias como *bufalo*, *bue* e *lupo* também foram assimiladas. Assim também, as palavras de origem grega foram incorporadas à língua de Roma, tais como *macchina*, *camera*, *scuola*, *piazza*, *pietra*, *bottega*, *teatro*, *musica*, *geometria*, *grammatica*, *poesia*, *poeta*, *ancora*, etc. Com isso, as palavras de origem latina ou aquelas apreendidas através dos outros povos tornaram-se amplamente difusas, primeiramente, em toda a Europa. Dessa forma, o latim tornou-se uma língua capaz de difundir elementos de várias civilizações.

---

<sup>2</sup> Referimo-nos ao trecho: “ I latini erano solo un piccolo gruppo (parte di un popolo lungo costa tirrenica e in Sicilia orientale). Un loro tribù, ancora più piccola, fondò sui colli in riva al Tevere una nuova città: Roma. Secondo la tradizione, era il 753 av. Cristo.” (SABATINI, 1990, p.569).

## O LATIM NO IMPÉRIO ROMANO

O Império Romano foi o mais sólido dos impérios, pois possuía cerca de oitenta milhões de habitantes dos quais cerca da metade utilizava o latim. Esse latim foi usado pela maior parte da população e continua a ser utilizado até os dias de hoje, porém, transformado nas línguas neolatinas.

Vale a pena destacar que a língua falada em Roma exerceu pleno domínio sobre o Império e atuou como modelo para todos. Roma apresentava um aspecto grandioso em relação às demais regiões devido, entre outros fatores, ao grande número de escritores que ali viviam. Tais escritores, principalmente na época de Cesar e Augusto, fixaram o uso do latim em formas que acreditavam que fossem perfeitas. Neste latim, foram escritas inúmeras obras de diversos escritores como Cesar, Cicerone, Virgílio, Tito Livio, Oracio, Catullo, Tibullo, Ovidio, Seneca, Giovenale, Tacito e Marziale.

A partir do século III a.C. sob a influência grega, o latim escrito, com intenções artísticas, foi sendo aperfeiçoado, através da prosa de Cicero e Cesar e da poesia de Virgílio e Horacio, até alcançar a sua perfeição no século I a.C. Conseqüentemente, acentuou-se, com o passar do tempo, a distinção entre a língua literária, praticada por um pequeno grupo – a elite –, e a língua popular, usada pelos mais variados grupos sociais da Itália e das províncias.

Tal diferença já era observada pelos romanos que contrapunham o conservador latim literário ou clássico (*sermo literarius*) ao inovador latim vulgar (*sermo vulgaris*). Vale a pena destacar que este engloba as variedades da língua falada, desde um colóquio polido a uma linguagem profissional ou às gírias. Ou

seja, o latim que serviu de base para as diferentes línguas românicas não foi o latim literário, mas a língua corrente.

Este latim compreendia todas as variedades da língua falada e não existia apenas um único grupo social que o falasse e, também, não existia um limite territorial e temporal que o delimitasse. Por isso, concordamos com Auerbach (1972) no que tange ao latim vulgar não ser exatamente uma língua, mas antes uma concepção que compreendia os falares mais diversos, posto que um camponês romano do século III a.C. falava de forma bastante diferente de um camponês gaulês do século III d.C., apesar de os dois falarem o latim vulgar.

Tal latim cumpria exatamente a finalidade prática e imediata da comunicação. Por isso, torna-se deveras interessante mencionar que é possível estudar o latim literário, clássico, porém com o latim vulgar é possível apenas observar uma ou outro aspecto ou, apenas, verificar quais tendências eram comuns às suas formas.

Isto acontece com todas as línguas vivas e faladas. Assim, um estudante que deseja aprender a língua italiana *standard*, aprenderá esta língua como é atualmente escrita e falada pelas pessoas dos grandes centros urbanos. Mas sabemos que isto não aborda toda a língua italiana, uma vez que não inclui o italiano do *Risorgimento* e nem mesmo os inúmeros dialetos italianos, por exemplo.

Todavia, torna-se importante expor um tópico bastante relevante sobre essa questão linguística que se refere, sobretudo, à oralidade da língua. Nesse período, essa tal língua falada somente podia ser conhecida ou mesmo ter o seu percurso

reconstituído por meio de testemunhos escritos, que por sua vez podem ter sido registrados de maneira mais ou menos fiel, o que contribui de acordo com Cunha e Cardoso (1970) para o pensamento de que os testemunhos são insuficientes para o conhecimento científico do latim usual.

Contudo, com relação ao latim vulgar, este desempenhou uma função mais importante que a língua clássica que pertencia à classe superior romana, pois permitiu que houvesse a mútua compreensão no ato de comunicação. Por isso, torna-se válido ressaltar que a língua coloquial das pessoas cultas não atingiu o nível gramatical e, principalmente, retórico da linguagem literária.

Em suma, é possível afirmar que o latim constituía-se por dois distintos: o escrito e o falado, isto é, aquele que era utilizado pelas pessoas chamadas cultas (literários, poetas, filósofos, etc), chamado de latim clássico e o que era falado pelo povo e, por isso, chamado de vulgar.

Entre o início e o fim do período imperial, a principal mudança faz referência à relação entre a língua falada e a língua escrita. Por isso, julgamos importante mencionar que o latim escrito se conservava bem e não apresentava grandes mudanças, já o latim vulgar, ao contrário, passava por transformações, ressaltando, assim, seu caráter não fixo e não estável. Portanto, não se pode negar que essa língua chamada de vulgar passava por notáveis variações que, presumimos ter permitido a mútua compreensão entre as várias populações das várias regiões do Império. Era detentora, por conseguinte, de liberdade.

Em contraposição, a língua escrita mantinha sua ligação à tradição e ao rigor das normas gramaticais. Assim, o respeito por estas e pela forma rebuscada

impõe-se mesmo após o triunfo do Cristianismo que representava o culto à tradição.

Por meio da língua corrente que torna viva a troca entre as pessoas, houve a possibilidade da penetração linguística entre as regiões. Contudo, Roma mantinha seu aspecto de prestígio, posto que as inovações criadas ou acolhidas por ela constituíam a diferença para a circulação, segundo Migliorini (1991, p.13).

Não podemos deixar de mencionar que a serviço de uma grafia única foi criado o *Appendix Probi*, um documento que continha uma relação de formas ordenadas pelo bom uso latino, duzentas e vinte e sete advertências formuladas e assim relacionadas: *oculus non oclus* ; *viridis non virdis*. Tais exemplos não comportavam a grande variedade da língua falada no Império, porém nos servem de base à percepção das diferenças que, por sua vez, não impediam a recíproca inteligibilidade.

#### A PARTIR DO LATIM NASCEM AS LÍNGUAS NEOLATINAS

Quando o Império Romano começou a enfraquecer, não foi possível manter a unidade da língua latina, principalmente da língua falada. Em consequência, os bárbaros (como eram chamados por Romanos e Gregos aqueles povos que falavam outras línguas, estranhas e incompreensíveis para eles, segundo SABATINI, 1990, p.571) deram um golpe decisivo no Império, pois em um ano os alemães conquistaram toda a parte ocidental. Assim, o território que esteve por séculos sob o domínio de Roma dividiu-se em muitos reinos alemães. A partir destes reinos, surgiram depois os chamados estados da Europa moderna:

Inglaterra, França, Espanha, Itália. Toma-se importante ressaltar que além dos alemães, outros povos também espalharam-se pelo território romano como os Eslavos e os Árabes.

Assim, o latim que era falado por todo o território passou a ser sobreposto pelas invasões. Por isso, em algumas regiões como na África e no norte dos Alpes, ele desapareceu por completo. Onde permaneceu, passou por transformações. Dessa maneira, aquela que era uma única língua, dividiu-se em muitas outras e deu origem às línguas neolatinas.

Através do seguinte esquema buscamos agrupar algumas ramificações que contemplam línguas nascidas a partir do latim:

Acreditamos que seja interessante refletir sobre essa breve introdução acerca do latim, em nossa pesquisa, devido a sua importância para o conhecimento da história da língua italiana, tendo em vista que a partir dessa

língua chamada latim -seja ela pertencente a um contexto familiar e transmitida de pai para filho, seja literária- desenvolveu-se depois o italiano. Assim, como o latim serviu de base às diferentes línguas românicas, achamos pertinente à compreensão do desenvolvimento da supracitada língua.

Julga-se interessante reafirmar que a expansão do latim possui sua base, sobretudo, sobre a expansão territorial dos romanos e sobre a consequente colonização. Uma expansão que ao contrário da grega ou da fenícia, que eram predominantemente comerciais, atuava na linha agrícola e através dos soldados-cultivadores e do serviço militar contribuiu fortemente para esta latinização, pois estes, mesmo possuindo suas línguas maternas, encontravam-se submersos naquele ambiente. Assim, ao retornar aos seus países de origem, propagavam essa língua e contribuía para o aceleração do progresso da latinização.

Por isso, julgamos proveitoso destacar que o latim vulgar que abrangia as particularidades da língua falada pela plebe encontrou-se depois nas línguas neolatinas. Assim, Mello (1951) disserta:

“Chamam-se línguas românicas, neolatinas, novi-latinas ou simplesmente latinas, os diversos idiomas que representam continuações históricas do latim. Em rigor, não é exato dizer-se que tais línguas provêm ou descendem do latim, senão que elas são o latim nos seus diversos aspectos atuais. Sim, porque nunca houve um momento da história dos povos romanizados em que tivesse acabado o latim e começado um dos romances. Sempre houve continuidade linguística.”  
(MELLO, 1951, p.99-100)

Assim, muitas palavras italianas são iguais, salvo apenas algumas mudanças fonética e morfológica, sem grandes variações de significado, às

palavras do latim clássico e do latim vulgar, de acordo com MIGLIORINI (1991), como por exemplo: *PORCUS*, *porco*; *VACCA*, *vacca*; *AQUA*, *acqua*; *TERRA*, *terra*; *PORTA*, *porta*; *BÔNUS*, *buono*; *CALIDUS*, *caldo*, *TENERE*, *tenere*; *DORMIRE*, *dormire*; *BENE*, *bene*; *MALE*, *male*; *QUANDO*, *quando*; *IN*, *in*; *PER*, *per*, etc.

## DO LATIM AO ITALIANO

Entre os séculos VI e X falava-se na Itália somente o vulgar e, a partir de então, este vulgar passou a ser escrito. As primeiras frases de que se tem registro, dizem respeito às palavras pronunciadas por testemunhas em uma causa jurídica pela posse de terras, o chamado *Placito di Cápua*: “*Sao ko kelle terre per kelle fini que ki contene trenta anni le possette parte sancti Benedicti*”.<sup>3</sup>

Nos séculos subsequentes as condições políticas e econômicas começaram a melhorar na Itália. E, a partir desta melhora, começou a crescer a necessidade de usar uma língua que fosse comum a todos também no plano oral, o que não acontecia com o latim.

É importante destacar que novos povos inscreveram-se na península italiana entre os séculos V e IX d.C., fato que contribuiu para a ruína definitiva do Império Romano. Assim, cada comunidade começou a viver de forma independente sem que houvesse contato com as demais regiões.

Em meio a toda essa desordem, o latim chamado de clássico permaneceu apenas nos livros. Já o latim falado fragmentou-se em diferentes línguas e, assim,

---

<sup>3</sup> Em língua italiana: “So che quelle terre, per quei confini che qui sono descritti, trenta anni le possedette la parte di San Benedetto.” In SABATINI (1990, p.579).

surgiram os dialetos na Itália. Julga-se importante mencionar que tais dialetos nasceram a partir de uma mesma língua e que nenhum deles é considerado uma deformação dos outros dialetos ou mesmo da língua italiana. Vale a pena destacar que esta própria língua italiana nasceu a partir de um dialeto, o Fiorentino.

Assim, em toda a Itália eram reconhecidos quatro tipos de dialeto: os dialetos italianos sardos (com duas variedades), os ladinos (com três variedades), os setentrionais (também com três variedades) e os centro-meridionais (com cinco variedades).

Tanta diferença entre os dialetos ocorria devido à separação entre os habitantes, fato minimizado em 1860 após a unificação política que foi obtida quando Firenze conseguiu afirmar sua cidadania e a sua língua. O grande esforço na difusão de uma língua comum e o desejo pela unificação política levaram a Itália ao *Risorgimento* e, conseqüentemente, ao re-nascimento de uma pátria.

Julgamos fundamental explicar que nos anos 200 a língua, ou melhor, o dialeto nativo era usado por todos, de tabeliões a escritores. E neste mesmo período, um grande número de escritores e de poetas instalou-se na Sicília. Assim, por quase meio século, a língua dos poetas sicilianos foi considerada a mais importante da Itália. Mas, segundo Sabatini (1990), em poucos decênios esta história mudou.

Já no fim desse século, Firenze tornou-se uma das grandes potências da Europa. Obteve força política e econômica e passou a ser povoada por artistas e escritores. Grande contribuição à língua foi dada nos anos 300 com os escritores *fiorentinos* Dante, Petrarca e Boccaccio. Outros escritores seguiram o modelo

*fiorentino* e escreveram suas obras nesta língua. Mais adiante, outro fator muito que contribuiu para o reforço desta como língua comum dos italianos foi a difusão da imprensa, por volta de 1470.

Acreditamos que para entender a realidade linguística atual na Itália seja imprescindível compreender estes aspectos históricos concernentes à língua italiana, assim como os dialetos que constituíram uma parte significativa desta história.

## O ITALIANO

Assim como não havia com o latim uma unidade linguística que pudesse ser chamada de absoluta, posto que existia essa divisão entre latim clássico e vulgar, em 1860, no momento da unidade política italiana também não havia uma correspondente unidade cultural e linguística na Itália.

A história linguística italiana é caracterizada por uma relação entre o centro (a Toscana) e a periferia. Na Toscana, a língua falada era muito próxima à língua escrita e literária, o que permitia, portanto, que houvesse certa homogeneidade, fato que não ocorria em outro lugares.

A língua italiana era, então, falada somente na Toscana e um pouco, também na corte do Papa em Roma. Em todo o resto da Itália as pessoas das mais variadas camadas sociais, e aí encontram-se as instruídas ou não, em uma conversa ou em uma discussão em público utilizavam o dialeto local. Isto é, o dialeto ainda era a língua viva, usada de forma espontânea por grande parte dos italianos.

O falante ou aquele que escrevia o italiano encontrava-se em meio a um campo de força, pois era atraído pelo Toscano, uma língua conhecida pelos modelos da literatura, e condicionado ao seu dialeto de origem, fato que favorecia o surgimento de um fenômeno chamado de língua mista. Tal fenômeno podia se manifestar involuntariamente, pois o dialeto representava sua origem, ou voluntariamente, por uma escolha estilística.

Julgamos interessante esclarecer que os dialetos italianos apresentam muitas diferenças entre si, haja vista os habitantes dessas regiões que estiveram separados por séculos e somente em 1860 participaram da unidade política.

Desse modo, essas diferenças linguísticas representavam aquilo que estava por trás da língua, consequência da história e da tradição do povo. Por isso, Marazzini (1998) afirma que :

“O número de falantes italianos que falavam efetivamente a língua italiana, era incrivelmente baixo”. (MARAZZINI, 1998, p.361, tradução nossa.)

Acreditamos que seja conveniente mencionar que esta, porém, não era uma questão de escolha, pois no momento da fundação do *Regno d'Italia* 80% dos habitantes eram oficialmente analfabetos e dentro dos 20% restantes nem todos sabiam falar o italiano *standard*, conforme De Mauro (1993). Além disso, ser um pessoa alfabetizada não significava possuir conhecimento sobre a língua escrita.

A língua representa a pátria, liberdade e , sobretudo, é uma manifestação do sentimento nacional e um estímulo à vida política, porque é a representação

dessa unidade nacional, uma vez que é comum a todos. Porém, antes do *Risorgimento* já existia a ideia que a língua fosse símbolo da nação e que a sua adesão fosse um testemunho de nacionalidade.

Na Itália, devido ao grande uso das línguas faladas em um nível informal, os dialetos, a supremacia da língua italiana dada como certa, no plano cultural e político, não acontecia sobre o plano linguístico.

Esta vasta utilização dos dialetos no momento da unificação era resultado do resquício secular da vida econômica, social e intelectual do país. Entre a conquista romana de IV e III século a.C. e a unificação política de 1860 não houve ações que tendessem a conservar a homogeneidade linguística das diversas regiões.

Havia a necessidade de que o *standard* fosse o idioma principalmente usado pelos italianos, porém existiam hábitos que produziam condições linguísticas bastante singulares. Por isso, é possível observar que havia o paradoxo de uma língua celebrada, mas não usada, observada sob o viés de uma língua estrangeira dentro da própria pátria.

A preocupação de escritores, poetas e estudiosos dizia respeito ao fato de que só o dialeto não seria suficiente para estabelecer uma ligação entre os habitantes das várias regiões da Itália e promover uma efetiva compreensão entre eles. Por muito tempo os escritores discutiram sobre a dificuldade criada pela falta de uma língua comum e falada por todos.

Alessandro Manzoni, por exemplo, escritor milanês, participou das discussões sobre a questão da língua e contribuiu à unificação quando propôs que

a língua comum se aproximasse à simplicidade do Fiorentino. Assim, escreveu o romance *I Promessi Sposi*, apresentando uma língua italiana com um tom bastante familiar, isto é, uma linguagem compreensível para grande parte dos italianos.

Não se pode deixar de ressaltar que alguns estudiosos, como o linguista Graziadio Isaia Ascoli, promoveram a ideia da necessidade de divulgação de instrução para o povo, para ajudar este mesmo povo a usar o italiano sem que seu dialeto, ou seja, a sua identidade até aquele momento, fosse sobreposta e exterminada. Afinal, a língua italiana ainda era uma estrangeira dentro da própria pátria. Com referência aos usos da língua e sua adequação ao contexto, Sabatini (1990) revela aquilo que buscava o linguista Ascoli:

“Ascoli defendia, fundamentalmente, que o homem podia necessitar de mais línguas e de mais tipos de língua (local e nacional, falada e escrita, simples e rebuscada, ou também, técnica), de acordo com a sociedade em que vive e segundo a situação em que se desenvolve a comunicação.”  
(SABATINI, 1990, p.580, tradução nossa.)

Assim, os iluministas começaram a refletir sobre a conscientização da importância da língua italiana e é, neste século, que a língua italiana entra oficialmente nas escolas. É importante explicar que houve uma maior incidência de alunos na escola após o estabelecimento da Lei de 1962 que instituiu a instrução gratuita e obrigatória até os quatorze anos, conforme Sabatini (1990).

A unificação política, ocorrida entre os anos de 1859 e 1870, foi o fato histórico mais importante da Itália, pois contribuiu largamente para o fortalecimento do hábito de utilização de uma língua comum. Nesse ínterim,

floresceram os novos meios de comunicação de massa como o cinema, o rádio, a televisão e, sobretudo, a imprensa.

Nos anos 700 o jornal assumiu uma importante função no que diz respeito ao público culto que até então adquiria somente livros. Assim, no século XIX proliferaram periódicos que objetivavam um novo público, mas inicialmente era apenas mais um produto da elite. Porém, na segunda metade do século, tornaram-se difusos os jornais populares e quotidianos que contemplavam por sua vez um público-leitor mais abrangente. E, conseqüentemente, o jornalismo tornou-se fenômeno de massa.

Nestes jornais, alternavam-se vozes cultas e vozes populares. Algumas vozes regionais difundiram-se através deste canal de comunicação, como o termo *picciotto*<sup>4</sup>, por exemplo. Assim, o jornal passou a ser testemunha de muitos neologismos e palavras oriundas de outras regiões, que nem sempre deixaram vestígios na língua e que muitas vezes desapareceram num curto espaço de tempo.

Outra novidade dizia respeito à nova sintaxe jornalística que abrangia a tendência aos textos breves e às frases nominais, assim como também a linguagem usada pela publicidade, com seus anúncios que comportavam frequentemente termos ou palavras regionais<sup>5</sup>. Sobretudo a sua composição era

---

<sup>4</sup> Pequeno ou jovem, no dialeto siciliano.

<sup>5</sup> Referimo-nos ao exemplo citado por MARAZZINI (1998, p.39): Michele Ponza, insegnante e lessicografo piemontese, nel 1830 se la prendeva con un foglio periódico in cui trovava regionalismi come grotta per cantina e pristinaio per panettiere. Il direttore si difese dicendo: “Non so come siami lasciata cadere dalla penna questa marcia voce di pristinaio, voce lombarda”.

diversa, de acordo com Marazzini (1998) que afirma que a língua das crônicas não é a mesma que a utilizada nas seções política ou econômica.

O rádio, que nasceu em 1924, já havia se tornado um canal destinado a atingir a grande massa popular nos anos precedentes aos da Segunda Guerra Mundial. A televisão, nascida em janeiro de 1954, constituiu um fator extremamente importante à unificação italiana, visto que era para alguns a oportunidade única de escutar a voz que falava a língua italiana, sendo levada aos campos, às zonas mais atrasadas ligadas às culturas mais arcaicas, uma imagem do mundo externo. Cabe aqui, portanto, salientar a contribuição à unificação linguística trazida pela Rai.

Assim, é neste ambiente que a língua italiana busca se firmar. Acreditamos que além do papel primordial da escola como instrumento da política linguística, a divulgação por meio da imprensa contribuiu amplamente para a unificação linguística italiana, assim como os demais meios de divulgação da palavra que englobam, principalmente, o rádio e a televisão, posto que potencializam e contribuem cuidadosamente à unificação da pronúncia.

## O CONTEXTO ITALIANO CONTEMPORÂNEO EM RELAÇÃO À LÍNGUA

Torna-se extremamente relevante destacar que muitas palavras e expressões da língua italiana têm sua raiz no dialeto. Tratam-se de vozes dialetais que penetraram na língua italiana em todas as épocas. São palavras que se referem a diversos setores da vida comum. Isto explica o fato de algumas palavras de uso particular terem sido propagadas de um ponto a outro da Itália como é o caso das palavras *pizza* e *ciao*<sup>6</sup>. *Pizza* é de origem meridional e *ciao*, de origem veneziana. Essa ligação mais estreita entre os italianos, através da língua comum, permitiu que palavras típicas do contexto familiar pudessem ser propagadas por todo o país.

A língua italiana é atualmente uma língua viva. Porém, isto não significa que todos os falantes a utilizem do mesmo modo, uma vez que a língua italiana apresenta variações em diversas regiões. Este fato tem como explicação a pluralidade dos ambientes naturais e a tradição, que favorecem hábitos distintos que variam de região para região. Por causa disso, ainda é possível encontrar pessoas que recorram ao dialeto em seu ambiente familiar.

No século XX, ocorreu um decréscimo no uso dos dialetos e das gírias. Nascia uma Itália bem diferente daquela pobre, camponesa e patriarcal da primeira metade do século. Havia mudanças em seu cenário. O nível de escolarização constituía a mais importante, como indicam os dados expostos por Marazzini que indicam que o analfabetismo, de 75% em 1861 e de 40% em 1911 passou a 14% em 1951, a 8,3% em 1961 e a 5,2 em 1971. Essa mesma fonte

---

<sup>6</sup> Oi!; Até logo!; Adeus!

revela que é progressiva a diminuição do uso dos dialetos, mesmo no contexto familiar.

Vale a pena destacar, ainda, que as fábricas tiveram sua importância no tocante à promoção do uso da língua italiana *standard*, pois nos anos 60 e 70 elas promoviam e integravam a língua comum à realidade cidadã e industrial, ou seja, a grande massa de origem camponesa. Dessa forma, deram impulso à sobreposição linguística.

#### A LÍNGUA E A MÍDIA ITALIANAS

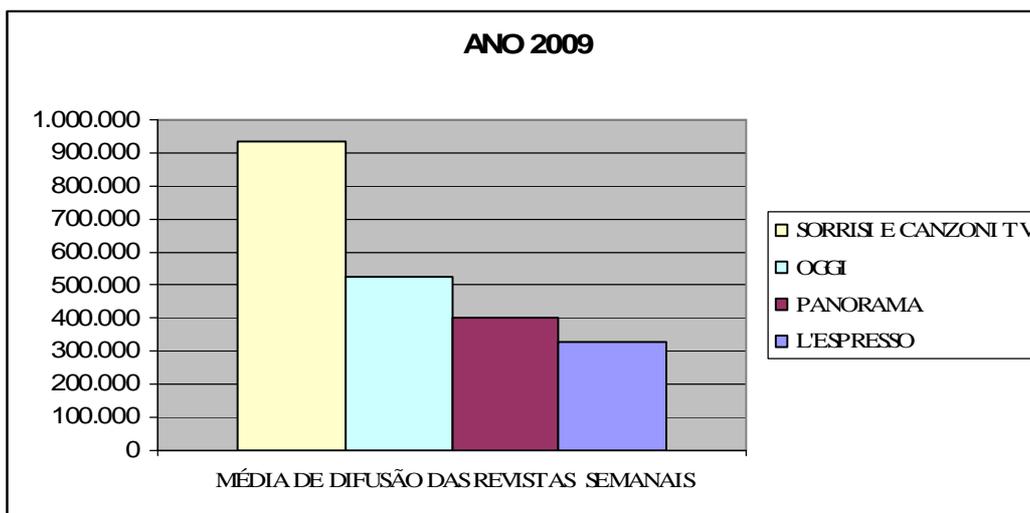
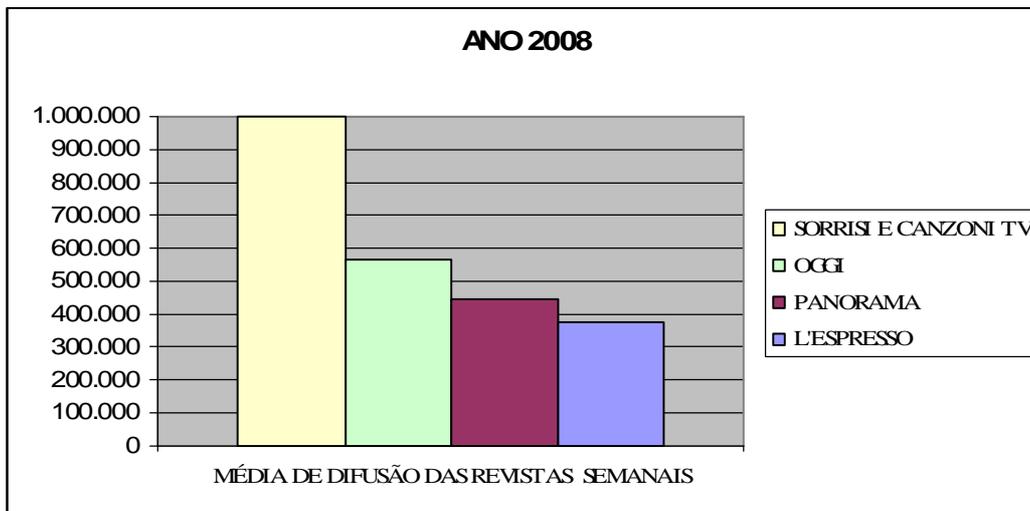
Torna-se imprescindível salientar que é através dos jornais que constitui-se a relação entre uma língua italiana culta, literária, ao lado de uma língua falada. Além disso, os quotidianos podem ser observados como índices da língua média, tendo em vista que nestes é possível encontrar uma grande variedade de códigos linguísticos relacionados ao contexto político ou financeiro, por exemplo. Vale a pena ressaltar que a originalidade desse tipo de linguagem encontra-se presente, sobretudo, nos títulos que devem atrair a atenção do leitor, mas também através de recursos que tendem a fornecer um efeito de veracidade ao texto jornalístico.

Cumprido destacar que, no cenário italiano, os jornais mais lidos, no ano de 2008, são o *Corriere della sera*, em primeiro lugar, com uma média de difusão de 626.808, seguido pelo jornal *La repubblica* com 565.933. Em 2009, essa colocação permaneceu inalterada, apesar da queda no número de difusão para ambos os quotidianos: 548.182 para o *Corriere della sera* e 488.841 para o *La repubblica*.

Porém não poderíamos deixar de reafirmar a importância da televisão na vida dos italianos, a partir do ano de 1954. Neste ano, ocorreu a primeira transmissão da TV pública italiana, a RAI. Notoriamente este foi um fator decisivo para o cenário cultural e político italiano, posto que favoreceu a criação da identidade linguística de uma forma mais abrangente em função do grande poder de penetração.

A importância da televisão italiana pode ser constatada, inclusive, a partir da escolha da revista semanal mais lida nesta sociedade, cuja temática são os argumentos relacionados à televisão. A revista *Sorrisi e canzoni TV* apresentou no ano de 2008 uma média de difusão de 1.000.648 e, no ano de 2009, manteve-se no topo com 934.151, na média de difusão, segundo dados do órgão ADS (Accertamenti Diffusione Stampa), que se ocupa em certificar os dados de difusão e de tiragem média quotidiana e periódica publicados na Itália.

A revista semanal *Oggi* segue no *ranking* em segundo lugar, posto que no ano de recolhimento do nosso *corpus* de análise, 2008, obteve uma média de difusão de 564.854 e, no ano de 2009, manteve-se na segunda colocação com 525.094 em difusão. Em seguida, estão as revistas *L'Espresso* e *Panorama* em seus respectivos terceiro e quarto lugares. Assim, para uma melhor visualização desse *ranking*, julgamos importante o uso da ilustração a seguir:



Torna-se relevante informar que escolhemos as revistas *L'Espresso* e *Panorama* por configurarem o percentual de difusão e de leitores mais próximos entre as demais, isto é, constituem a menor diferença entre o número de leitores. Como buscamos analisar o discurso reportado destas revistas, importantes meios de divulgação midiática, achamos que seja importante conhecer o perfil ideológico

dessas instâncias midiáticas. Assim, relacionamos a seguir um resumo, perpassando por pontos históricos que julgamos necessários para esta compreensão.

## O PERFIL DAS REVISTAS ITALIANAS ANALISADAS

### A REVISTA *L'ESPRESSO*

A revista *L'Espresso* é um periódico semanal que aborda temas de política, cultura e economia. Pertence ao Grupo Editorial *L'Espresso* cujo presidente é Carlo De Benedetti e sua sede fica em Roma.

Em 1955 esta revista nasceu com o nome de *Società editrice L'Espresso* e já em 1967 superou as 100.000 cópias. Adquiriu em 1974 o formato tablóide e no ano seguinte passou a ser denominada *Editoriale L'Espresso*.

Assim como o jornal *La Repubblica*, a revista *L'Espresso* apoia a esquerda sendo, assim, porta-voz de diversas batalhas civis pela aprovação da lei do divórcio na Itália, da lei sobre a interrupção da gravidez e pelo fim do monopólio da RAI, por exemplo.

Segundo o órgão ADS (Accertamenti Diffusione Stampa) a tiragem média referente ao ano em que os dados para o presente trabalho foram recolhidos, 2008, com 52 revistas, foi de 506.255 cópias, com uma difusão média de 375.021<sup>7</sup> exemplares.

Já no ano de 2009, a revista *L'Espresso* apresentou uma queda na tiragem média com um total de 451.754 cópias e uma difusão média de 326.969 .

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.adsnotizie.it>. Acessos em 17 de dezembro de 2009 e 5 de fevereiro de 2010.

## A REVISTA PANORAMA

É uma revista semanal italiana de atualidades, política e que também traz em suas páginas assuntos relacionados à economia e à sociedade. Possui sede em Milão. Pertence ao Grupo Editorial Mondadori da família Berlusconi e apresentou, no ano de recolhimento dos dados para a pesquisa, 2008, uma tiragem média de 562.785 e uma difusão média de 447.677. Assim, em comparação à revista *L'Espresso*, trata-se da mais difundida na Itália. Já, no ano de 2009, obteve queda na tiragem média: 493.762, assim como também na sua difusão: 402.008, porém se manteve à frente da revista *L'Espresso*.

Foi fundada em 1939 por Gianni Mazzocchi e seu primeiro exemplar saiu às ruas em 27 de abril de 1939. Neste momento sua periodicidade era quinzenal. Já em 1972 após passar por reformas, começou a ser uma revista mensal.

Em seu nascimento, a *Panorama* apresentava a posição política de centro-esquerda, porém nos anos 90 mudou e passou à centro-direita. Este fato encontra-se intimamente ligado à tomada de posse de Silvio Berlusconi como presidente da Mondadori em 25 de janeiro de 1990.

Em 1996 a revista *Panorama* passou a ter edição *on-line* e a ter um *site*. Hoje, sua periodicidade é semanal.

Buscamos expor, através de gráficos, cuja intenção é facilitar a visualização dos dados coletados, os valores de tiragem e de difusão das revistas semanais *L'Espresso* e *Panorama* que compõem nosso corpus de análise no ano de coleta dos dados (2008) e no ano subsequente (2009) com o intuito de observar

possíveis mudanças no cenário italiano. Ressaltamos que baseamos nossos gráficos nos dados da Associação Accertamenti Diffusione Stampa (ADS).

Julgamos pertinente destacar que, segundo dados do Jornal eletrônico *Corriere della Sera*<sup>8</sup>, o número de leitores na Itália aumentou. A notícia foi exposta no jornal em 4 de maio de 2006 e informa que se trata de dois milhões a mais de leitores nos últimos cinco anos. Segundo o site, o *Ufficio studi dell' Associazione italiana editori*, entre aqueles que leem um livro por ano, o número passou de 21,1 milhões em 2000 para os 23,3 milhões em 2005, o que representa um crescimento de 10,4%. Destaca, também, que o interesse pela leitura envolve, nesse momento, 42,3% dos italianos. A pesquisa destaca, ainda, que os novos leitores vivem mais ao Norte, no qual a penetração da leitura atinge 50,4% da população enquanto no Sul o percentual atinge a marca 30,4.

Acreditamos na relevância da exposição dos dados acima citados, pois contribuem para a compreensão do número de leitores italianos, uma vez que a nossa pesquisa de Dissertação objetiva analisar duas instâncias midiáticas, as revistas *L'Espresso* e *Panorama*, que, assim como jornais, livros e outros meios, favorecem a difusão do código linguístico.

---

<sup>8</sup> Disponível em: [http://archivistorico.corriere.it/2006/maggio/04/Aie\\_aumentano\\_lettori\\_Italia](http://archivistorico.corriere.it/2006/maggio/04/Aie_aumentano_lettori_Italia), p.49. Acesso em 17 de dezembro de 2009.

#### 4. O VERBO INTRODUTOR DO DISCURSO RELATADO

Assim como Maingueneau (1993), acreditamos que seja importante não negligenciar os verbos destinados a introduzir o discurso relatado, pois em função do verbo escolhido toda a citação será afetada. O autor cita Charolles ao enumerar os verbos *dicendi*, ressaltando os verbos que incidem sobre o valor de verdade do enunciado citado, sobre o ponto de vista atribuído ao enunciador com relação ao que diz e sobre a posição cronológica obtida pelo uso de determinados verbos (CHAROLLES, M. , apud: MAINGUENEAU, 1993, p.88). Ou seja, verbos que se comportam como avaliativos ou descritivos.

O verbo é classificado por Cunha (2001, p.379) como “uma palavra invariável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento no tempo”. Para Bechara (2006, p.194) entende-se por verbo “a unidade que significa ação ou processo e organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número”. Dardano e Trifone (1999, p.305) definem o verbo como “il centro sintattico della frase, attorno al quale si organizzano i diversi elementi che la compongono” e citam a obra *Discorso e dialogo intorno alla nostra lingua* de Niccolò Machiavelli , no qual o verbo é definido como “catena e nervo della lingua” . Benveniste (2005, p.166) prefere defini-lo como um “elemento indispensável à constituição de um enunciado assertivo finito”.

A partir destas definições, cabe destacar que o verbo, assim como o pronome, é a única classe de palavras submetida à categoria de pessoa, pois segundo Benveniste (2005) em todas as línguas que possuem um verbo, as

formas de conjugação são classificadas de acordo com a referência de pessoa. O verbo, então, apresenta três relações que o institui, provido de um índice pessoal : “há três pessoas e não há senão três” (BENVENISTE, 2005, p.248). Assim, afirma que não há conhecimento sobre uma língua composta por verbos em que as distinções de pessoa não sejam marcadas de um ou de outro modo nas formas verbais.

Para compreender melhor a distinção entre tais pessoas, julgamos ser pertinente a definição empregada pelos gramáticos gregos, segundo Benveniste (2005, p.250). Estes classificam a primeira pessoa como “aquele que fala” e a segunda pessoa como “aquele a quem nos dirigimos”. Já a terceira pessoa é definida como “aquele que está ausente”. Estas definições salientam a disparidade entre a terceira pessoa e as duas primeiras e destacam a sua heterogeneidade.

Ocorre que entre as duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso que atua sobre essa pessoa. Assim, a segunda pessoa, o *tu*, é designado pelo *eu*, pensado dentro de uma situação proposta a partir deste *eu* que enuncia algo como um predicado de *tu*. Com a terceira pessoa, o predicado é enunciado fora dessa dicotomia “eu/tu”. Há , portanto, uma terceira pessoa que contém uma indicação de enunciado sobre algo ou alguém, mas que não é referida a uma “pessoa” específica, por isso é denominada pelos gramáticos árabes como ausente.

A terceira pessoa, então, revela a forma verbal que tem por fim exprimir a “não-pessoa”. Destarte Benveniste (2005) explica:

“Muito geralmente, a pessoa só é própria às oposições “eu” e “tu”. A terceira pessoa é, em virtude da sua própria estrutura, a forma não pessoal da flexão verbal. De fato, serve sempre quando a pessoa não é designada e principalmente na expressão dita impessoal. (...) Uma característica das pessoas “eu” e “tu” é a sua unicidade específica: o “eu” que enuncia, o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum.” (BENVENISTE, 2005, p.252-253)

Cabe destacar que *eu* e *tu* permitem inversões, posto que na relação em que *eu* se remete a um *tu*, este pode converter-se em *eu* e o *eu* transformar-se em um *tu*. Porém, nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas duas pessoas e o *ele* devido ao fato de que não implicando nenhuma pessoa, pode tomar qualquer sujeito ou não comportar nenhum, e tal sujeito, manifestado ou não, não pode ser proposto como pessoa.

Sobre a oposição “pessoa-eu” (*eu*) e a “pessoa não-eu” (*tu*) toma-se oportuno acrescentar que o par denominado *eu/tu* configura-se dentro de uma correlação chamada por Benveniste (2005) de *correlação de subjetividade*. E que o diferencial entre *eu* e *tu* dá-se, em primeiro lugar, ao fato desse *eu* ser interior ao enunciado e exterior ao *tu*, porém trata-se de uma exterioridade que não suprime a existência do diálogo. Assim, o *tu* pode ser definido como a pessoa não subjetiva, em contraposição à pessoa subjetiva que o *eu* representa. Tais “pessoas”, não subjetiva e subjetiva, opõem-se à forma de “não-pessoa”, isto é, ao *ele*.

Enfim, buscamos através destas exposições ressaltar em que consiste a oposição entre as duas primeiras pessoas do verbo e a terceira. Benveniste

(2005) classifica esta como uma oposição entre partes de uma correlação que chama de *correlação de personalidade* em que *eu* e *tu* possuem marca de pessoa, mas o *ele* é privado desta marca. Por isso, a terceira pessoa possui a característica e a função constante de representar, sob a ótica da própria forma, uma variação não pessoal.

Assim, citamos a teoria de Benveniste com o intuito de ressaltar a relação da terceira pessoa num discurso, haja vista os verbos *dicendi* que são apresentados no *discours rapporté* sempre na terceira pessoa.

Sobre os verbos *dicendi*, pode-se afirmar que, segundo o postulado por Maingueneau (1993), existem duas classes de informação que são veiculadas por esses *dicendi*. Há aqueles verbos que apresentam um valor descritivo e os que revelam-se como avaliativos. Nesse caso, é excetuado o verbo *dizer* por representar certa neutralidade em relação as duas classes citadas.

No primeiro grupo, encaixam-se os verbos que inscrevem o discurso reportado em uma cronologia discursiva. São eles: *acrescentar*, *prosseguir*, *continuar*, *completar*, *finalizar*, *concluir*, etc.

Alocam-se, também, neste grupo os verbos que ressaltam o tipo de discurso do interlocutor, como os verbos *perguntar*, *responder*, *descrever*, *enumerar*, *contar*, *relatar*, etc.

Ainda sob a ótica dos verbos descritivos, cabe mencionar os verbos que funcionam, em determinado discurso, como metalinguístico, servindo-se, desta maneira, para dar destaque ao modo de realização fônica do enunciado, como é o caso dos verbos *sussurrar*, *gritar*, *murmurar*, etc.

Porém, cumpre ressaltar que tais verbos descritivos citados acima podem ser utilizados para reforçar a ironia em um texto, ou mesmo, a indignação de alguém sobre determinado acontecimento, sendo então classificados como avaliativos e não como descritivos, de acordo com a proposta exposta por Maingueneau.

Já o segundo grupo, avaliativo, que constitui nosso objeto de estudo na presente pesquisa, abrange os verbos que implicam o julgamento bom/ mal; verdadeiro/ falso ao enunciador do discurso citado como, também, ao próprio discurso em si.

Há, assim, os verbos que valorizam de forma positiva o enunciado e, mesmo, a imagem do enunciador, cujo discurso foi citado. Nesse caso, a posição social do entrevistado é, por vezes, enaltecida. Comportam-se neste grupo os verbos *explicar, analisar, ensinar, pontificar, diagnosticar, afirmar, advertir, etc.*

Existem, por outro lado, aqueles verbos que ressaltam o menosprezo ou a falta de credibilidade para com o discurso citado. São eles *jurar, tentar justificar, eximir-se, desconversar, fugir, etc.*

Encontram-se, também, dentre os verbos avaliativos os que tendem a direcionar o discurso à polemização, posto que são utilizados, frequentemente, em contextos políticos e visam a ressaltar embates. Assim, são habitualmente encontrados os verbos *atacar, denunciar, discordar, ironizar, etc.*

Torna-se válido ressaltar que há, ainda, os verbos que buscam o engajamento do co-enunciador e a sua sensibilização frente ao discurso citado. É o caso dos verbos *indignar-se, queixar-se, lamentar e desabafar, etc.*

Julgamos imprescindível destacar que é sempre o narrador quem traduz os propósitos do locutor. Isto equivale a dizer que é ele quem atribui ao enunciador do discurso citado uma intenção.

Por isso acreditamos que seja pertinente a análise dos *corpora* que compõem a nossa pesquisa a fim de verificar a ausência/ presença de neutralidade, com o intuito de contribuir para o aprofundamento sobre o tema da subjetividade na enunciação e estimular posteriores pesquisas.

## 5. A ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS

Acreditamos que seja válido ressaltar que o objetivo deste estudo é verificar se os verbos *dicendi*, introdutores de discurso direto, utilizados nas revistas eletrônicas revelam o posicionamento destas e deixa transparecer a subjetividade por parte do enunciador. Julgamos importante informar que as notícias veiculadas nestas revistas são produzidas semanalmente, isto é, depois do momento de ocorrência dos fatos, o que destaca o planejamento anterior à sua exposição para o público no supramencionado meio de comunicação.

Nestes *corpora*, os verbos *dicendi* compõem a cena enunciativa que relata o discurso de um terceiro. São apresentados no discurso midiático sob a forma do discurso direto que tenderia à neutralidade. Portanto, é neste cenário que buscamos estudar as reportagens da seção *Mondo* –que abrange os mais variados assuntos como política, economia, saúde mundial, etc.– nas revistas *L'Espresso* e *Panorama* para investigar o uso desses verbos a fim de confirmar ou refutar a presença da subjetividade em um tipo de discurso que proclama a imparcialidade, como é o caso do discurso jornalístico.

Vale destacar que nosso *corpora* comporta um total de 597 verbos *dicendi*, sendo 175 destes encontrados na revista *L'Espresso* e 422, na revista *Panorama* entre os meses de Julho e Dezembro de 2008.

Partimos da divisão dos VDs em descritivos ou avaliativos, conforme a classificação proposta por Maingueneau (1993). No primeiro grupo estão englobados os verbos tidos com mais neutros em uma escala valorativa. Estes

verbos não transparecem valores de verdade ou pontos de vista atribuídos ao enunciador. Já o segundo grupo comporta os verbos que poderiam revelar a subjetividade presente na introdução do discurso reportado, pois implicam um julgamento (bom/mal; verdadeiro/falso) atribuído ao enunciador do discurso citado.

Por isso, não se pode deixar de mencionar que alguns Verbos *Dicendi* têm o seu uso associado à cronologia discursiva. Nesse momento, estamos nos referindo à constituição dos VDs relacionados não ao fator avaliativo, mas ao descritivo, de acordo com a classificação proposta por Maingueneau. Dessa forma, estes VDs assinalam as divisões de tempo presentes no discurso.

Podemos verificar na matéria intitulada *I Giochi di Pechino e i moralizzatori del Cio tra divieti e bacchettate* da revista *Panorama*, de 21 de agosto de 2008, a presença destes VDs que oferecem linearidade ao discurso relatado:

“Rispecchierà ancor più lo spirito olimpico”. Secondo Rogge il talento giamaicano, recordman sui 100 e sui 200 metri “può essere considerato come l’americano Jesse Owen negli anni ‘30, ma deve stringere la mano agli avversari all’arrivo. Certo”, **aggiunge**, “ha solo 22 anni e ha tutto il tempo per imparare”. Lezioni di galateo che portano il presidente belga a definire “show” gli atteggiamenti del campione, “una stretta di mano o una pacca sulla spalla dopo la corsa, sarebbe un gesto da fare” **conclude** il presidente.<sup>9</sup>

Os VDs aggiunge e conclude fornecem essa tônica, posto que primeiro Jacques Rogge, presidente do Comitê Olímpico (Cio), acrescenta e depois conclui. Vale destacar que essa posição do VD conclude fornece à notícia o tom de finalização.

---

<sup>9</sup> Revista *Panorama*, 21/08/10. ANEXO I.

Assim, na notícia *Algeria: quali sono le ragioni della rivolta islamista*, da revista *Panorama* de 19 de agosto de 2008, os VDs prosegue e conclude também partilham desta mesma tônica cronológica:

“Negli ultimi mesi ci sono state almeno dieci rivolte giovanili spontanee nel paese, per i motivi più disparati. E’ il segno di un malessere profondo”, **prosegue** Fabiani.

“Con una disoccupazione giovanile che tocca il 30 per cento, chi è stato amnistiato non ha comunque trovato prospettive di reintegro nella società”, **conclude** Fabiani.<sup>10</sup>

O uso desses VDs contribui para que haja a nítida percepção de conclusão do tema e das opiniões expostas, isto é, que sejam percebidos o início, o meio e o fim da notícia apresentada.

A propósito do tema exposto torna-se importante mencionar que tais verbos atuam de forma complementar. Sejam eles descritivos ou avaliativos, os VDs surgem em uma mesma atmosfera discursiva. Para comprovar este processo, analisaremos o texto jornalístico intitulado *Medvedev: sì all’indipendenza di Ossezia e Abkhazia*, exposto na revista *Panorama*, de 26 de agosto de 2008.

“La sua scelta, il presidente georgiano Mikhail Shakaasvili, l’ha compiuta la notte dell’8 agosto”, quando le truppe georgiane hanno attaccato la provincia ribelle dell’Ossezia del Sud. “Saakashvili - **ha rincarato** - ha scelto il genocidio per raggiungere i propri obiettivi politici”.

Le precisazioni del Cremlino. Sulle accuse di non aver rispettato il patto Saarkozy, Medvedev, in un’ intervista al canale televisivo in lingua inglese ‘*Russia Today*’, **ha precisato** la sua verità: “Mosca ha pienamente adempiuto ai propri impegni, previsti nei sei punti del piano a nome dell’Ue. Abbiamo ritirato le nostre truppe dalla Georgia, tranne che nella cosiddetta fascia di sicurezza”.

---

<sup>10</sup> Ibidem, 19/08/08. ANEXO II.

La situazione era particolare in Kosovo, la situazione è particolare in Ossezia del Sud e Abkhazia”, **ha terminato** con una punta di veleno.<sup>11</sup>

A partir desta leitura é possível perceber que ao lado do VD ha terminato que ressalta a cronologia do discurso e, portanto, um verbo caracterizado como descritivo, são utilizados os VDs ha rincarato e ha precisato. Estes verbos contornam a cena enunciativa e faz referência ao contexto político.

Assim, o VD ha rincarato, utilizado pelo jornalista, sugere exacerbação do discurso do interlocutor, o que o constitui como um verbo avaliativo, segundo Maingueneau. E a autoridade conferida ao discurso do presidente russo Dmitry Medvedev é percebida através do VD ha precisato, assumida pelo contrato de fala estabelecido, que o torna apto a precisar, a especificar com exatidão o discurso, bem como a noção de ethos discursivo configura-se presente nesta análise. Assim, este verbo também é observado sob o viés avaliativo, de acordo com Maingueneau.

Concordamos com Maingueneau que os verbos introdutores do *discours rapporté* que atuam ressaltando o modo de realização fônica do interlocutor são compreendidos como descritivos, posto que o narrador assume, nesse momento, uma posição metalinguística.

Para exemplificar tal possibilidade, examinaremos a reportagem denominada *Afghanistan: diario di guerra dall'ultimo avamposto italiano*, revista *Panorama*, de 31 de agosto de 2008:

---

<sup>11</sup> Ibidem, 26/08/08. ANEXO III.

Quando è andato giù **ha gridato** "Mi hanno beccato, mi hanno beccato".<sup>12</sup>

Nesse caso, o VD ha gridato reflete o modo de realização fônica presente neste enunciado.

Todavia, torna-se pertinente destacar que tal verbo classificado nesta reportagem como descritivo pode apresentar-se, em outro contexto, como avaliativo, porque este verbo pode representar a insatisfação e a repulsa do interlocutor frente a uma determinada situação. Este é o caso da notícia denominada *La rabbia di Mumbai* exposta na revista *L'Espresso*, de 5 de dezembro de 2008:

L'uomo **grida** dal finestrino: "Oggi gli è tornata la voce a questi poliziotti. Quando sono arrivati i terroristi non si vedevano in giro. Solo ora che i terroristi sono morti la polizia torna sulle strade, a fare quello che gli riesce meglio: comportarsi da prepotenti con i tassisti. Ora sì che gli è tornata la voce".<sup>13</sup>

Outros verbos que também acreditamos constituir o modo descritivo são os que compõem a cena enunciativa e que promovem a percepção do tipo de discurso. Verificamos esta presença em ambas as revistas estudadas. Com o intuito de explicitar esta questão e comprovar a utilização desses VDs, escolhemos a notícia veiculada pela revista *L'Espresso* em 13 de agosto de 2008

---

<sup>12</sup> Ibidem, 31/08/08. ANEXO IV.

<sup>13</sup> Revista *L'Espresso*, 5/12/08. ANEXO: NOTÍCIA V.

*Città proibita e a ostacoli* devido ao maior número de VDs em uma mesma reportagem. Esta reportagem retrata as dificuldades enfrentadas pelos Pequineses durante os jogos olímpicos.

"Se solo il governo la smettesse di trasformare tutti i pechinesi in attori a uso e consumo della platea mondiale!", gli **ha risposto** un altro blogger. La piccola Lin suona il clacson. Xiaolan apre lo sportello e salta velocemente in macchina. "Mi hai portato il dvd di Gonfu Panda?", le **chiede**: "Stasera avrei bisogno di rilassarmi un po'". "Finito per Olimpiadi", le **risponde** velocemente Xiaolan.

"Hanno rimandato l'operazione di mio padre", dice. "Quella al cuore?", **domanda** Xiaolan, preoccupata.

"Dovremmo fare un salto al solito negozio d'angolo oggi pomeriggio e cercare dei calzini nuovi", **sorride** Xioalan.

"Impossibile", **risponde** Zhao: "Ci sono già stato, ma è chiuso fino a ottobre. Vendeva troppe magliette finte e le autorità di quartiere non hanno voluto rischiare una multa".

"E dove metterò la biancheria ad asciugare?". "Puoi sempre aspettare la fine delle Olimpiadi per fare il bucato", **risponde** ridendo Xiaolan.<sup>14</sup>

Neste trecho é possível notar que os verbos *ha risposto*, *chiede*, *domanda* e *risponde* não transmitem nenhum juízo avaliativo realizado por parte do enunciador, não há, portanto, avaliação do tipo verdadeiro / falso / incerto ou do tipo bom/ mau, pois tais verbos não transmitem uma pressuposição de índole avaliativa, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1997, p.133-134). Já o verbo *sorride* não se configura apenas como descritivo, uma vez que além de representar a expressão facial de Xioalan também reproduz a sua insatisfação com as medidas adotadas pelas autoridades de Pequim durante as Olimpíadas. Trata-se de um efeito de ironia, constituindo-se , dessa forma, como um VD avaliativo.

---

<sup>14</sup> Ibidem, 13/08/08. ANEXO: NOTÍCIA VI.

Julgamos necessário exemplificar, até aqui, os verbos que se inserem num contexto descritivo, mas, faz-se necessário ressaltar que o nosso estudo visa a análise dos verbos avaliativos, pois é neste ponto que acreditamos, devido às nossas primeiras análises, que haja maior incidência de subjetividade no ato de reportar um discurso.

Hipotetizamos que o narrador ao escolher determinados verbos *dicendi* faz uso da subjetividade, reproduz o ethos do personagem focado ao qual deseja dar destaque, pondo em cena a representação da sua imagem.

Para ilustrar nossa hipótese, selecionamos trechos de diversas notícias. Iniciamos com uma reportagem intitulada *Tra padrini i dittatori* publicada pela revista *L'Espresso*, em 01 de julho de 2008, para, assim, podermos observar como tais fenômenos ocorrem. A reportagem enfoca os temas sobre a tirania, a máfia, o tráfico e os limites das autoridades estaduais, mostra uma entrevista entre Roberto Saviano, autor do romance Gomorra, que narra a realidade sobre a Camorra e a criminalidade, e Luis Moreno-Ocampo, Procurador Chefe do Tribunal Penal Internacional.

Neste trecho, cita-se Diego Armando Maradona, que foi um cliente do advogado Luis Moreno-Ocampo:

"Muoversi con lui era incredibile: c'erano folle che accorrevano per venerarlo. I poliziotti che dovevano arrestarlo, persino i magistrati chiamati a giudicarlo imploravano un autografo. A lui si perdonava tutto: persino il papa lo ha salutato dicendo 'Sono un suo tifoso'. "A Napoli era la stessa cosa", gli **fa eco** Saviano: "E anche adesso quando torna viene sempre accolto come un idolo". Moreno-Ocampo scuote la testa:

"Semplicemente incredibile, pensare che era un bambino affamato. Poi è stato travolto dalla fama: ha perso il senso del limite"<sup>15</sup>.

Relacionado à posição social de Roberto Saviano apresenta-se o verbo *dicendi* fa eco que representa não apenas o intuito de ressaltar e acrescentar uma ideia, mas, sobretudo, traz consigo a ideia de confirmar uma informação, revelando que o entrevistado possui o conhecimento que o torna apto para isto.

Associado ao perfil do homem que persegue em todo o planeta os crimes contra a humanidade e possui sua atividade marcada por pessoas que perderam os limites, Luis Moreno-Ocampo , encontra-se o verbo *dicendi* scuote, na expressão *scuote la testa*, ressaltando a sua reprovação pela situação do jogador que ele próprio afirma, nesta reportagem, ter perdido o senso do limite depois da fama.

Ao ser perguntado se não poderia também perder o senso do limite, o jornalista utiliza o verbo *dicendi*, doravante VD, spiega, o que deixa claro que esta é uma pessoa apta a dar explicações:

"Bisogna seguire il mandato e non uscirne mai fuori", **spiega**: "Quando cinque anni fa sono stato eletto in questo incarico, ho subito venduto il mio studio legale e ho rinunciato all'insegnamento ad Harvard: non solo dovevo essere indipendente, ma dovevo anche mostrare di non potere venire influenzato. La mia forza sta nella mia reputazione. Se tu segui la legge, se tu non esci dal mandato, allora sei rispettato, allora hai il consenso. E questo in soli cinque anni ha permesso alla Corte penale internazionale di raggiungere obiettivi che erano impensabili. Ma se ti lasci condizionare dall'agenda politica, allora sei morto"<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Ibidem, 01/07/08. ANEXO: NOTÍCIA VII.

<sup>16</sup> Ibidem.

Para o escritor italiano Roberto Saviano, acostumado a receber ameaças devido a sua obra, mas que mesmo assim insistiu em contar a realidade sobre a *camorra* e hoje vive sob escolta da polícia, os VDs usados são incalza e insiste, o que destaca todo seu caráter insistente e investigativo:

"Ma il problema mafioso potrebbe essere affrontato con questi metodi? Non si tratta forse di una minaccia globalizzata che coinvolge l'intero pianeta", lo **incalza** Saviano.<sup>17</sup>

"E Fidel Castro?", **insiste** Saviano: "Un giorno potrebbe essere chiamato davanti alla vostra Corte?" "No. Niente Cuba, niente Iraq, niente Libano, niente Israele. (...) "<sup>18</sup>

Porém, para este escritor também é reservada a autoridade de explicar, pois está apto, de acordo com o contrato de comunicação estabelecido, tendo em vista que conheceu e tornou pública a realidade da máfia em seu romance *Gomorra*. Assim, o jornalista publica:

La parola che mette alle corde i criminali. In fondo, è la metafora di 'Gomorra': romanzo che più di ogni atto giudiziario si è trasformato in arma contro l'ultima delle mafie. "Perché è il numero dei lettori che lo rende tale, li trasforma in protagonisti", **spiega** lo scrittore. Fuori ci sono i carabinieri che lo circondano. Il procuratore che accusa governi e despoti invece non ha scorta, si muove in taxi e dorme a Roma in un hotel senza lussi. Sa cosa significa vivere nella minaccia: la protezione di Saviano lo riporta agli anni blindati dell'inchiesta sui generali argentini. E concorda con la sua analisi: "Dittatori militari e padrini, signori della guerra e boss sono uniti da due elementi. Pianificano crimini organizzati, seppur di dimensioni diverse. E vogliono controllare la loro immagine. Amano che si

---

<sup>17</sup> Ibidem

<sup>18</sup> Ibidem

parli di loro, ma non perdonano chi svela i meccanismi del loro potere: rispettano gli inquirenti, odiano i testimoni"<sup>19</sup>

Na notícia veiculada pela revista *L'Espresso* em 17 de novembro de 2008, com o título de *I volti della fame* também é possível perceber a ligação entre o VD e a posição social da pessoa citada na notícia. O assunto exposto nesta reportagem é a desnutrição na Etiópia que, segundo a revista, atinge seis milhões de pessoas. Nesta, quem relata a situação de miséria é uma sobrevivente. Em seguida, o mesmo trecho destaca o enunciado de uma enfermeira que trabalha no ambulatório do vilarejo de *Fagi Gole* e que, portanto, está apta a dar explicações sobre a diminuição pela procura do serviço ambulatorial:

Wegen Teklu cammina piano sulla strada sterrata. Il villaggio di Fagi Gole scompare alle sue spalle, il sentiero si addentra nelle campagne profonde dell'Etiopia meridionale. La donna rallenta per sistemare meglio Calab, il figlio di pochi mesi, aggrappato alle spalle, con un grande straccio. Intorno a lei, campi coltivati, pieni di granturco e di tef, il cereale onnipresente nella dieta etiopica: "È strano. Tutto è così verde eppure per mesi i nostri bambini si sono ammalati e sono morti", **racconta** Wegen, che nell'ultima grande carestia, cinque anni fa, ha perso una figlia senza sapere perché. Quest'anno, quando le piogge non sono arrivate, le riserve alimentari hanno cominciato a scarseggiare e Calab ha mostrato i segni della malnutrizione, la donna non ha aspettato. Si è messa in cammino verso Fagi Gole, il più grande villaggio della zona, per cercare aiuto. Dopo alcuni giorni di ricovero in un ambulatorio di Medici senza frontiere, il bambino si è salvato. E in tutta la regione il momento critico sembra superato. Gli ambulatori allestiti nei villaggi si vanno svuotando. "Va molto meglio di un mese fa", **spiega** Therese Eriksson, l'infermiera di Msf: "Quando il bisogno di cibo era disperato, le donne si accalcavano al cancello"<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> Ibidem

<sup>20</sup> Ibidem, 17/11/08. ANEXO: NOTÍCIA VIII.

Assim, na mesma matéria, ao Vice-ministro da Agricultura são conferidos os VDs spiega e afferma, posto que o seu cargo, através de um contrato de fala, confere-lhe autoridade para dar explicações e fazer afirmações:

Il governo ha cambiato posizione, triplicando le stime precedenti. "Siamo riusciti a ispezionare molte aree che prima erano rimaste fuori dalle indagini", **spiega** Mitiku Kassa, vice-ministro per l'Agricoltura.<sup>21</sup>

I mercati sono pieni di generi alimentari. È una strana carestia che cresce all'ombra dell'abbondanza. "Varia di zona in zona", **afferma** ancora il vice-ministro: "Dipende dall'impatto della natura e dalle pratiche agricole".<sup>22</sup>

Vale a pena ressaltar que encontramos com frequência o VD afferma relacionado sempre ao perfil social da pessoa cujo discurso foi mencionado. Ainda sobre o assunto da desnutrição na Etiópia, porém na notícia *Sorpresa Addis Abeba*, de 25 de agosto de 2008, ainda na revista *L'Espresso*, este VD aparece reforçando o discurso do economista americano Joseph Stiglitz:

Il Paese riscuote le dichiarazioni entusiastiche del Fondo monetario internazionale e della Banca mondiale. L'economista americano Joseph Stiglitz, in un recente viaggio in Etiopia, **ha affermato**: "È impressionante vedere indici di sviluppo superiori al 10 per cento"<sup>23</sup>

Se esse VD não aparece relacionado a um especialista, surge diretamente ligado ao perfil de um ser, que devido a sua idade, está perfeitamente apto a

---

<sup>21</sup> Ibidem

<sup>22</sup> Ibidem

<sup>23</sup> Ibidem, 25/08/08. ANEXO: NOTÍCIA IX.

explicar, visto que foi utilizado para reportar um seu discurso em uma cultura que respeita, valoriza e reverencia a sabedoria dos mais antigos, a chinesa. É o caso da reportagem intitulada *L'oro di Pechino*, exposta na revista *L'Espresso*, de 21 de agosto de 2008:

A partire dalla sfera dei diritti umani: "La comunità internazionale ha imposto i parchi delle proteste sulla Cina e la Cina ha risposto in maniera cinese", **spiega** un anziano di Pechino.<sup>24</sup>

Na notícia *Obama caccia a Osama*, revista *L'Espresso*, de 14 de novembro de 2008, o VD em questão é avverte, atribuído ao Especialista em problemas de segurança nacional O'Hanlon. Tal fato ressalta, mais uma vez, a forte relação entre o VD e a posição social do enunciador do discurso citado na matéria jornalística:

"In Afghanistan rischiamo di perdere", **avverte** O'Hanlon: "La posta è troppo alta per ignorare tutti gli aspetti della situazione in quel Paese o per ritenere che solo qualche piccola e modesta novità possa cambiare il corso degli avvenimenti".<sup>25</sup>

A revista *Panorama*, na notícia *Egitto: approvata la legge contro l'infibulazione, ma la pratica non scompare*, de 9 de julho de 2008, traz em seu conteúdo inúmeros VDs que se demonstram intimamente ligados ao perfil social do citado, nesse caso uma psicóloga que revela seu posicionamento contrário à infibulação nas mulheres egípcias.

---

<sup>24</sup> Ibidem, 21/08/08. ANEXO: NOTÍCIA X.

<sup>25</sup> Ibidem, 14/11/08. ANEXO: NOTÍCIA XI.

La testimonianza della ginecologa egiziana. Dice a *Panorama.it* Emma Bonino, da tempo impegnata nella battaglia contro la circoncisione femminile insieme alla diplomatica egiziana Moushira Khattab: “Francamente non mi preoccupa tanto il ‘cavillo’ quanto piuttosto che le leggi in Egitto, come spesso accade anche da noi, rimangano un po’ lettera morta”. Bonino si augura che la nuova legge venga difesa ed applicata, che anche le Ong continuino la campagna come “stiamo facendo noi un po’ in solitudine ” **sottolinea** “con NPWJ in Liberia, Eritrea, Djibouti”. Poi **aggiunge** “L’esempio egiziano ci aiuta!” Casi di mutilazioni genitali arrivano anche in Italia con gli emigrati. Ce ne parla Mona Mansour, ginecologa egiziana che lavora all’ospedale S.Paolo di Milano. “La donna araba è cresciuta pensando che la sessualità fosse un territorio inviccinabile” ci **spiega**. “È più un dovere che un piacere”. La dottoressa ci confessa di aver avuto delle richieste da quando lavora qui in Italia. “A chiedermelo sono generalmente le mamme, che hanno figlie e che non possono tornare in Egitto”. Ma lei si è sempre rifiutata. “La vedo come un’abitudine faraonica, dei tempi passati, quando si tentava di eliminare il senso di piacere alla donna per fare in modo che si concentrasse solo sui lavori pesantissimi di allora”. Poi **conclude**: “La donna è stata creata da Dio con il suo corpo, il suo clitoride e la sua vulva. La sessualità è una cosa che ci appartiene. Perché dovremmo eliminarla?”<sup>26</sup>

Para ela é dedicado, através dos VDs, o valor de autoridade: ela explica, destaca, acrescenta e conclui. Esta autoridade se apresenta de forma análoga a um perfil social compartilhado pelo jornalista (representante da instância midiática a qual pertence) e pelo co-enunciador.

A reportagem da revista *Panorama Da Sidney un “Papa ecologista”*: “*Riscoprire nella Terra il volto di Dio creatore*”, de 13 de julho de 2008, trata de questões ecológicas na Austrália e da questão da pedofilia, temas expostos num

---

<sup>26</sup> Revista *Panorama*, 09/07/08. ANEXO: NOTÍCIA XII.

encontro do Papa com jovens de todo o mundo reunidos em Sidney. Nesta, os VDs relacionados ao Papa Bento XVI ressaltam a posição de um ser que, visando a paz e a conscientização, tenta promover a busca por soluções positivas:

È un “Papa ecologista” quello che si presenta ai 200mila giovani di tutto il mondo riuniti a Sidney, in Australia, fino al 20 luglio per la Giornata mondiale della Gioventù. La desertificazione sta mettendo a dura prova il continente australiano: in alcune regioni non piove da anni, e la siccità riduce progressivamente le aree coltivabili. Benedetto XVI prende atto degli scarsi progressi nella tutela ambientale in occasione dell’ultima riunione del G8 e, conversando con i giornalisti in volo verso Sidney, **spiega** che “questo argomento sarà molto presente in questa Giornata mondiale della Gioventù: parleremo della creazione e delle nostre responsabilità nei confronti della creazione”. Certamente, **sottolinea** il Papa, “non è mia pretesa entrare nel merito di questioni tecniche che politici e specialisti devono risolvere, ma dare gli spunti essenziali e richiamare alla responsabilità di ciascuno per essere capaci di rispondere alla grande sfida di riscoprire nella Terra il volto di Dio creatore e di riscoprire la nostra responsabilità davanti al creatore”. **Prosegue** Benedetto XVI: “La creazione è affidata a noi e tocca a noi trovare la capacità etica per un nuovo stile di vita, se vogliamo davvero svegliare le coscienze e arrivare a soluzioni positive”.

La questione ambientale, **spiega** ancora il pontefice, è strettamente legata al tema scelto per questa Giornata mondiale della Gioventù (“Avrete forza dallo Spirito Santo che scenderà su di voi e mi sarete testimoni”), poiché “noi abbiamo bisogno dei frutti della terra, dell’aria, dell’acqua” che Dio ha donato attraverso l’azione dello Spirito Santo. Durante il suo viaggio Benedetto XVI affronterà la questione della pedofilia che ha messo a dura prova la Chiesa australiana, al pari di quella americana, dopo la scoperta di diversi casi di abusi sessuali compiuti da sacerdoti ai danni dei bambini. “Mi sento obbligato a parlare di questo problema come ho fatto negli Stati Uniti” **osserva** il pontefice “non basta chiedere perdono, dobbiamo interrogarci su cosa è stato inadeguato nel nostro comportamento e cosa possiamo fare per prevenire, curare e riconciliare la Chiesa con le vittime”. Essere sacerdote, **ha sottolineato** il Papa, “è incompatibile

con questi comportamenti” e sono stati compiuti errori nella formazione dei seminaristi.<sup>27</sup>

O pontífice explica, destaca seu posicionamento frente às situações e observa criticamente o comportamento inadequado, ressaltando a sua posição de representante maior da Igreja Católica. Revela-se , portanto, um uso dos VDs associado, mais uma vez, ao contexto em que está inserido.

A notícia de 20 de agosto de 2008 intitulada *Dall'Italia all'Africa, biglietto di sola andata: "Faccio fortuna con l'olio di palma"*, da revista *Panorama*, relata a escolha da África como meta de negócios para italianos devido ao grande potencial de desenvolvimento e destaca o projeto de Eugenio Belgiojoso, um jovem empreendedor italiano. Os VDs empregados –avverte, racconta e spiega– destinam a reforçar o perfil do jovem empreendedor que, apesar de jovem, conhece bem o projeto, defende com firmeza o uso dos bio-combustíveis e demonstra-se consciente em relação às questões ambientais:

Poi **aggiunge con fermezza**: “L'aumento dei prezzi alimentari è determinato dall'incremento del prezzo del petrolio, dalla forte crescita della domanda in Asia e certamente dalla speculazione al rialzo dei prezzi”.

La Comunità Europea ha in programma di promuovere l'uso dei bio-carburanti nei trasporti, fissando entro il 2015 una quota minima. “Occorre discriminare i bio-combustibili e favorire solo quelli con il minor impatto e la maggior resa per ettaro”, **avverte** Belgiojoso.

“Il paese è estremamente colorato e caotico” **racconta con un sorriso l'imprenditore**. “La comunicazione è facile grazie all'inglese, che è la lingua ufficiale. L'economia cresce

---

<sup>27</sup> Ibidem, 13/08/08. ANEXO: NOTÍCIA XIII.

velocemente, ma le infrastrutture sono indietro. La società è divisa in tribù e la struttura tribale convive con quella dello stato moderno di tipo occidentale”

“La grossa scommessa dell’Africa è la jatropha, che cresce in terreni aridi e poco redditizi per le coltivazioni alimentari, contribuendo positivamente sulle emissioni di CO2, senza togliere terreni fertili alle colture tradizionali” ci **spiega** Belgiojoso.<sup>28</sup>

Através, especificamente, dos VDs *spiega*, *afferma* e *avverte*, encontrados tanto na revista *L’Espresso* quanto na revista *Panorama*, é possível constatar que ocorre uma valorização positiva dos discursos citados, uma vez que, por meio destes *dicendi*, a imagem do interlocutor em foco é exaltada. É atribuída, assim, relevância a tais discursos, posto que os interlocutores encontram-se em uma posição social que lhes permite explicar ou advertir, por exemplo. Foi possível verificar, desta forma, a existência de um contrato midiático determinado pela encenação da informação apresentada. Portanto, os verbos em questão constituem-se como verbos avaliativos, posto que levamos em consideração para tal a classificação dos VDs citada por Maingueneau dos verbos como descritivos ou avaliativos.

Por isso, acreditamos, assim como Kerbrat-Orecchioni (1997), na existência de verbos subjetivos, que transmitam um juízo avaliativo:

“Em primeiro lugar, convém repetir uma indispensável precaução oratória: o emprego de qualquer unidade léxica –e os verbos não fogem a esta regra –pode ser considerado, em certo sentido, como subjetivo.” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p.131, tradução nossa.)

---

<sup>28</sup> Ibidem, 20/08/08. ANEXO: NOTÍCIA XIV.

Torna-se importante destacar que a exaltação do jogo midiático da captação do co-enunciador e a busca pelo processo de credibilidade realizado pelo sujeito informante pôde ser ressaltado através destes VDs, pois a partir de tais verbos introdutores do discurso reportado a encenação da informação apresentada pôde ser observada e sobre este tema Charaudeau (2006) disserta:

“O sujeito informante (jornalista e instância midiática) (...) fica, ao mesmo tempo, preso e livre na encenação do seu discurso. Ele deve levar em conta os componentes da situação de comunicação, sem o que não seria compreendido, mas ao mesmo tempo, pode jogar com tais componentes, combiná-los de maneira peculiar e apresentá-los de diversas formas. Ou seja, ele pode usar de estratégias em função dos desafios de credibilidade e de captação que escolhe para si”. (CHARAUDEAU, 2006, p.129)

Ainda sobre a avaliação presente nos VDs, buscamos explicitar o aparecimento de verbos introdutores representantes do contexto político para ressaltar que os VDs acompanham claramente tal contexto. A notícia que segue é intitulada *Il Papa a Parigi: scoppia la polemica politica tra Sarkozy e i socialisti*, exposta na revista *Panorama*, de 13 de setembro de 2008.

“Cosa hanno in comune un Papa che è contro il divorzio e un presidente che ha già divorziato due volte”, **chiede polemicamente** Vincent Peillon. E il primo segretario del PS, François Holland, **denuncia** “una vera confusione tra religione e politica”, alimentata da Sarkozy. Persino il leader moderato del MoDem, François Bayrou, cattolico praticante, prende le distanze: “Penso che sarebbe meglio non mischiare gli affari di Stato e le religioni perché il secolo che sta iniziando può essere molto pericoloso da questo punto di vista”. Ma Benedetto XVI, sulla scorta della millenaria sapienza della Chiesa, ha accuratamente evitato di cadere nella trappola

delle strumentalizzazioni e anzi ha elencato a Sarkozy le emergenze da affrontare: giovani, educazione, povertà, ambiente, immigrazione. “Attraverso le sue numerose istituzioni e iniziative la Chiesa cerca spesso di provvedere alle necessità immediate, ma è allo Stato che spetta di legiferare per sradicare le ingiustizie”, **ha scandito** Ratzinger di fronte al presidente francese.<sup>29</sup>

Nesta reportagem, o contexto político é nitidamente reproduzido, pois, alfinetadas, armadilhas, polêmica e denúncia constituem o *ethos* dessa cena de enunciação. Assim, frente a possíveis artifícios políticos, é direcionado ao Papa um verbo *dicendi* relacionado ao seu propósito nesta visita, enumerar as prioridades que devem ser encaradas para eliminar as injustiças.

A notícia *Così ho venduto la bomba* da revista *L'Espresso*, de 20 de junho de 2008, traz a entrevista de Abdul Qader Khan, o engenheiro nuclear acusado de ter distribuído os segredos da bomba atômica. Nesta, o VD *attacca* reflete bem o tom dado à reportagem, posto que do início ao fim o cientista procura se eximir das responsabilidades. O verbo *dicendi* em questão joga com o ambiente de ataques e ressalta essa atitude em prol de sua defesa:

Mentre Washington non ha risposto alle richieste dei giudici svizzeri che indagano sui Tinnens, gli uomini d'affari elvetici nei cui computer sarebbero stati trovati i documenti citati dal 'Washington Post'. Oggi quei dati sono stati cancellati. La Cia non si è limitata a chiedere la semplice distruzione di quei documenti, peraltro confermata dalle autorità svizzere qualche giorno fa, ma ne avrebbero preteso la polverizzazione. "L'hanno fatto per nascondere che molta di quella tecnologia proveniva dagli Usa e dai suoi alleati. I fornitori occidentali la vendevano a chiunque fosse disposto a pagarla", **attacca**

---

<sup>29</sup> Ibidem, 13/09/08. ANEXO: NOTÍCIA XV.

l'ingegnere nucleare: "Poi è stato facile far passare il dottor Khan come una canaglia e farne il capro espiatorio".<sup>30</sup>

A notícia *Criminali di guerra. A chi tocca dopo Karadzic* da revista Panorama, de 25 de julho de 2008, o VD accusa reflete a tônica da reportagem que trata do cerco que se fechou entorno de Radovan Karadzic, um dos últimos foragidos entre os criminosos de guerra da ex Iugoslávia.

Il tribunale dell'Aia ha molti scheletri nell'armadio. Il 3 aprile è stato assolto dalle accuse di crimini di guerra l'ex premier kosovaro Ramush Haradinaj, già comandante dell'Uck, l'esercito guerrigliero di liberazione del Kosovo. Peccato che i testimoni chiave del processo siano morti misteriosamente: la stessa corte ha ammesso intimidazioni e reticenze. «C'era grande pressione politica contro quel processo, che convergeva con l'indipendenza del Kosovo» **accusa** Marieke Wierde, responsabile del Centro internazionale per la giustizia transitoria.<sup>31</sup>

Reforça este uso o mesmo verbo, porém na revista *L'Espresso* na notícia *L'ultimo Eldorado*, de 19 de agosto de 2008. Esta reportagem traz à tona a caça ao ouro na Floresta Amazônica. Sobre o avanço dos garimpeiros, o chefe do departamento de vigilância do Ibama Adilson Cordeiro tem relacionado a ele os VDs accusa e chiede. Tais VDs apresentam a tônica de um discurso de um conhecedor das causas do problema em questão e, mais uma vez, revelam-se intrinsecamente relacionados ao contexto em que estão inseridos e ao perfil social do entrevistado.

---

<sup>30</sup> Ibidem, 20/06/08. ANEXO: NOTÍCIA XVI.

<sup>31</sup> Revista *Panorama*, 25/07/08. ANEXO: NOTÍCIA XVII.

"La foresta è trasformata in un paesaggio lunare, altro che preservazione ambientale", **accusa** Adilson Cordeiro, capo del reparto vigilanza dell'Ibama di Amazonas: "Usano il mercurio per separare l'oro dalla terra, il metallo pesante inquina i fiumi e si accumula nella catena alimentare, provocando danni soprattutto alla salute degli uomini. Ha mai conosciuto un garimpeiro che abbia più di sessant'anni?" **chiede**. Spesso muoiono di malaria, di dengue, epatite o altre malattie indotte delle precarie condizioni igieniche. Il prezzo dell'oro è triplicato negli ultimi dieci anni.<sup>32</sup>

Cabe ressaltar que nesta mesma reportagem, ao falar sobre a extração de metais e minerais da Amazônia e, principalmente sobre o metal fundamental – Tântálio– para a indústria de celulares, a posição defensiva do geólogo Gert Woeltj é nitidamente ressaltada:

L'estrazione di metalli e minerali ha un altissimo impatto ambientale ed è ritenuta una delle attuali cause di degrado dell'ecosistema. "Ma è un'attività puntiforme, dunque ha una responsabilità minima se paragonata ad altre attività, come l'agricoltura", **si difende** Gert Woeltje, geologo del ministero.<sup>33</sup>

Ainda sobre a nossa perspectiva dos VDs interligados ao perfil social do enunciador do discurso citado na entrevista ou ao contexto situacional, podemos citar alguns VDs que aparecem na revista *Panorama*. O trecho foi retirado da notícia *Londra: arrestato il ministro ombra dell'Immigrazione*, de 28 de novembro de 2008, e aborda a prisão de Damian Green, o ministro da imigração inglesa, e os temas relacionados ao terrorismo e à política:

---

<sup>32</sup> Revista *L'Espresso*, 19/08/08. ANEXO: NOTÍCIA XVIII.

<sup>33</sup> *Ibidem*

“Ha diffuso documenti e notizie che il Governo voleva tenere segrete”, **hanno accusato** gli uomini di sua Maestà la regina. “Tutte sciocchezze” **ha replicato** piccato Green dopo essere stato rilasciato “Mi hanno arrestato perché ho fatto il mio lavoro”.

Un episodio destinato a influenzare il clima politico inglese, dove - dopo mesi duri - il primo ministro Gordon Brown era riuscito a ritrovare un po' di consenso e di dialogo con l'opposizione, grazie alla crisi economica. Un dialogo che ora rischia di andare in fumo. “È stata un'operazione staliniana” **ha attaccato** il leader dei Tories David Cameron “L'hanno condotta con una durezza senza precedenti e deve essere stata autorizzata molto in alto”, **ha concluso** facendo intendere che il rivale Brown ne fosse a conoscenza.<sup>34</sup>

As acusações, as respostas ressentidas, os ataques constituem o contexto político destacado nesta notícia e os VDs em questão reforçam e contribuem para a representação do clima desse tipo de situação de comunicação que comporta a cena política. Tais VDs marcam os pontos de discussão, de divergência de opiniões, o que pressupõe uma avaliação por parte do produtor do texto midiático. Desta forma, o texto é centrado sob o plano da subjetividade, pois pode-se constatar a busca pela criação do efeito de polêmica em torno do assunto, haja vista o revide à acusação que foi posto em destaque. Assim, o VD *ha attaccato* além de ressaltar o perfil do líder David Cameron revelou, também, a sua proposta de polemização ao sugerir o conhecimento ou talvez a própria autorização do primeiro ministro Gordon Brown, de tanta durezza durante a operação contra o terrorismo.

Outra tentativa de polemização é percebida por meio do VD *ha ironizzato* presente na reportagem *Mc Cain e Obama, sfida comica all'ultima battuta* da

---

<sup>34</sup> Revista *Panorama*, 28/11/08. ANEXO: NOTÍCIA XIX.

revista *Panorama*, de 17 de outubro de 2008. Apesar do título fazer referência a um duelo cômico, o enunciado revela, nas entrelinhas do discurso realizado pelo jornalista, o contexto da cena política e ressalta, sobretudo, que o espaço linguístico mais uma vez encontra-se atrelado ao espaço situacional. Assim, o VD ha ironizzato contribui fortemente para demarcar a forte presença da subjetividade neste trecho:

Poi ha tirato qualche frecciatina al rivale: "Obama ha già un piano per ogni emergenza compresa quella peggiore: una ripresa della economia" **ha ironizzato** il senatore "In tal caso interromperebbe subito la campagna per volare a Washington e parlare alla crisi".<sup>35</sup>

Na matéria intitulada *Passate le Olimpiadi, l'India si scopre invidiosa della Cina* da revista *Panorama*, de 28 de agosto de 2008, o VD em questão é lamentare. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1997) este é um verbo modalizante e como tal possui a propriedade de permitir ao enunciador emitir um juízo de verdade / falsidade sobre os fatos e que, por isso, também podem ser chamados, às vezes, de factíveis. Dessa forma, Brekle (1974) subdivide tais verbos em factíveis-positivos e factíveis-negativos (BREKLE, H. E, apud: KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p.148):

"Verbos como lamentar, negar, saber, pertencem à classe dos verbos factivos-positivos, cuja propriedade original consiste em supor como verdadeira a oração que os completa. Verbos como mentir, aparentar, pertencem à classe dos verbos factivos-negativos: possuem a propriedade de pressupor a falsidade das orações que os completam." (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p.148, tradução nossa.)

---

<sup>35</sup> Ibidem, 17/10/08. ANEXO: NOTÍCIA XX

Buscamos mostrar nos exemplos a seguir que concordamos com Gavazzi e Rodrigues (In PAULIUKONIS e GAVAZZI, 2003, p.59) no tocante ao fato de que o narrador, com este VD, solicite o engajamento do leitor à causa citada pelo locutor na notícia veiculada. Nesta, é ressaltada a falta de estrutura da Índia nos jogos olímpicos, apesar de ser a segunda nação mais populosa do mundo. Tal falta de estrutura, segundo a notícia, refletiu-se no número de medalhas conquistadas.

A reportagem ressalta, sobretudo, os problemas enfrentados pelo país, não apenas relacionados ao campo esportivo, e evidencia o confronto entre a democracia e o totalitarismo, a sua organização como potência econômica e o seu desenvolvimento. O jornalista, aqui, busca a sensibilização do leitor com a situação dos indianos e utiliza para tal os VDs *si lamenta/ si lamentano* e busca partilhar esta situação. Este é um verbo, segundo Kerbrat-Orecchioni (1997), que descreve literalmente uma atitude interior do locutor (Lo). Segue a supramencionada notícia:

L'India è la seconda Nazione più popolosa del mondo ma ha portato a casa da Pechino solo tre medaglie. Il confronto coi "vicini" è impietoso. "Colpa della passione per il cricket e della scarsità di strutture" **si lamentano atleti e quotidiani indiani**. Certo, un po' di invidia c'è: con una popolazione di quasi un miliardo di persone, New Delhi porta a casa nella più fruttifera edizione dei Giochi la miseria di 3 medaglie (di cui solo una d'oro) e il potente vicino, quello di sopra, si prende il primo posto nel medagliere con cento podi e 51 primi posti. Insomma, si può capire lo stato d'animo degli indiani quando pensano allo stato del loro sport comparato con il trionfo cinese.

"Il problema è che in questo Paese si vive solo di cricket" (è lo sport nazionale) **si lamenta** il capitano della forte squadra di

hockey Dahnray Pillaj sul *Times of India*. Il sentimento è comprensibile, basta pensare alle polemiche tutte italiane sul “trattamento di favore” riservato al calcio. Ma c’è di più: “Perché non impariamo qualcosa dalla Cina?” Si chiede il corridore Gurbachan Singh Randhawa (110 ostacoli) “I nostri coach hanno degli standard obsoleti, non hanno il minimo interesse a imparare le novità”.<sup>36</sup>

*As matérias Messico: la guerra dei narcos e Appello di Bush al Congresso: senza piano anti-crisi, conseguenze gravi*, ambas da revista *Panorama*, publicadas em 10 de dezembro e 30 de setembro de 2008, respectivamente, constituem nosso próximo ponto de análise.

A primeira, como o próprio título deixa transparecer, trata da guerra no México, ocasionada pelo narcotráfico, e cita o número de mortos como consequência, segundo as informações do Ministro da Justiça Eduardo Medina-Mora. A segunda, trata do momento crítico da economia americana. Estas notícias ressaltam uma importante classificação dos verbos introdutórios do discurso reportado:

In Messico, tutti parlano di guerra “de los cuernos de chivos”. La guerra delle corna di vacca, un nome che potrebbe far pensare ai toreri e alle corride. Ma la guerra delle corna di vacca prende in realtà il nome dall’arma preferita dai narcotrafficienti messicani, il Kalashnikov, che col suo caricatore ricurvo da 70 colpi ricorda le corna dei bovini. Ma che è decisamente meno mansueto, visto che nell’ultimo anno i morti sono il doppio di quello precedente: da gennaio i corpi sulle strade, fra narcotrafficienti, civili, agenti e soldati, sono stati 5376 secondo il ministro della giustizia Eduardo Medina-Mora. “E temo che non siamo ancora al massimo”, **ha ammesso sconsolato**.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> Ibidem, 28/08/10. ANEXO: NOTÍCIA XXI.

<sup>37</sup> Ibidem, 10/12/2008. ANEXO: NOTÍCIA XXII.

Il leader americano ha poi annunciato che i rappresentanti della sua amministrazione incontreranno i leader del Congresso per trovare una soluzione. "Siamo in un momento critico" **riconosce Bush**, che dice di comprendere anche "la preoccupazione dei contribuenti" per il fatto che bisogna spendere 700 miliardi di dollari pubblici.<sup>38</sup>

Os verbos em destaque revelam o que Maingueneau (1993) cita como a classificação para verbos avaliativos, pois incidem sobre o ponto de vista atribuído ao enunciador face ao que diz. Assim, fazem emergir valores de verdade, pois de acordo com Fiorin (1999) os verbos *reconhecer*, *admitir*, *revelar* e *confessar* fazem pressupor uma informação verdadeira.

Não se pode, contudo, deixar de mencionar que nas revistas estudadas os verbos classificados como neutros, isto é, que tendem a proporcionar um efeito de neutralidade na informação apresentada, como os verbos dizer, falar, declarar, etc, foram encontrados indistintivamente.

Estes verbos são considerados neutros em relação às duas classes de informações que são veiculadas por um *verbum dicendi*: os que apresentam um valor descritivo e os que constituem-se como avaliativos. Com o objetivo de exemplificar o uso neutro destes verbos, analisamos a notícia Fronte Kabul, trincheira Bagdad da revista *L'Espresso*, de 5 de dezembro de 2008:

I centri di addestramento sono lì. Punti di raccolta e poi di smistamento. In Afghanistan non servono basi, basta varcare la frontiera, colpire e tornare indietro. "I nostri Paesi sono i più colpiti da Al Qaeda", **dice** Hamid Mir, scrittore pachistano e unico giornalista ad aver incontrato Bin Laden tre volte: "Il

---

<sup>38</sup> Ibidem, 30/09/2008. ANEXO: NOTÍCIA XXIII.

terrorismo, non colpisce solo l'Occidente, ma soprattutto i paesi musulmani.

"Tutti i campi di addestramento sono dentro basi militari, in alcune si impara a costruire bombe, in altre a diventare kamikaze", **dice** Nawib Mohmand, inviato nelle zone tribali di Tolo Tv, la rete più seguita in Afghanistan, "ritengo che Bin Laden sia in una base in Beluchistan. I raid pachistani in Waziristan? Sono uno show per gli americani, per questo ora gli Stati Uniti sconfinano sempre di più in Pakistan per colpire da soli Al Qaeda". "Bisogna distinguere tra talebani e Al Qaeda, **dice** Mozhdha, "già questo toglierebbe forza ai due movimenti. È grazie ad Al Qaeda se i talebani sono finiti in Iraq ad addestrarsi e poi sono tornati capaci di colpire gli stranieri con una strategia, quella dei kamikaze e degli ordigni che non era loro".<sup>39</sup>

Constata-se aqui que o efeito de imparcialidade através do verbo *dicendi* dice foi atingido, mas vale a pena ressaltar que dissemos *efeito de neutralidade*, pois a total imparcialidade é utópica, tendo em vista o que é postulado por Charaudeau (2006) no tocante ao fato de que comunicar, informar, tudo é questão de escolha para influenciar o outro. Desta forma disserta:

"O tratamento é a maneira de fazer, o modo pelo qual o sujeito informador decide transpor em linguagem (e também iconicamente, caso possa recorrer à imagem) os fatos selecionados, em função do alvo predeterminado, com o efeito que escolheu produzir. Neste processo, está em jogo a inteligibilidade em si, esta depende de escolhas discursivas efetuadas pelo sujeito informador." (CHARAUDEAU, 2006, p.38)

---

<sup>39</sup> Revista *L'Espresso*, 5/12/08. ANEXO: NOTÍCIA XXIV.

Assim, a utilização deste verbo se constitui em um efeito de *álibi* para a informação, pois através do distanciamento proporcionado pelo discurso citado, é atribuída a credibilidade ao texto, visto que o locutor citado surge como o não-eu, a autoridade que protege a asserção. Temos a audácia de indagar se esta não se configura como uma espécie de atitude -discursiva- que joga a responsabilidade para o sujeito interpretante, isto é, para o co-enunciador.

## 6. CONCLUSÃO

O *corpus* da presente pesquisa comporta cento e cinquenta artigos. Destes, foram selecionados vinte e quatro para a nossa análise, pois comportavam um maior número de verbos *dicendi* e os mais representativos em uma mesma notícia. Assim, a partir dos dados levantados ao longo da pesquisa, foi possível expor em números a quantidade dos verbos *dicendi* presentes no *corpus* analisado.

Desse modo, a revista *L'Espresso* apresentou 67 VDs neutros de um total de 175 VDs, o que equivale a um total 38% de VDs neutros. Já a revista *Panorama* apresentou 127 VDs neutros de um total de 422 VDs, totalizando, portanto, 30,1% de VDs neutros.

Ao acrescentarmos a tais verbos neutros os verbos que apenas inserem o discurso em uma cronologia discursiva –classificados como descritivos– e que, portanto, não transmitem valor, estes números passam por algumas alterações.

Assim, a revista *L'Espresso* apresenta 80 VDs neutros<sup>40</sup> de um total de 175 VDs, o que equivale a um total 46% de VDs neutros. Já a revista *Panorama* apresenta 184 VDs neutros<sup>41</sup> de um total de 422 VDs, totalizando, portanto, 44% de VDs neutros.

---

<sup>40</sup> Julgamos como neutros os verbos *dizer* em seus variados tempos verbais e os verbos classificados por Maingueneau como descritivos, mais precisamente os verbos que situam o discurso em uma cronologia discursiva (verbos prosseguir, continuar, completar, finalizar, concluir, etc.).

<sup>41</sup> Idem.

Tal fato ressalta que apesar da utilização do discurso direto produzir um efeito de objetivação, os verbos utilizados nestas revistas para reportar um discurso, em sua maioria, não são classificados como neutros. Isso equivale a dizer que estes textos classificados como informativos e, que portanto, tenderiam à neutralidade e à objetividade, na verdade, revelam-se textos com um crescente nível de subjetividade.

Permite, sobretudo, a compreensão do fato de que retomar, repetir, apropriar-se de, reconstruir o dito através do ato de enunciação é construir a identidade do ser que fala. Faz com que este ato forneça, ao mesmo tempo, um testemunho de si e do outro.

Desta forma, a exaltada imparcialidade revela-se uma fantasia, pois assim como Charaudeau (2006) acreditamos e comprovamos que não há comentário sem que o sujeito informador demonstre seu ponto de vista pessoal e se demonstre. O sujeito o faz de forma consciente ou não, e por vezes, acaba expondo sua opinião, por isso afirma:

“Diz-se que as mídias não têm de tomar posição, que devem mostrar com neutralidade, mas sabe-se que essa neutralidade é ilusória.” (CHARAUDEAU, 2006, p.180)

Por conseguinte, é possível afirmar que não há texto neutro e, por isso, não se podia negligenciar a escolha de determinados verbos *dicendi* para reportar um discurso, posto que Kerbrat-Orecchioni (1997) afirma que se esconder por trás de um terceiro é uma maneira habilidosa de sugerir o que se pensa sem necessariamente ser responsabilizado por isto:

“se caracteriza, entre outras coisas, por utilizar um certo número de estratégias que permitem ao locutor emitir juízos avaliativos sem sair de um relativo anonimato;” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p.150, tradução nossa.)

A partir do estudo destas revistas pôde-se perceber que os VDs utilizados pelos narradores do texto jornalístico no *discours rapporté* encontram-se associados ao contexto social e, principalmente, ao perfil social do interlocutor nas notícias mencionadas. Ou ainda, buscam o engajamento do co-enunciador.

Fica evidente que a escolha de determinados verbos *dicendi* nesta análise, cumpre o contrato de comunicação e demonstra-se relacionado ao ethos do interlocutor, isto é, o discurso visa aqui a estabelecer a co-presença desse ethos e do co-enunciador para o qual é dirigida a informação.

Vale a pena destacar que é o produtor do texto midiático quem traduz as palavras e as intenções de seu interlocutor, isto é, os seus propósitos, de acordo com o seu ponto de vista ou de acordo com o perfil da mídia que representa. É ele, portanto, quem atribui ao enunciador do discurso citado uma intenção. Por isso, os VDs ressaltaram a existência dessa subjetividade e comprovaram, nesta pesquisa, a propensão a um jornalismo mais subjetivo para reportar um discurso nas seções *Mondo* das revistas italianas *L'Espresso* e *Panorama*.

Cabe ressaltar que através da análise de uma dada formação discursiva, esta será sempre parcialmente apreendida, uma vez que se caracteriza por uma incompletude e possui uma natureza historicamente complexa.

É importante mencionar que cada tipo de discurso postula seus efeitos de verdade de forma particular. O discurso de informação modula estes efeitos de acordo com as razões pelas quais uma informação é transmitida, transparecendo resquícios daquele que fornece a informação e segundo os meios que tal sujeito informador aciona para provar sua veracidade.

A informação é, então, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma dada linguagem, por alguém que possua tal saber a alguém que se pressupõe não possuí-lo. Desse modo, surge um ato de transmissão que faria com que o sujeito passasse de um estado de não-conhecimento a um estado de conhecimento.

Para isto, a mídia se utiliza do informador apresentado como testemunha. A testemunha, então, desempenha o papel de portador da verdade, bem como o seu discurso inserido à informação, apresentada através do verbo introdutor do discurso reportado.

Assim, estabelecemos este pressuposto como um ponto de estudo importante em nossa pesquisa, posto que se configura como uma estratégia usualmente midiática, uma vez que visa à manutenção do conceito da informação apresentada de forma absolutamente neutra, livre de subjetividade e que se utiliza do discurso de um terceiro como uma estratégia discursiva para fornecer um efeito de autenticidade à notícia.

Através da modalização, que é o meio de que o locutor-relator dispõe para expressar o posicionamento de crença para com a veracidade dos propósitos do locutor de origem, é que se reflete a escolha dos verbos que descrevem o modo de declaração (dizer, declarar, informar, indignar-se, atacar, etc) e isto varia de

acordo com o posicionamento do locutor-relator. Trata-se, enfim, da linguagem que é inerente ao homem e que, portanto, reflete seu caráter associado à subjetividade. Equivale ao que proclama Benveniste (2005), posto que é na linguagem e é pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.

Por isso, o discurso direto que é caracterizado pela inserção de um segundo locutor no enunciado e que tenderia a reproduzir de forma literal as alocações citadas revela, na verdade, um tipo de teatralização de uma enunciação anterior. Logo, não deve ser considerado mais ou menos fiel que o discurso indireto, mas precisa ser observado sob o viés de duas estratégias diferentes usadas para relatar uma enunciação.

O discurso direto é, em suma, resultado de uma debragem interna na qual o narrador dá voz a um actante do enunciado. Dessa forma, possui duas instâncias enunciativas, isto é, dois níveis de *eu*: o do narrador e o do interlocutor. É, sobretudo, uma representação da enunciação construída com o auxílio do discurso do narrador. Como apresenta dois níveis de enunciação, dois sistemas enunciativos autônomos, cada um mantém seu *eu* e seu *tu*, assim como suas referências e marcas de subjetividades próprias.

E a utilização do discurso direto fornece esse efeito de veracidade e objetividade à enunciação, porque dá a impressão de que o narrador apenas repete o que disse o interlocutor e, ao delegar voz a um interlocutor, tende-se a pressupor como verdade tal enunciação posto que foi dado voz a este interlocutor, uma espécie de autoridade que ampara a asserção.

De acordo com Charaudeau (2006), as mídias se apresentam como um organismo especializado que assumiu a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia e em benefício da cidadania. Porém, este é um organismo que se define sob um viés comercial devido à sua busca para captar grande parte do público, se não a maioria desse público.

Assim, não cremos na hipótese da simples gratuidade, posto que o processo de captação obriga tais organismos à sedução de alguma forma, sem citar que a informação, por representar a reprodução especular dos acontecimentos do espaço sócio-político, nem sempre se apresenta isenta de posições ideológicas. Sobre isso, Charaudeau (2006) disserta:

“Não há “grau zero” de informação. As únicas informações que se aproximam do grau zero, entendido como ausência de todo implícito e valor de crença (...) são os anúncios dos jornais, os programas de cinema, os diversos anúncios de classificados, etc.” (CHARAUDEAU, 2006, p.59)

Por isso, no presente estudo foi feita a análise da presença de subjetividade no ato de reportar um discurso, através dos verbos *dicendi*, nos textos das revistas italianas *L'Espresso* e *Panorama*. Por meio dessa análise e de seus resultados, foi possível traçar um perfil dessas revistas, tendo em vista a sua relação com a subjetividade que se configura no *discours rapporté*.

Portanto, a partir de tais resultados obtidos, constatamos que na seção *Mondo* dessas revistas há uma crescente presença de subjetividade relacionada

ao uso dos VDs por parte do enunciador, seja ao utilizá-los de forma vinculada ao perfil social do interlocutor, ressaltando positiva ou negativamente não só o perfil, mas o discurso, seja relacionado à tentativa de polemização ou de sensibilização do co-enunciador, aspectos que se constituem como estratégias discursivas para a captação desse co-enunciador e que foram realizadas por meio de um contrato de comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*/ Ruth Amossy (org.). 1ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

AUERBACH, Erich. *As origens das línguas românicas. Introdução aos estudos literários*. 2ª edição. São Paulo: Cultrix, 1972.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1ª edição. 6ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I* : trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri: revisão prof Isaac Nicolau Salum. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II* : trad. Eduardo Guimarães. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*; trad. Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*; trad. Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2ª edição, 1ª reimpressão; trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Celso & CARDOSO, Wilton. História externa da língua portuguesa: latim clássico e latim vulgar: O romance. In: Português através de textos. 3ª ed. Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares S.A,1970.

DARDANO, Maurizio & TRIFONE, Pietro. Grammatica italiana con nozioni di linguistica. 3ª edizione. Bologna, Zanichelli Editore S.p.A., 1999.

DE MAURO, Tullio. Storia linguistica dell'Italia unita. Bari: Laterza, 1993.

FERNANDES, Claudemar Alves. Análise do discurso: reflexões introdutórias. 2ª edição. São Carlo, SP: Editora Claraluz, 2008.

FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo, SP: Editora Ática, 1999.

GAVAZZI, Sigrid & RODRIGUES, Tânia Maria. Verbos dicendi na mídia impressa: categoria e papel social. IN: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (org.) Texto e Discurso: Mídia, Literatura e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Os atos de linguagem no discurso; trad. Fernando Afonso de Almeida e Irene Ernest Dias. Niterói: EdUFF, 2005.

\_\_\_\_\_. La Enunciación: de La subjetividad en el Lenguaje. 3ª edición. trad. Gladys Ânfora y Emma Gregores. Buenos Aires:Edicial S.A, 1997.

LAUSBURG, Henriche. Modo da romanização. O latim vulgar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso; trad. Freda Indursky. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MARAZZINI, Claudio. La lingua italiana. Profilo storico. Bologna: Il Mulino, 1998.

MELLO, Gladstone Chaves de. Formação das línguas românicas. In: Iniciação à Filologia Portuguesa. Rio de Janeiro, Organização Simões. Centro de Estudos de Língua Portuguesa, 1951.

MIGLIORINI, Bruno. Storia della língua italiana. 10ª edizione. Firenze: Sansoni Editore, 1991.

ORLANDI, Eni P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 8ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2009.

SABATINI, Francesco. La comunicazione e gli usi della língua italiana: pratica dei testi, analisi logica e storia della língua. 2ª edizione. Loescher Editore, 1990.

## REFERÊNCIAS

[http://archivistorico.corriere.it/2006/maggio/04/Aie\\_aumentano\\_lettori\\_Italia](http://archivistorico.corriere.it/2006/maggio/04/Aie_aumentano_lettori_Italia)

Acesso em 17 de dezembro de 2009.

<http://www.espresso.repubblica.it> Acessos em 21 e 22 de julho de 2009.

<http://www.archivio.panorama.it> Acessos em 21 e 22 de julho de 2009.

<http://www.adsnotizie.it> Acessos em 17 de dezembro de 2009 e 5 de fevereiro de 2010.

## ANEXOS

### NOTÍCIA I

## **I Giochi di Pechino e i moralizzatori del Cio tra divieti e bacchettate**

- Tags: [Alejandro-Blanco](#), [Cio](#), [Giselle-Davies](#), [Madrid](#), [olimpiadi-2008](#), [Pechino](#), [Spagna](#), [usain-bolt](#)
- [3 commenti](#)



All'aeroporto di Madrid [153 persone sono morte in un incidente aereo](#). L'intera Spagna è sotto shock, ma a Pechino il [Comitato olimpico \(Cio\)](#) ha deciso di non proclamare alcun lutto e di dire no a tutto. Negativa è stata infatti la risposta del Cio alla richiesta della delegazione spagnola presente ai Giochi di far indossare agli atleti iberici che disputeranno le gare di oggi una fascia nera al braccio in segno di lutto. Fascia portata al braccio già ieri dai giocatori della nazionale di calcio in occasione dell'amichevole contro la Danimarca e, nonostante il divieto, portata anche oggi dalle tre atlete spagnole nella marcia femminile, María Vasco, Beatriz Pascual y María José Povés.

Deciso no anche alla richiesta di esporre nel villaggio olimpico la bandiera rossa e gialla a mezz'asta, come aveva richiesto il presidente del [Comitato Olimpico Spagnolo \(Coe\)](#), Alejandro Blanco.

Secondo quanto riporta il giornale [El mundo](#) la spiegazione del Cio, non ancora ufficiale, risiederebbe nella volontà di non fare "figli e figliastri": la stessa richiesta era infatti stata negata alla Georgia in seguito al conflitto con la Russia, per non offendere la delegazione russa. Ma, come sottolinea il quotidiano spagnolo, quella della Spagna non aveva nessuna "connotazione politica".

Per rispondere a quella che viene vista come una censura sulla tragedia che ha colpito il Paese, il Coe risponde con la bandiera a mezz'asta esposta in Casa Spagna. Sempre nella residenza ufficiale iberica a Pechino oggi pomeriggio sarà anche organizzata una cerimonia per ricordare le vittime dell'incidente. Ci sarà l'Infanta Cristina, in compagnia del suo sposo Inaki Urdangarin, oltre alla ministra dell'Educazione Mercedes Cabrera, il segretario

di stato allo Sport Jaime Lissavetzki e il presidente del comitato olimpico Alejandro Blanco.

Terrorizzati dalla possibilità che manifestazioni di carattere politico o religioso possano “contaminare” i Giochi, al Cio stanno assumendo una linea che *El mundo* definisce talmente “massimalista” da risultare “assurda”.

E assurdi o quanto meno criticabili sono state considerate anche altre scelte assunte dal Comitato in questi giorni. A partire risultati anti-doping che sono stati messi in discussione da parte dell’opinione pubblica. Solo sei casi di doping su un totale di 4.133 controlli hanno scatenato infatti domande e dubbi sull’attendibilità dei test che il Cio definisce invece sicuri, “Nessun rischio di giochi truccati”, **ha assicurato Giselle Davies**, portavoce del Comitato olimpico internazionale “Le analisi sono condotte di concerto con tutte le autorità antidoping, dalla Wada alle varie federazioni internazionali”.

Divieti, proclami e condanne. L’ultima critica del Comitato riguarda i festeggiamenti e l’esuberanza di Usain Bolt (guarda la GALLERY), che è stato invitato a mostrare maggior considerazione nei confronti degli avversari. “È ancora un ragazzo, ma deve mostrare più rispetto nei confronti dei suoi rivali”, **ha detto il presidente del Cio, Jacques Rogge**, “Rispecchierà ancor più lo spirito olimpico”. Secondo Rogge il talento giamaicano, recordman sui 100 e sui 200 metri “può essere considerato come l’americano Jesse Owen negli anni ‘30, ma deve stringere la mano agli avversari all’arrivo. Certo”, **aggiunge**, “ha solo 22 anni e ha tutto il tempo per imparare”.

Lezioni di galateo che portano il presidente belga a definire “show” gli atteggiamenti del campione, “una stretta di mano o una pacca sulla spalla dopo la corsa, sarebbe un gesto da fare” **conclude il presidente**.

- antonietta.demurtas

Giovedì 21 Agosto 2008

## NOTÍCIA II

### Algeria: quali sono le ragioni della rivolta islamista

- Tags: [Al-Qaeda](#), [Algeri](#), [Algeria](#), [Movimento-di-Al-Qaeda-per-il-Maghreb-Islamico](#)
- [Un commento](#)



Il terrorismo islamico ha nuovamente colpito al cuore l'Algeria. L'ennesimo attentato kamikaze, avvenuto stamane presso la scuola militare di Issers, in Cabilia, ha provocato almeno 43 morti e 38 feriti. Anche se l'attacco non è stato ancora rivendicato, tutti i sospetti si concentrano sul *Movimento di Al Qaeda per il Maghreb Islamico*, l'organizzazione terroristica algerina che ha i suoi santuari in questa regione, la Cabilia, da sempre in guerra contro il potere centrale. Prima contro i francesi, poi contro il FLN, infine, dal 1991, anno del golpe, contro gli uomini di Bouteflika.

Nonostante le operazioni condotte dall'esercito, l'organizzazione guidata da Abdelmalek Droukdel ha dimostrato di poter colpire con facilità. Quello di oggi è il settimo attentato dall'inizio dell'anno. "Il successo del *Movimento di Al Qaeda per il Maghreb Islamico* si basa su una serie di ragioni geografiche e demografiche, non solo ideologiche", **fa sapere a Panorama.it** Claude Salhani, analista presso la *United Press International*. "I ribelli si nascondono in zone montagnose, difficili da controllare, e hanno il supporto di parte della popolazione. Dal punto di vista operativo sono le stesse difficoltà che la Francia aveva con gli insorti algerini durante l'occupazione coloniale".

Lo scorso 6 settembre, un attentatore suicida si è fatto esplodere nella città di Batna, uccidendo 20 persone poche ore prima di una visita presidenziale, mentre a dicembre i militanti colpirono il quartier generale dell'Onu ad Algeri, facendo 41 vittime. "Stiamo assistendo all'evoluzione di un gruppo che sta sempre più assumendo le caratteristiche di un'organizzazione terroristica in stile Al Qaeda", **spiega Riccardo Fabiani**, analista politico per il Nordafrica presso *Exclusive Analysis*, un importante think tank londinese che studia i fenomeni terroristici. "E' organizzato in piccole cellule, difficili da scovare. In una situazione come questa la risposta militare da sola non basta".

Pur non essendo particolarmente popolare tra la gente, l'organizzazione sfrutta con efficacia il malcontento sociale verso il governo del presidente Abdelaziz Bouteflika. Disoccupazione, crisi economica, vecchie ferite risalenti alla guerra civile, cominciata nel 1992 e costata la vita a più di 150.000 persone. Sono queste le principali ragioni dell'ascesa

degli islamisti. Lo stesso capo islamista Droukdel ha recentemente dichiarato al *New York Times* che un numero crescente di giovani senza prospettive sta ingrossando le fila del gruppo. Anche perché, dei miliardi di dollari guadagnati dall'Algeria con le esportazioni di petrolio e gas naturale, alla gente comune arrivano solo le briciole. “Negli ultimi mesi ci sono state almeno dieci rivolte giovanili spontanee nel paese, per i motivi più disparati. E' il segno di un malessere profondo”, **prosegue** Fabiani.

Bouteflika non è neppure riuscito a curare le ferite della guerra civile. Nel 2006, il governo varò un'amnistia che permise la scarcerazione di circa 2.000 persone, ma non c'è stato nessun altro vero tentativo di riconciliazione. E mentre il presidente sostiene che l'amnistia era l'unico modo per lasciarsi alle spalle i fantasmi del passato, per i suoi detrattori Bouteflika avrebbe così protetto dalle indagini le forze di sicurezza, accusate di pesanti crimini contro la popolazione civile durante la guerra con gli allora militanti del *Fronte Islamico di Salvezza* (Fis) e del *Gruppo Islamico Armato* (Gia). Gli eredi di quest'ultimo si riorganizzarono formando il *Gruppo Salafita per la Predicazione e il Combattimento*, poi diventato *Movimento di Al Qaeda per il Maghreb Islamico*. “Con una disoccupazione giovanile che tocca il 30 per cento, chi è stato amnistiato non ha comunque trovato prospettive di reintegro nella società”, **conclude** Fabiani. “E' inevitabile che almeno una parte si sia riciclata tornando a combattere”.

- [matteo.fagotto](mailto:matteo.fagotto)

Martedì 19 Agosto 2008

## NOTÍCIA III

### **Medvedev: sì all'indipendenza di Ossezia e Abkhazia**

- Tags: [Georgia](#), [ossezia](#), [Russia](#), [tbilisi](#), [Vladimir-Putin](#)
- [Un commento](#)



È intorno a mezzogiorno che il presidente russo Dmitry Medvedev è apparso sugli schermi della televisione di Stato per fare quell'annuncio che era nell'aria ormai da qualche giorno: “Firmerò il decreto per il riconoscimento dell'indipendenza di Abkhazia e dell'Ossezia del Sud che mi ha sottoposto il parlamento. Non è stata una scelta semplice ma è l'unico modo di salvare delle vite umane. Ormai è chiaro che una soluzione pacifica al conflitto non è nelle intenzioni della Georgia”. Il *j'accuse* del numero uno del Cremlino contro la leadership georgiana e i suoi “guardiani stranieri” è totale e la responsabilità della guerra ricade, secondo Mosca, interamente su Tbilisi: “La sua scelta, il presidente georgiano Mikhail Shakaasvili, l'ha compiuta la notte dell'8 agosto”, quando le truppe georgiane hanno attaccato la provincia ribelle dell'Ossezia del Sud. “Saakashvili - **ha rincarato** - ha scelto il genocidio per raggiungere i propri obiettivi politici”.

**Reazioni internazionali.** Non si sono fatte attendere le reazioni all'annuncio del Cremlino, giunto al termine di un Consiglio di Sicurezza sul Mar Nero cui ha partecipato anche il premier russo Vladimir Putin. A cominciare da Shakaasvili che ha equiparato il riconoscimento all'annessione, chiamando attorno a sé la solidarietà di tutto il suo popolo ma soprattutto della comunità internazionale. La Francia, che ha la presidenza di turbo dell'Ue, punta a ottenere dall'Unione Europea una condanna unanime della decisione della Russia già questo pomeriggio. Anche Angela Merkel, il cancelliere tedesco, durante un viaggio in Estonia, è apparsa tutt'altro che conciliante. “È una scelta totalmente inaccettabile e l'Unione europea dovrà dirlo forte e chiaro”. La posizione di Gran Bretagna, Stati Uniti e Nato era più scontata: “Ribadiamo la sovranità e l'integrità territoriale georgiana”, ha scritto in una nota il Foreign Office britannico. “Riconoscere l'indipendenza dei due territori georgiani è un atto deplorabile”, **ha dichiarato** un'infuriata Condoleezza Rice. Secondo il segretario generale della Nato, l'olandese Jaap de Hoop Scheffer, la mossa del Cremlino costituisce invece una “violazione diretta di numerose risoluzioni del Consiglio di Sicurezza delle Nazioni Unite riguardanti l'integrità territoriale georgiana”. Anche sul fronte economico la risposta degli investitori all'annuncio di Medvedev è stata tutt'altro che entusiasta: meno sei per cento alla borsa di Mosca.

**Le precisazioni del Cremlino.** Sulle accuse di non aver rispettato il patto Saarkozy, Medvedev, in un' intervista al canale televisivo in lingua inglese '*Russia Today*', **ha precisato** la sua verità: "Mosca ha pienamente adempiuto ai propri impegni, previsti nei sei punti del piano a nome dell'Ue. Abbiamo ritirato le nostre truppe dalla Georgia, tranne che nella cosiddetta fascia di sicurezza". Poi un accenno alla questione dell' indipendenza del Kosovo che aveva diviso su fronti diversi Russia e Occidente: "Quando si parlò del Kosovo, i partner occidentali lo giustificarono come un caso particolare. Ma ogni caso di riconoscimento è di per sé particolare. La situazione era particolare in Kosovo, la situazione è particolare in Ossezia del Sud e Abkhazia", **ha terminato con una punta di veleno.**

**LEGGI ANCHE:** [Lo speciale Georgia](#). Il **FORUM** - Guarda la **GALLERY** - Guarda la **MAPPA** del Caucaso

- [redazione](#)

Martedì 26 Agosto 2008

## NOTÍCIA IV

### **Afghanistan: diario di guerra dall'ultimo avamposto italiano**

- Tags: [Afghanistan](#), [Ahmid-Karzai](#), [kabul](#)
- [3 commenti](#)



Foto di *Maki Galimberti*

Guarda la **GALLERY**

di *Fausto Biloslavo da Bala Murghab (Afghanistan)*

“I proiettili sollevavano sbuffi di sabbia conficcandosi davanti ai mezzi. Ci tiravano razzi Rpg da tutte le parti. Anche la base era sotto attacco. Non dimenticherò mai le fiammate delle esplosioni all'interno del fortino, dove la mia compagnia rispondeva al fuoco”. Il primo caporal maggiore Pasquale Campopiano, 27 anni, di Caserta, descrive così l'ultima battaglia dei soldati italiani in Afghanistan. Tre giorni d'inferno, il 5, 6 e 7 agosto, quando i talebani volevano spazzare via l'avamposto di Bala Murghab. Una novantina di fucilieri della Brigata Friuli hanno tenuto, con le unghie e con i denti, le quattro mura sbrecciate di un ex cotonificio nella remota provincia di Badghis.

Il 6 agosto una colonna di rifornimento americana finisce in un'imboscata a meno di 1 chilometro dall'avamposto. La squadra di Campopiano esce a bordo dei blindati Lince per portare soccorso, ma i talebani li bersagliano annidati fra le case. I soldati italiani sono costretti a ripiegare nella base, che nel frattempo viene attaccata. Il caporale sbuca dal tetto del mezzo. «Mi sono attaccato alla mitragliatrice Browning e ho sparato 20 colpi. Poi l'arma si è inceppata per colpa della maledetta sabbia di queste parti» **racconta il sottufficiale di Caserta**. «È stato il mio battesimo del fuoco».

Se c'è un'Italia che per portare la pace deve fare la guerra, è proprio qui. La Terza compagnia Aquile del 66° reggimento aeromobile Trieste è arrivata a Bala Murghab il 4 agosto. Lungo una pista impossibile fra le montagne di sabbia che rendono lunare questa fetta di Afghanistan. L'ultima trincea degli italiani è un rudere di fronte al paese. Un vecchio avamposto in mezzo a una verde radura solcata da un fiume. Negli anni Ottanta ci aveva provato l'Armata rossa a presidiarlo. La leggenda vuole che i mujaheddin tagliarono la gola a tutti i soldati russi del fortino, quando le truppe sovietiche si ritirarono.

A Bala Murghab siamo arrivati con uno sbarco dal cielo scendendo di corsa dal ventre di un Ch47 italiano. Nel polverone sollevato dalle pale dell'elicottero i fucilieri della Friuli scaricano il più in fretta possibile rifornimenti e munizioni. Gli elicotteri d'attacco

Mangusta sfrecciano minacciosamente, a bassa quota, per garantire protezione. Il generale Francesco Arena, basco azzurro e baffo grigio, controlla l'elisbarco circondato dalla scorta con il dito sul grilletto. Comandante del fronte occidentale della Nato in Afghanistan, è venuto in prima linea con i suoi ragazzi. I talebani, come hanno già fatto con un elicottero di trasporto per l'avamposto, possono sparare da un momento all'altro. Sembra la scena di un film sul Vietnam, ma è tutto vero.

Il capitano Massimiliano Spucches, 30 anni, di Bari, è l'interprete perfetto di questo film. Occhi limpidi, capelli a spazzola, impolverato, non molla mai la cuffia e l'auricolare della radio che lo tengono in contatto con i suoi uomini. «Sono stati veramente giorni di fuoco» **spiega il comandante della compagnia**. «Con questa missione i miei ragazzi sono diventati soldati».

Il 5 agosto scattano i primi attacchi. «Abbiamo sentito il fischio e una manciata di secondi dopo una fortissima esplosione. Il razzo aveva sfondato il muro esterno aprendo un buco» **racconta** Spucches. Fino all'8 agosto i talebani colpiscono ripetutamente, anche tre volte al giorno. Si nascondono nel villaggio a poche centinaia di metri dal fortino. Utilizzano i canali di irrigazione come trincee e camminamenti per cambiare posizione.

La Compagnia Aquile è inchiodata, ma non molla. «Ero di guardia al lato nord quando è esploso il primo razzo Rpg dentro il forte» **racconta** Giovanni Scaramuzza. «Ho aperto la portiera del blindato per salire e cercare riparo, quando ho sentito il sibilo. Un proiettile di kalashnikov mi ha sfiorato l'orecchio sinistro e si è infranto sul finestrino del mezzo». Da quel giorno il sottufficiale trentenne, di origini calabrese, è stato ribattezzato 'o Miracolato. Barba incolta, occhiaie, faccia spaccata al sole, è da un mese in prima linea.

Altri non si lavano da giorni e hanno il segno degli occhiali antipolvere impressi sul volto incrostato dalla sabbia. Le mimetiche da combattimento sono marrone per la sabbia. Non le lavano per scaramanzia. Nel fortino i soldati italiani vivono all'aperto, su brande da campo. Di giorno il sole ti spacca il cervello sotto l'elmetto e di notte l'umidità del fiume penetra nelle ossa. I ragazzi della Compagnia Aquile mangiano razioni da combattimento, ma da buoni italiani sono riusciti a farsi portare un po' di caffè e di pasta dalle retrovie. Anche fra le bombe un piatto di spaghetti alla buona non manca mai. A tal punto che hanno inaugurato un angolo del fortino come "ristorante Katyusha". In ricordo degli svariati missili da 107 millimetri che i talebani hanno lanciato sulla base.

Tutti raccontano con orgoglio la missione più dura della loro vita, fra paure, tensioni e piccoli atti di valore. «Avevo appena piazzato i mortai e ordinato il pronti al fuoco, quando è arrivato un katyusha e ci siamo buttati a terra» **racconta** il tenente Alfredo Perna, 25 anni. Con spiccato accento toscano descrive i momenti drammatici del 6 agosto, quando i talebani tartassano il campo da una casa poco distante, oltre il fiume. I soldati italiani devono fermarli, ma non vogliono colpire l'abitazione perché dentro possono esserci civili. «Via radio ho ricevuto l'ordine di lanciare corto dei colpi di avvertimento» **racconta** Perna. «Quando ho infilato la prima bomba nel tubo del mortaio mi sono detto: speriamo bene. Dopo la scarica del fuoco di sbarramento i talebani sospendono l'attacco».

I soldati della Nato non avevano mai messo piede da queste parti. I talebani raccontano alla popolazione che stanno tornando i russi. I fondamentalisti in armi hanno nella zona rifugi sicuri e arsenali.

«Erano le 4 e un quarto di pomeriggio, quando l'esplosione ci ha sorpreso buttandoci a terra. Non sentivamo più nulla. Dentro l'ambulanza si era alzato un polverone di sabbia. Ci

siamo toccati l'uno con l'altro e Domenico mi chiedeva: sei vivo, sei vivo?». Narciso Fiorillo, 22 anni, viene da Benevento. Occhi azzurri e faccia da sbarbatello, si tiene in tasca la scheggia di un razzo Rpg che avrebbe potuto ucciderlo. Il 6 agosto, assieme a Domenico Vitale, della provincia di Lecce, ha appena finito di allestire un'area della base per assistere i feriti. I due sono inseparabili e fanno i paramedici in prima linea. Per fortuna si trovano a bordo dell'ambulanza blindata quando il razzo si infila nel muro a pochi centimetri dal mezzo. Le schegge riducono a un groviera il portellone posteriore dell'ambulanza, che si solleva come un grissino.

Assieme al tenente medico, Achille Balenzano, 27 anni, salvano la pelle a tre poliziotti e due civili afgiani stabilizzando le loro ferite durante la battaglia. «Un agente era agonizzante: un proiettile gli è entrato e uscito dalla testa e un altro gli aveva perforato un polmone» **racconta** il medico originario di Bari. Gli afgiani non si lamentano mai. Al massimo sussurrano «dar», che vuol dire fa male in pashtu. L'operazione Khora, per la conquista di Bala Murghab, è costata 5 morti e decine di feriti. Nei combattimenti sono stati uccisi due consiglieri militari americani dell'esercito di Kabul e tre soldati afgiani.

Quando il convoglio di rifornimenti Usa finisce in un'imboscata, a un passo dal fortino, viene saccheggiato. Un caccia F15 filma la scena dei camion in fiamme rimbalzandola al comando della Compagnia Aquile asserragliato nella base. Sul primo momento si pensa di bombardare i mezzi per sottrarli ai talebani. Ma il rischio di provocare vittime tra i civili, che stanno depredando il carico, è troppo alto.

Gli attacchi vanno avanti fino al 12 agosto. Poi gli italiani riescono a incontrare gli anziani del villaggio. La promessa è di costruire un ponte e una strada. «Abbiamo cominciato a comprare meloni e tappeti per far girare un po' di soldi» **spiega il capitano Spucches**. «Il nostro personale sanitario ha aperto un ambulatorio volante visitando una cinquantina di persone, soprattutto bambini». Adesso gli attacchi stanno riprendendo contro la compagnia spagnola, che ha dato il cambio ai soldati italiani nella sperduta provincia afgiana di Badghis.

Gli angeli custodi del contingente italiano sono gli elicotteri Mangusta, che terrorizzano i talebani grazie alla loro potenza di fuoco. Il capitano Cristiano Comand ha 41 anni e viene da Teor, una cittadina in provincia di Udine. Sembra a suo agio nella tuta di volo color sabbia sull'assolata pista di Qal i Naw, il capoluogo della provincia di Badghis. Quando non pilota i Mangusta in Afghanistan fa il vicesindaco di Teor, per una lista civica di centrodestra.

«Ci hanno sparato un razzo Rpg nel sedere. L'abbiamo scampata per un soffio, ma si può morire anche in autostrada in Italia» **sottolinea con un sorriso beffardo** Comand. Il suo nome in codice è Fatima e il 9 luglio avrà acceso un cero alla Madonna, dopo il ferimento di due fucilieri dell'aria a 5 chilometri dal quartier generale italiano di Herat. «Avevano attaccato una nostra pattuglia a Shewashan» **racconta** il pilota del 5° reggimento Rigel. «Sento in cuffia "contatto a ore 6, Rpg" e viro di scatto a destra per 90 gradi. Ci hanno lanciato un razzo in coda e i piloti dell'altro Mangusta se lo sono visto passare davanti agli occhi. Pochi metri e ci avrebbero abbattuto».

Non è finita. I talebani sparano due raffiche con decine di colpi. Il capitano Comand vede i traccianti fendere l'aria attorno ai Mangusta. Cinque proiettili centrano un elicottero spagnolo, che evacua i soldati italiani feriti. Il tenente Gabriele Rame ha un arto spappolato, con la carne che penzola. «Quando gli ho messo una mano sulla spalla ancora in barella mi

ha detto: “Generale non vorrei sporcarla con il mio sangue”» **racconta** Arena, il comandante del contingente italiano.

Nell’Afghanistan occidentale sono schierati 2.800 soldati della missione Isaf, voluta dalla Nato, per stabilizzare il paese. Spagnoli, sloveni, albanesi assieme con 1.421 soldati italiani. Numero esiguo per controllare le quattro province di Herat, Farah, Ghor e Badghis. Un fronte grande come il Nord Italia. A sud del campo di Herat c’è solo l’inferno di Farah, la provincia più pericolosa per gli italiani. Infestata da talebani e signori della droga, confina per 250 chilometri con l’Iran, che soffia sul fuoco dell’instabilità afghana.

Nel deserto circondato da montagne di Farah combatte la Task force 45. La punta di lancia del contingente italiano è composta esclusivamente da corpi speciali. Un pugno di incursori del 9° reggimento Col Moschin, marinai del Comsubin, Ranger degli alpini paracadutisti, specialisti dell’aviazione e carabinieri dei Gis. Per la prima volta dei giornalisti italiani seguono una missione di questi soldati, che erano «fantasmi» per il precedente governo. Unica regola: niente cognomi, gradi o fotografie in cui si riconoscano i volti degli incursori.

«Come si esce dalla base così si rischia. Diciamo che Dio con noi fa gli straordinari» **sostiene Enrico**, comandante del distaccamento. La base è gestita dalla «regina di Farah», come viene chiamata Shoshana Chatfield, ufficiale della marina Usa. Tanto tosta quanto bella, con i suoi occhi azzurri e capelli biondi. Comanda il Prt, uno dei centri di ricostruzione provinciale dell’Afghanistan occidentale. I corpi speciali italiani vivono in maniera spartana, sotto le tende. Nella sala riunioni della task unit Alfa svetta una bandiera blu con la capra al centro, simbolo dell’Istria. Lo stendardo degli esuli costretti a lasciare la penisola italiana, oggi in Croazia, alla fine della Seconda guerra mondiale.

La Task force 45, durante le sue missioni segrete degli ultimi due anni, ha sostenuto una quindicina di scontri a fuoco. Per cinque volte i corpi speciali sono saltati sulle trappole esplosive dei talebani. Altrettante sono state scoperte all’ultimo secondo. Non a caso gli incursori hanno ribattezzato il blindato Lince «salvavita». Negli ultimi botti ha resistito facendo sopravvivere l’equipaggio. Viaggiare su un Lince con elmetto, giubbotto antiproiettile e cinture allacciate, non è facile. Farlo per 11 ore in mezzo al deserto con i corpi speciali è una prova di sopravvivenza. Il nome in codice della missione è Falco e prevede una pattuglia di ricognizione e combattimento verso il confine iraniano. I talebani chiamano i blindati stranieri «mostri» e cercano di farli fuori in tutti i modi. A Shindand, lo scorso luglio, un terrorista suicida è saltato dal primo piano di una finestra su una colonna americana in avvicinamento. Si è fatto esplodere a mezz’aria ammazzando sei civili che passavano per caso.

L’ultima tattica dei kamikaze, al volante di una macchina minata, è avvicinarsi alle truppe della Nato con dei manichini nell’automobile. Per far pensare che ci sono altri passeggeri a bordo e non un terrorista suicida. Sui Lince le mappe del paesaggio lunare di Farah sono digitalizzate su computer che segnalano come in un videogioco tutte le forze «blu», ovvero alleate, nell’area. Però le vecchie mappe russe su carta sono le migliori. Purtroppo hanno il difetto di essere scritte in cirillico.

La missione Falco prevede un bivacco nel deserto, con la luna che illumina il dispiegamento a riccio dei blindati. Simile a quello dei pionieri nel Far West, quando dovevano difendersi dagli indiani. Si dorme sotto le stelle tormentati da una tempesta di

sabbia, ma la Task force 45 ne ha passate di peggio.

Il Gulistan è la «valle dei fiori» nella parte sud orientale di Farah. Un budello con picchi di 4 mila metri dove i terroristi di Al Qaeda arabi, ceceni e pachistani hanno scavato basi sotterranee. Ogni tanto i talebani mettono a ferro e fuoco il capoluogo del distretto. Poi issano il loro vessillo, la bandiera bianca con la scritta «Allah o akbar» (Dio è grande). «Per tirarla giù chiamano noi» **spiega Vincenzo**, un incursore che dallo scorso anno ha passato 11 mesi da queste parti.

Vince, come lo chiamano tutti, ci descrive uno degli scontri più duri nel famigerato Gulistan: «Non ho fatto in tempo a dire, ma cosa sono quelle fiammate, che arrivavano i colpi. Michele era davanti a me e l'ho visto cadere. Un proiettile gli ha trapassato il braccio sinistro e poi ha portato via un lembo di carne dal petto. Quando è andato giù **ha gridato** “Mi hanno beccato, mi hanno beccato”».

Vincenzo e gli altri militari italiani del 9° Col Moschin imbracciano l'arma o saltano sui mezzi per rispondere al fuoco. I talebani sono appostati su una cresta e lanciano anche dei razzi a spalla Rpg. «Il primo è esploso a una trentina di metri, ma il secondo l'ho sentito fischiare al nostro fianco» **ricorda Vince**.

La sua arma è un lanciagranate sul tetto del blindato. Spara una botta da 40 millimetri dietro l'altra. «Per alcuni minuti i talebani vengono investiti da una pioggia di fuoco» **racconta il testimone dello scontro**. Michele, l'incursore ferito, si trascina fino al blindato. Vince racconta che «perdeva sangue dal braccio, ma è riuscito a prendere posizione mettendo il colpo in canna alla mitragliatrice pesante. Poi è crollato».

- redazione

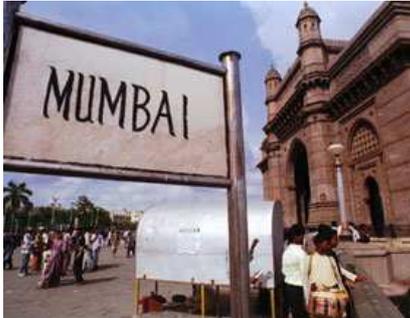
Domenica 31 Agosto 2008

## NOTÍCIA V

# La rabbia di Mumbai

di Aravind Adiga

In città, con la paura regna anche un forte rancore. Per essere stati lasciati soli. Dal governo, dalle autorità, da tutti. La testimonianza di un grande scrittore



Il Café Noorani è una delle ragioni per le quali vivo a Mumbai. La specialità del ristorante, situato non lontano dall'Haji Ali, la moschea più famosa della città, è uno squisito biryani con pollo. Sabato, a distanza di tempo dall'uccisione o cattura da parte della polizia di tutti i terroristi (secondo la versione ufficiale) che hanno preso parte agli attacchi alla mia città, sono entrato al Café Noorani per cercare un tavolo libero alle due del pomeriggio. Solitamente avrei dovuto attendere almeno mezz'ora e invece sono rimasto meravigliato. Anche il direttore del ristorante lo è, mentre guarda i tavoli vuoti.

"Quale crede sia il motivo per il quale non c'è nessuno oggi?", gli chiedo. "La paura, è evidente", risponde lui. Sembra impossibile, ma gli abitanti di Mumbai sono spaventati. Passati quattro giorni dal peggior attacco terroristico della nostra storia, è ormai chiaro che questa città tenace ha subito un cambiamento incredibile. Ha scoperto la paura. I mercati di Mumbai non sono affollati come di consueto nel weekend. I cinema sono quasi vuoti e persino i barbieri fanno pochi affari.

Mumbai non è solita reagire così alle difficoltà. La paura non fa parte della vita di questa città. Dopotutto, qui anche attraversare la strada è un atto di coraggio. Le norme stradali vengono rispettate solo nel centro della città. In periferia, dove abito, gli autobus e i risciò circolano senza curarsi della segnaletica (dove esiste). I pedoni si buttano in mezzo alla strada e implorano le macchine di rallentare. I nostri treni sono persino più pericolosi delle strade. Durante i giorni feriali, all'ora di punta, sono talmente affollati che la gente rimane fuori attaccata ai corrimani, o cerca un posto arrampicandosi sul tetto. Come conseguenza di tutto ciò, almeno dieci persone muoiono in media ogni giorno sulle strade ferrate di Mumbai (il tasso di mortalità sulle ferrovie va dai 3.500 ai 5 mila decessi l'anno).

Vivere a Mumbai richiede coraggio, sotto tutti i punti di vista. Enormi ratti girano sui marciapiedi e frugano nella spazzatura, diffondendo malattie come la leptospirosi. Molti cani randagi hanno la rabbia. Gli edifici crollano sotto le piogge torrenziali. Tuttavia gli abitanti ignorano questi pericoli e difficoltà, sopravvivono e prosperano, trasformando questa nella città più ricca dell'India, il centro nevralgico degli affari. Quando la città venne attaccata in passato - per esempio nel 2003 una potente bomba esplose nei pressi della Gateway of India, il monumento più noto della città - i cittadini di Mumbai si ripresero in fretta. Seppellirono o bruciarono i loro morti e si rimisero al lavoro. Lunedì la bomba, martedì di nuovo tutti al lavoro.

Ma poi, è stato davvero coraggio, quello che Mumbai ha avuto per tutti questi anni, o mera apatia? Semplice indifferenza, perché le bombe esplodevano altrove, uccidendo altre persone e

non colpendo direttamente noi, al sicuro nei nostri appartamenti superblindati, o nei nostri lussuosi alberghi a cinque stelle? Questa volta a colpire la città non è stata una bomba, strumento di un terrore meccanico e impersonale. Questa volta c'erano uomini con fucili e granate che giravano per la città, uccidendo e prendendo ostaggi. Il terrore questa volta non si è esaurito con l'esplosione di una bomba, ma è proseguito per 60 ore. Questa volta scopriremo davvero se la gente di Mumbai è coraggiosa o vigliacca.

Ventiquattro ore dopo l'uccisione o l'arresto di tutti i terroristi, le voci circolano incontrollate. In un Internet café di Versova, un sobborgo della città, suona il cellulare di un cliente. La moglie ha visto alla televisione che un uomo con un fucile è entrato in una stazione e, isterica, chiede al marito di tornare a casa immediatamente. Dopo pochi minuti, il telefono squilla nuovamente. È sempre la moglie, ha saputo da un vicino che un altro uomo gira armato per le strade sparando ai taxi. Quindi lui deve rimanere nell'Internet café, tutta la notte. Naturalmente, entrambe le notizie sono false.

Tuttavia, ogni mattina, mandando a scuola i propri figli, la gente si chiede se sono stati davvero presi tutti, o se ci sono altri attentatori venuti dal Pakistan, che si nascondono in attesa di colpire di nuovo.

Abbiamo paura, perché ora conosciamo la verità sulla nostra città. "Non c'è governo a Bombay", mi ha detto un amico, usando il vecchio nome della città. Abbiamo capito solo ora quello che i terroristi hanno sempre saputo: gli abitanti di Mumbai sono soli. Paghiamo le tasse, eleggiamo persone che poi detengono il potere nella città, ma non abbiamo un governo. Non abbiamo polizia. Non abbiamo guardia costiera. Possono venire uomini dal Pakistan sulle barche e spararci. Noi siamo completamente soli.

Un mito è sicuramente crollato, posso constatarlo in qualunque luogo della città. È il mito che Mumbai non conosce la paura. Noi vediamo e sentiamo la paura ovunque. Non ci sentiamo sicuri neanche nelle nostre case adesso. Nonostante ciò, ci rendiamo conto che la paura, questa nuova sensazione che è nei nostri animi, potrebbe essere la cosa migliore per la città. Ogni volta che siamo stati colpiti dal terrore in passato - e fuori dall'India si sa poco o nulla di tutte le bombe che sono esplose a Mumbai nei treni, negli edifici e nei centri commerciali dal 1993 - la città ha dimenticato immediatamente, è ritornata al lavoro senza cercare i colpevoli delle azioni criminose. Ora, per la prima volta, insieme alla paura stiamo scoprendo la rabbia.

Manifestanti si radunano in vari luoghi della città, gridando slogan antigovernativi. Su Internet circolano petizioni di accusa verso chi detiene il potere. Dai cellulari vengono inviate barzellette sui politici. Ovunque c'è una manifesta sfiducia nei confronti dell'autorità. Sono andato in taxi al vecchio cinema Regal, nel cuore di Mumbai, vicino ad alcuni dei principali luoghi d'interesse della città, accanto al Taj Mahal, uno degli hotel attaccati dai terroristi. Arrivati vicino all'albergo, un poliziotto ci ferma, perché la sicurezza ha vietato a qualsiasi mezzo di andare oltre. Come tutti i poliziotti di Mumbai ha delle maniere brusche: urla verso il tassista e brandisce il lathi, il manganello, in modo minaccioso. Il tassista risponde brontolando, una cosa poco consueta, perché nessun poveraccio osava parlare in questo modo alla polizia prima dell'attacco terroristico. L'uomo grida dal finestrino: "Oggi gli è tornata la voce a questi poliziotti. Quando sono arrivati i terroristi non si vedevano in giro. Solo ora che i terroristi sono morti la polizia torna sulle strade, a fare quello che gli riesce meglio: comportarsi da prepotenti con i tassisti. Ora sì che gli è tornata la voce".

Noi abitanti di Mumbai abbiamo iniziato ad accettare la verità. Siamo soli qui. Non possiamo più ignorare la corruzione, l'inefficienza, la criminalità travestita da politica. Dobbiamo difenderci. Questo nuovo sentimento, la paura, è qui e forse rimarrà con noi per sempre. Tuttavia un altro sentimento sta crescendo di pari passo: la rabbia. Lo sprezzo per l'autorità. La gente urla contro

la polizia, il governo, l'amministrazione corrotta che soffoca la città e il Paese. È proprio in questa rabbia che risiede la possibilità di rinascita di Bombay. Un futuro migliore di quello che si poteva immaginare prima dell'attacco terroristico.

*traduzione di Laura Sirugo  
(05 dicembre 2008)*

## NOTÍCIA VI

### Città proibita e a ostacoli

*di Federica Bianchi da Pechino*

**Nella metropoli è tutto vietato: persino vestirsi con più di tre colori**



Il risveglio è sempre stato duro per Li Xiaolan. Ma in questi giorni ancora di più. Da quando il governo ha imposto che soltanto metà delle macchine sono ammesse sulle strade, lei deve fare a turno con la sua collega Bai Lin per andare in ufficio. Le due donne abitano vicino al parco

del Bambu Viola, dove il metrò è ancora in costruzione. Nonostante i buoni risultati, il governo non ha terminato tutti i lavori in tempo per le Olimpiadi. Come Xiaolan, milioni di pechinesi si risvegliano in questi giorni in una città messa a dura prova dalle Olimpiadi. Per le prossime due settimane la loro vita sarà a completa disposizione del grande debutto in società del Partito comunista cinese.

Sono le sei e mezza. Xiaolan si alza dal letto, facendo attenzione a non svegliare il marito. Da quando l'azienda in cui lavora ha chiuso le sue fabbriche in provincia per il periodo delle Olimpiadi, è molto nervoso. Ne ha ben ragione. Lo hanno lasciato a casa per tre mesi senza stipendio. Il marito di Xiaolan è in triste compagnia.

Sono centinaia le aziende che sono state costrette a chiudere per le Olimpiadi, lasciando a casa milioni di lavoratori. E non solo aziende cinesi. Molte fabbriche del ricco Sud, che lavorano soprattutto per l'estero, hanno sospeso l'attività perché i manager stranieri non sono riusciti a ottenere i visti necessari per entrare nel Paese. L'obiettivo del governo è chiaro, diminuire l'inquinamento soffocante della capitale ed evitare l'entrata di potenziali contestatori. Il salario di Xiaolan, da solo, non basta per due in una città diventata così cara.

Il prezzo del maiale è raddoppiato e il costo degli appartamenti è schizzato alle stelle.

Xiaolan apre il rubinetto dell'acqua e si guarda allo specchio. Quel brufolo accanto al naso proprio non se ne vuole andare. Fruga nel cassetto accanto al lavabo in cerca della crema antisettica. Prova a strizzare ancora il tubetto. È davvero finito. Ne ha ordinate altre due confezioni tre settimane fa, ma non sono ancora arrivate. Da luglio tutti i pacchi in entrata a Pechino devono

essere aperti e ispezionati dagli uffici postali di zona. Se contengono liquidi, polveri e batterie sono direttamente rispediti al mittente.

Non parliamo di libri, dépliant, mappe o striscioni di ogni tipo. Persino per i giocattoli e i vestiti non è facile raggiungere gli scaffali. Il prezzo delle creme nei negozi della capitale è salito addirittura del 30 per cento, talmente sono introvabili. Per il momento deve fare senza. Scende, sono già le 7,30. Ma dove è finito Xiaoping, il ragazzino dei panini fritti dell'angolo? Non è che viveva in qualche sottoscala della città? Le autorità hanno tolto luce e acqua agli appartamenti che si trovano al di sotto del livello terra per costringere i residenti ad andarsene.

Xiaolan ha una fame terribile.

La sera precedente il marito avrebbe voluto farle una sorpresa, preparandole il suo piatto preferito: zampe di pollo con patate. Ma dopo avere fatto il giro dei due mercati di verdura del quartiere era dovuto rientrare a mani vuote. Uno è stato chiuso per le Olimpiadi. La polizia ha spiegato che era troppo trasandato, e avrebbe fatto una brutta figura agli occhi degli amici stranieri. L'altro era aperto, ma da due giorni non riceveva gran parte della verdura.

I suoi camion infatti hanno il cartellino giallo: non rispettano gli standard europei di inquinamento. E così, insieme a tutti i camion che trasportano cemento e materiali edili, non sono ammessi in città. Zhang sarebbe stato perfino disposto ad andare fino al Carrefour ma la sua bicicletta aveva una ruota bucata. Lo zietto Xi, con il suo capanno sotto il platano, gliela avrebbe riparata, ma la polizia gli ha consigliato di tornare nel suo paese di origine dello Shandong. Saltata o quasi la cena, adesso la fame incalza. Non sente l'odore fragrante dei panini di Xiaoping, ed è anche in ritardo. Spera solo di non essere costretta a comprare per colazione il costosissimo caffè di Starbucks. Ben 28 yuan per bicchiere. Con quella cifra ci si potrebbe mangiare in due per pranzo. Ha ragione quel ragazzo che sul suo blog ha scritto: "Le Olimpiadi rendono la vita quotidiana così miserabile".

"Se solo il governo la smettesse di trasformare tutti i cinesi in attori a uso e consumo della platea mondiale!", gli ha risposto un altro blogger. La piccola Lin suona il clacson. Xiaolan apre lo sportello e salta velocemente in macchina. "Mi hai portato il dvd di Gonfu Panda?", le chiede: "Stasera avrei bisogno di rilassarmi un po'". "Finito per Olimpiadi", le risponde velocemente Xiaolan. Nelle ultime due settimane i negozi di dvd si sono svuotati. Si trovano soltanto alcuni film cinesi come 'Persi a Pechino' e 'La storia delle mascotte olimpiche', oppure i classici stranieri, da 'Lawrence d'Arabia' a 'Via col vento'. Centinaia di negozi sono stati chiusi per nascondere agli occhi delle autorità straniere l'esistenza di un fiorente settore sotterraneo. Il traffico scorre molto più velocemente del solito, adesso che la città sembra avere fatto una formidabile cura dimagrante. Il sole a volte fa persino capolino dalle nuvole. Ma Bai Lin non sorride: "Hanno rimandato l'operazione di mio padre", dice. "Quella al cuore?", domanda Xiaolan, preoccupata. Il padre di Lin ha avuto un attacco cardiaco due mesi fa. Il dottore aveva promesso di operarlo al più presto. Ma poi era diventato irreperibile. Lin spiega che il giorno prima l'infermiera dell'ospedale centrale di Xie He le ha detto la verità: il padre dovrà aspettare fino a fine agosto. Il governo ha stabilito che tutte le operazioni che richiedono molto sangue dovranno attendere fino a dopo le Olimpiadi.

Il sangue disponibile deve essere a disposizione degli atleti. In ufficio manca l'aria condizionata. L'energia elettrica è destinata all'illuminazione notturna dell'intera città. Xiaolan ha un appuntamento a pranzo, alle 12, con un suo vecchio compagno di scuola, Zhou Peng. È in ritardo di mezz'ora. E ancora non si vede. Quando arriva un'ora dopo in trattoria è distrutto. "Mi ha fermato la polizia", spiega.

"Mi hanno fatto scendere dal pulmino come fossi un terrorista. Poi hanno aperto ogni scatola. E

dire che erano tutte sigillate. Hanno controllato i miei documenti, si sono accertati che avessi il permesso di vivere a Pechino e mi hanno salutato dicendomi che adesso non è più permesso indossare calzini bianchi con le scarpe nere", **racconta**.

Il governo ha pubblicato un codice di comportamento per fare bella figura davanti agli stranieri. È vietato sputare e spingere quando si è in fila. Alle fermate dell'autobus adesso ci sono i guardiani dell'ordine. Oltre ai calzini bianchi con le scarpe nere, non si possono indossare nemmeno combinazioni di vestiti che contino più di tre colori. È inoltre vietato uscire dalla propria abitazione indossando il pigiama, come è d'abitudine per centinaia di anziani cinesi. "Dovremmo fare un salto al solito negozio d'angolo oggi pomeriggio e cercare dei calzini nuovi", **sorride Xiaolan**. "Impossibile", **risponde Zhao**: "Ci sono già stato, ma è chiuso fino a ottobre. Vendeva troppe magliette finte e le autorità di quartiere non hanno voluto rischiare una multa". "A proposito", **aggiunge Xiaolan**, "ti sei ricordato di non appendere le mutande sul balcone?". "Come?", **chiede interdetto Zhaopeng**. "Gli appartamenti che danno sulla strada devono avere i balconi sgombri da vestiti, scatoloni e vecchi oggetti".

"E dove metterò la biancheria ad asciugare?". "Puoi sempre aspettare la fine delle Olimpiadi per fare il bucato", **risponde ridendo Xiaolan**.  
(13 agosto 2008)

## NOTÍCIA VII

### Tra padrini e dittatori

*Colloquio tra Roberto Saviano e Luis Moreno-Ocampo*

Le tirannie e le mafie, la globalità dei traffici e i limiti delle autorità statali. Lo scrittore di 'Gomorra' incontra il procuratore internazionale, l'uomo che processò i generali argentini e ora persegue i genocidi. *Colloquio tra Roberto Saviano e Luis Moreno-Ocampo*



In comune hanno il ricordo di una giornata speciale. Era martedì 3 luglio 1990. **Luis Moreno-Ocampo**, il primo procuratore internazionale che persegue in tutto il pianeta i crimini contro l'umanità, aveva appena concluso il suo processo più importante. Aveva fatto condannare la giunta militare che si era impadronita del suo Paese dominandolo con l'orrore dei **desaparecidos**. Ma quel giorno come tutti i suoi connazionali pensava solo a tifare l'Argentina, scesa in campo contro l'Italia per la semifinale mondiale.

Dall'altro lato dell'Oceano, **Roberto Saviano** era un ragazzino che accanto al padre guardava la stessa partita. E come tutti i napoletani non tifava per gli azzurri, ma per **Diego Armando Maradona**. L'uomo con la maglia numero dieci è ancora oggi una figura leggendaria per lo scrittore campano. Per **Moreno-Ocampo** è stato il cliente più speciale dello studio legale che aveva aperto dopo il processo ai dittatori di Buenos Aires e prima delle inchieste sui massacratori africani: "Muoversi con lui era incredibile: c'erano folle che accorrevano per venerarlo. I poliziotti che dovevano arrestarlo, persino i magistrati chiamati a giudicarlo imploravano un autografo. A lui si perdonava tutto: persino il papa lo ha salutato dicendo 'Sono un suo tifoso'. "A Napoli era la stessa cosa", gli fa **eco Saviano**: "E anche adesso quando torna viene sempre accolto come un idolo". Moreno-Ocampo scuote la testa: "Semplicemente incredibile, pensare che era un bambino affamato. Poi è stato travolto dalla fama: ha perso il senso del limite".

**Tutto l'attività del procuratore argentino è segnata da persone che hanno perso il senso del limite. Gli ufficiali argentini che hanno fatto sparire migliaia di oppositori; i tiranni che in Congo e in Uganda usano lo stupro come arma di massa o che in queste ore continuano a rendere il Darfur "una gigantesca scena del crimine".**

E lui? Il primo procuratore con competenza planetaria, a cui si rivolgono le vittime più deboli, a cui viene chiesto di punire i governi e persino di valutare la legittimità dell'invasione anglo-americana dell'Iraq, non teme mai di perdere il senso del limite? Non ha mai la tentazione di abbandonare i vincoli del codice per assumere un ruolo politico in nome della giustizia? "Bisogna seguire il mandato e non uscirne mai fuori", spiega: "Quando cinque anni fa sono stato eletto in questo incarico, ho subito venduto il mio studio legale e ho rinunciato all'insegnamento ad Harvard: non solo dovevo essere indipendente, ma dovevo anche mostrare di non potere venire influenzato. La mia forza sta nella mia reputazione. Se tu segui la legge, se tu non esci dal mandato, allora sei rispettato, allora hai il consenso. E questo in soli cinque anni ha permesso alla Corte penale internazionale di raggiungere obiettivi che erano impensabili. Ma se ti lasci condizionare dall'agenda politica, allora sei morto".



Saviano porta subito la conversazione su un piano letterario: "Come ci si sente a **giudicare i governi**? Che sensazione prova un uomo di legge mentre non si misura con una piccola cosa, ma si trova in qualche modo a mettere sotto processo la storia"? "Dos feelings", Moreno-Ocampo abbandona istintivamente l'inglese della burocrazia Onu e passa al castigliano, più vicino a quella "madre patria" che sente di condividere con la Napoli dello scrittore: "Hai il privilegio di potere aiutare milioni di vittime, puoi contribuire a fermare violenze di dimensioni epocali. E sai che non stai lavorando per una singola nazione ma per il mondo intero: stai contribuendo a fondare le istituzioni di una nuova era. È una sensazione meravigliosa: lavorare per costruire il futuro".

"Ma il problema mafioso potrebbe essere affrontato con questi metodi? Non si tratta forse di una minaccia globalizzata che coinvolge l'intero pianeta", **lo incalza Saviano. Il tema è quello di 'Gomorra', l'impero economico che unisce traffici globali e sfugge alle giustizie nazionali.** "È proprio quello di cui sono venuto a parlare qui a Roma: la Banca mondiale sta discutendo di come le istituzioni finanziarie possano affrontare sfide globali. Il paradosso è proprio questo: noi abbiamo polizie nazionali e magistrati nazionali mentre i criminali sono internazionali. Quando ho cominciato le mie indagini per l'Onu, mi hanno segnalato che le armi per i massacri in Ituri, una regione del Congo, venivano fornite dalla mafia ucraina.

Allora mi sono rivolto all'Europol, chiedendo notizie. Loro mi hanno risposto stupiti: sappiamo tutto dei padrini ucraini, ma ignoravamo che operassero in Africa. Perché Europol è una realtà potente ma concentrata sull'Europa e gli sfugge che invece le cosche si sono radicate altrove. O quando un giudice spagnolo ha ricostruito i voli degli aerei dei narcos: decollavano dalla Colombia portando cocaina in Spagna, poi ripartivano verso Ituri con i kalashnikov per le milizie. È chiaro che questa dimensione richiede istituzioni globali. La Corte è un primo passo, in cui molti stati hanno rinunciato alla sovranità nazionale pur limitando il mandato ai crimini contro l'umanità e ai genocidi. Ma segna la nascita di un nuovo modo di fronteggiare la globalizzazione dei reati".



"E quindi la Corte dell'Onu potrebbe occuparsi di una figura come Salvatore Mancuso? Un personaggio che in Colombia è sia terrorista che narcotrafficante: con i suoi squadroni della morte ha commesso omicidi su larga scala...". Il procuratore non la scia finire la domanda a Saviano: "Sì, che probabilmente possono essere definiti crimini contro l'umanità. E infatti quello è un dossier preliminare che abbiamo aperto: stiamo esaminando gli elementi per capire se rientra

nella nostra competenza. Sono stato in Colombia, ho incontrato le autorità, le vittime, i magistrati. Prima di procedere vogliamo capire se c'era qualcuno più in alto di lui. E quale rete dall'estero ha aiutato sia lui sia la guerriglia delle Farc".

"E Fidel Castro?", **insiste Saviano**: "Un giorno potrebbe essere chiamato davanti alla vostra Corte?"  
"No. Niente Cuba, niente Iraq, niente Libano, niente Israele. Noi possiamo intervenire solo nei 106 paesi che hanno ratificato il Trattato di Roma. O nei confronti di organismi di queste nazioni. Ad esempio siamo stati chiamati a valutare la legittimità dell'azione militare britannica in Iraq, ma abbiamo ritenuto che non ci fossero i presupposti per procedere. La nostra sola esistenza però diventa un elemento di dissuasione e di prevenzione anche nei confronti degli eserciti. È una nuova era del diritto", **ripete Moreno-Ocampo**.

Il procuratore sa che più dei tiranni, **la Corte ha un nemico giurato: gli Stati Uniti**, che in tutti i modi cercano di contrastarla. In passato Barack Obama è stato l'unico politico americano a mostrare un'apertura. Ma appare difficile che la linea di Washington cambi. "Una nuova era richiede pazienza. Penso che nel giro di cinquant'anni tutti i paesi aderiranno. La legge riduce il potere: il nostro lavoro interessa soprattutto i paesi deboli o a chi si è trovato a esserlo nel passato. Africa, Europa, Sud America sono con noi. Il Darfur però sta aprendo una fase nuova e la necessità di fermare la strage sta creando un clima diverso intorno alla Corte: troviamo sostegno anche tra le nazioni non aderenti".

Per i **massacri nel sud del Sudan** sono stati appena accusati un ministro in carica e il capo dei Janjaweed, i 'diavoli sterminatori'. Ma le potenze continuano a cercare di usare la Corte per i loro disegni. "Sul Darfur un'ambasciata contattò uno dei miei collaboratori: 'Sappiamo che volete incriminare un ministro, non basta: dovete andare più in alto'. Poi dopo poche ore la stessa ambasciata lo ha richiamato: 'Fermatevi! Abbiamo saputo che stanno negoziando, non fate nulla'. Noi invece non ci facciamo condizionare".

L'aspetto che più colpisce Saviano è **la capacità di trasformare la voce di chi viene ignorato: rendere i racconti delle vittime prove contro i carnefici**. "Ricordo che la testimonianza di una ragazza che era stata stuprata in Uganda proseguì per tre giorni", **risponde Moreno-Ocampo**: "Alla fine lei scoppiò in lacrime. Noi eravamo preoccupati, temevamo di averla sottoposta a una pressione eccessiva con l'interrogatorio: 'Scusaci, ti abbiamo costretto a ricordare per poterli punire. Non volevamo farti male, non piangere'. 'No', ci **rispose**, 'piango perché questa è la prima volta che qualcuno mi dà ascolto'".

La parola che mette alle corde i criminali. In fondo, è la metafora di **'Gomorra'**: romanzo che più di ogni atto giudiziario si è trasformato in arma contro l'ultima delle mafie. "Perché è il numero dei lettori che lo rende tale, li trasforma in protagonisti", **spiega lo scrittore**. Fuori ci sono i carabinieri che lo circondano. Il procuratore che accusa governi e despoti invece non ha scorta, si muove in taxi e dorme a Roma in un hotel senza lussi. Sa cosa significa vivere nella minaccia: la protezione di Saviano lo riporta agli anni blindati dell'inchiesta sui generali argentini. E concorda con la sua analisi: "Dittatori militari e padrini, signori della guerra e boss sono uniti da due elementi. Pianificano crimini organizzati, seppur di dimensioni diverse.

E vogliono controllare la loro immagine. Amano che si parli di loro, ma non perdonano chi svela i meccanismi del loro potere: rispettano gli inquirenti, odiano i testimoni". **Difendere i testimoni è una delle missioni più difficili, ai limiti dell'impossibile in Africa occidentale**: "Una volta avevamo portato le persone che accusavano il senatore Bemba in una cittadina sicura. Poi le milizie l'hanno occupata con un blitz e noi abbiamo sudato freddo per portarli in salvo. Il dilemma più grande lo abbiamo avuto in un campo profughi: i testimoni erano gli insegnanti dell'unica scuola, portandoli via avremmo privato tutti i bambini della speranza di alfabetizzazione. Abbiamo dovuto scegliere tra giustizia ed educazione". "Ma lei", **conclude Saviano**, "non sente

mai di stare scrivendo la storia?". "A 32 anni avevo già incriminato la giunta argentina. Pensavo: ok, ho finito il mio lavoro, ora posso fare quello che voglio. Poi a 50 anni c'è stato questo incarico. Mi sono detto: costruire questa corte adesso è responsabilità tua. Eccomi qui".

A Buenos Aires ha portato sul banco degli imputati nove generali e tre ex capi di Stato; a L'Aja ha accusato 11 criminali di massa. Nessuno aveva fatto tanto dai giorni di Norimberga. Lui ci scherza su, ma non troppo: "Ho ancora quattro anni prima di chiudere l'incarico, datemi tempo...".

(a cura di Gianluca Di Feo)  
(01 luglio 2008)

## NOTÍCIA VIII

### I volti della fame

di Emilio Manfredi - Foto di Francesco Zizola

In Etiopia sei milioni di persone sono denutrite. Per colpa non solo delle passate carestie. Perché l'acqua c'è e nei campi le messi sono abbondanti. La gente non si nutre perché il cibo costa troppo da Fagi Gole



Wegen Teklu cammina piano sulla strada sterrata. Il villaggio di **Fagi Gole** scompare alle sue spalle, il sentiero si addentra nelle campagne profonde dell'Etiopia meridionale. La donna rallenta per sistemare meglio Calab, il figlio di pochi mesi, aggrappato alle spalle, con un grande straccio. Intorno a lei, campi coltivati, pieni di granoturco e di tef, il cereale onnipresente nella dieta etiopica: "È strano. Tutto è così verde eppure per mesi i nostri bambini si sono ammalati e sono morti", racconta Wegen, che nell'ultima grande carestia, cinque anni fa, ha perso una figlia senza sapere perché. Quest'anno, quando le piogge non sono arrivate, le riserve alimentari hanno cominciato a scarseggiare e Calab ha mostrato i segni della malnutrizione, la donna non ha aspettato. Si è messa in cammino verso Fagi Gole, il più grande villaggio della zona, per cercare aiuto. Dopo alcuni giorni di ricovero in un ambulatorio di Medici senza frontiere, il bambino si è salvato. E in tutta la regione il momento critico sembra superato. Gli ambulatori allestiti nei villaggi si vanno svuotando. "Va molto meglio di un mese fa", spiega Therese Eriksson, l'infermiera di Msf: "Quando il bisogno di cibo era disperato, le donne si accalcavano al cancello".

La sensazione di un'emergenza durata solo pochi mesi e ormai passata si ripete a Shashamane, la città principale della regione. Il centro allestito da Msf è silenzioso e semivuoto. "Da maggio a oggi i ricoveri sono diminuiti", racconta Tewodoros Bekele, uno dei medici: "Ormai i casi acuti sono isolati". Lentamente, i progetti per fronteggiare l'emergenza stanno chiudendo. Tuttavia, l'allarme carestia in Etiopia continua a crescere. Per mesi le agenzie delle Nazioni Unite

e il governo di Addis Abeba hanno polemizzato sulle dimensioni della crisi. "La situazione è disperata", **aveva dichiarato** prima dell'estate Bjorn Liungqvist, direttore di Unicef in Etiopia: "Ci sono tra 50 e 100 mila bambini che rischiano di morire di fame". Il ministro della Sanità, Tewodoros Anhamon, interessato a difendere il successo economico, **aveva negato**: "Non c'è bisogno di agitare lo spettro della fame ogni anno".

Adesso Nazioni Unite ed Etiopia sembrano aver trovato l'accordo sulle cifre: secondo uno studio congiunto reso pubblico lo scorso mese, le persone che necessitano di urgenti aiuti alimentari sono 6 milioni e 400 mila e i fondi necessari ammontano a 265 milioni di dollari americani. Il governo ha cambiato posizione, triplicando le stime precedenti. "Siamo riusciti a ispezionare molte aree che prima erano rimaste fuori dalle indagini", **spiega** Mitiku Kassa, vice-ministro per l'Agricoltura. **E aggiunge**: "Al momento la situazione è sotto controllo. Se ci sarà un buon raccolto, a dicembre le notizie saranno migliori".



Sulla strada che dal Sud risale verso la capitale, come in molte altre regioni definite a rischio, il panorama lascia interdetti: fiumi e laghi sono gonfi d'acqua, nei campi le messi sono abbondanti e le mandrie non sembrano deperate. I mercati sono pieni di generi alimentari. È una strana carestia che cresce all'ombra dell'abbondanza. "Varia di zona in zona", **afferma** ancora il vice-ministro: "Dipende dall'impatto della natura e dalle pratiche agricole". Di fatto, le precipitazioni diminuiscono. "Le piccole piogge della scorsa primavera non ci sono state", **sostiene** Abiye Tilahun, un ricercatore: "Così è mancato totalmente un raccolto". Altre volte si scatenano temporali che distruggono le coltivazioni. Sono gli effetti del cambiamento climatico. Alle piogge irregolari si sono sommati gli effetti dell'aumento dei prezzi sul mercato globale: negli ultimi anni, il costo del cibo in Etiopia è salito alle stelle. Anche le vivande di base sono diventate carissime: il tef è triplicato in un anno, il granoturco è raddoppiato, il grano è aumentato della metà in pochi mesi. "L'inflazione sugli alimenti in Etiopia ha superato il 75 per cento all'anno", **dichiara l'economista** della Banca mondiale William Wiseman. Il dato è preoccupante, soprattutto se associato al raddoppio della popolazione etiopica dalla metà degli anni '80. A chi lo accusa di non aver saputo controllare il mercato locale, il governo risponde di aver importato cibo dall'estero da rivendere a prezzi controllati. "A fine giornata, il mercato del sabato è sempre pieno", **racconta** Wisdom, un ristoratore di Shashamane. La gente si avvicina ai banchi, ma non può comprare: "Il cibo viene rivenduto a mediatori, che lo rimettono sul mercato a prezzi impazziti".

**Secondo il primo ministro etiope, la crisi arriva** in una fase di spettacolare successo dell'agricoltura locale. Il settore cresce del 10 per cento all'anno e dal 2006 si è iniziato a vendere mais ai Paesi limitrofi: "La grande maggioranza dei contadini non ha mai vissuto un periodo così positivo". Ma l'Etiopia, composta per l'85 per cento di piccoli agricoltori, non è

autosufficiente dal punto di vista alimentare. A detta della Banca mondiale, sebbene la produzione agricola nel suo complesso sia cresciuta, quella pro capite è andata diminuendo. Così, anche nelle annate favorevoli, 7 milioni di etiopi dipendono dagli aiuti alimentari per sopravvivere: indigenti cronici che, dopo la siccità del 2003, vengono aiutati con un programma che offre cibo e denaro in cambio di lavoro. Nonostante progetti come questo, il mondo agricolo etiopico è più debole che mai. L'invio di ingenti derrate alimentari dall'estero ha peggiorato le cose e reso il Paese dipendente dagli aiuti. Nelle campagne si dà sempre meno valore alle coltivazioni locali, mentre il governo, proprietario della terra, non favorisce la meccanizzazione. "Si lavora con gli strumenti di una volta", racconta Hailu Bedasaa, un anziano contadino: "Buoie e aratri di legno. Aspettando la pioggia".

**Tra gli operatori umanitari impegnati sul terreno serpeggia il malcontento.** Raccontano di avere la sensazione di combattere le fiamme senza affrontare le reali cause dell'incendio: "A differenza dei progetti di sviluppo, che raccolgono pochi soldi e lentamente, i progetti di emergenza aprono velocemente le tasche dei paesi donatori", racconta un responsabile delle Nazioni Unite in Etiopia. Così, centinaia di milioni di dollari vengono spesi per fronteggiare l'urgenza e poco viene investito in interventi a medio e lungo termine. "Non è una crisi di quest'anno", afferma Mafa E. Chipeta, rappresentante Fao in Etiopia: "È un problema persistente che abbiamo fallito a gestire. Gli aiuti hanno bisogno di essere ripensati". L'unica area in cui la crisi è evidente per tutti, compreso il primo ministro, è l'Ogaden, la regione a est del Paese abitata da somali. Avere dati precisi è impossibile. L'accesso è limitato a causa dell'offensiva dell'esercito contro i ribelli indipendentisti. Bisogna fidarsi della parola di Zenawi: "L'Ogaden sta ricevendo lo stesso livello di assistenza delle altre zone colpite".

**Wegen si è rimessa in cammino verso la sua capanna.** Il figlio sta guarendo, i campi sono rigogliosi, la mietitura si avvicina: "Se il raccolto andrà bene, non dovremo vendere l'ultima capra rimasta". La vita per la famiglia di Wegen tornerà a essere quella di sempre: fatica nei campi, pasti frugali, il viaggio fino al mercato del sabato. Con un piede nel grande sviluppo agricolo e l'altro nell'emergenza carestia.

*(17 novembre 2008)*

## NOTÍCIA IX

# Sorpresa Addis Abeba

di *Emilio Manfredi da Addis Abeba*

La capitale dell'Etiopia è in preda a una febbre edilizia senza precedenti. Giù i vecchi quartieri popolari per far posto a case residenziali, shopping center, hotel a cinque stelle, ville extralusso. Servono alla nuova classe ricca che adora esibire il proprio denaro. E i poveri? Si arrangino



Seeing is believing! 'Devi vederlo, per crederci!'. Un enorme pannello pubblicitario fa bella mostra di sé sul corso principale di Addis Abeba, la capitale d'Etiopia. Racconta ai passanti come sarà la **nuova città**, esempio di sviluppo - urbanistico e non solo - per tutta l'Africa. Edifici dal design avveniristico, hotel cinque stelle con pista per l'atterraggio di elicotteri, palazzi svettanti, ville extralusso: ecco la ricetta che architetti e costruttori etiopi propongono per il Terzo millennio.

Il Nuovo Fiore, questo significa Addis Abeba in amarico, per decenni era rimasto uguale a se stesso. Una città di montagna, alberata ma grigia, poggiata sul plateau dell'Altopiano abissino: **maestosi palazzi** governativi d'imperiale memoria, **cassette di stile italiano** edificate durante la breve presenza coloniale fascista, **palazzotti di pochi piani**, simbolo architettonico del regime socialista uscito di scena all'inizio degli anni '90. Soprattutto, enormi quartieri popolari, presenti ovunque, in centro come in periferia, formati da casupole minuscole appiccicate l'una all'altra e fatte di fango, paglia, rami, alluminio.

Questa città pare scomparsa. "Negli ultimi anni il governo ha dato il via a un piano di smantellamento di molti quartieri popolari", **racconta** Alemayu Tesfaye, un giovane architetto etiopico che sta lavorando ad alcuni cantieri: "È cominciata una corsa per costruire edifici moderni".

**Oggi, la capitale è un immenso cantiere.** A ogni angolo centinaia di persone lavorano alla costruzione di edifici multipiano, centri commerciali, palazzi di uffici e abitazioni. Basta distrarsi un attimo, e dove prima c'era un bar con i tavolini, ora sta venendo su un casermone. Addis Abeba si rifà il look a ritmi frenetici. Le cassette degli etiopi hanno lasciato spazio a sedi di società commerciali, banche, imprese nazionali e straniere, spiega ancora l'architetto, mentre sorseggia un caffè macchiato sulla terrazza del ristorante Top View, da cui si gode una vista imperdibile della città.

"Stiamo rimodellando lo skyline di Addis Abeba", **commenta** orgoglioso Alemayu. Lascia vagare le braccia verso l'incredibile fila di edifici, eretti scimmiettando le nuove periferie urbane europee e americane: improbabili angoli acuti, poi bombature, finestre che sembrano feritoie medievali, terrazze vista asfalto, pareti di vetrate a specchi, ferro, finiture dai colori accesi.

Il boom delle costruzioni ha raggiunto un livello talmente alto, nell'ultimo anno, che a un certo punto i lavori di edificazione hanno rallentato, a causa della carenza di materiale edile nel Paese. "Il cemento è diventato molto caro e, soprattutto, scarseggia", spiega un imprenditore italiano da anni attivo in Etiopia. La richiesta di inerti è talmente elevata che il colosso nigeriano del cemento, la Dangote, ha deciso di investire circa 3 milioni di dollari e aprire fabbriche nel Paese.



Il settore edilizio si inserisce in un trend generalmente positivo dell'intera economia etiopie. La crescita del Pil rimane costante, nonostante due guerre combattute in dieci anni (con l'Eritrea tra il 1998 e il 2000 e l'invasione in Somalia che dura dalla fine del 2006) e l'assenza di fattori abituali nelle economie africane in crescita, come petrolio, gas naturali e minerali.

Il Paese riscuote le dichiarazioni entusiastiche del Fondo monetario internazionale e della Banca mondiale. L'economista americano Joseph Stiglitz, in un recente viaggio in Etiopia, ha affermato: "È impressionante vedere **indici di sviluppo superiori al 10 per cento**". Dagnamyew Girma, dirigente della Sunshine Construction, una delle principali imprese etiopi nel ramo dell'edilizia, è baldanzoso: "Il progresso non si può fermare. Andremo avanti". E mostra uno dei cantieri della ditta, proprio a un passo dalla centralissima Meskal Square, la piazza che ai tempi del regime socialista serviva per le adunate di popolo. Qui la Sunshine sta costruendo un hotel cinque stelle postmoderno, una ventina di palazzi da 16 piani che ospiteranno appartamenti deluxe. E in altri progetti la ditta si prepara a sfornare ancora alberghi, ville esclusive, centri ricreativi e campi da golf. Il tutto per un investimento da oltre 800 milioni di euro.

*(25 agosto 2008)*

NOTÍCIA X

## L'oro di Pechino

di *Federica Bianchi*

Cala il sipario sui Giochi. E la Cina conquista la medaglia più preziosa. Perché è riuscita a dare al mondo l'immagine di una grande potenza. Ma ora l'attende un'altra sfida. Quella della democrazia e dei diritti civili da Pechino



C'era il miracolo del Nido. Splendido, nelle sue vesti rosse della cerimonia d'apertura. E poi, nell'immenso cortile tutto intorno allo stadio, due file lunghissime di soldati, tagliati orizzontalmente, ogni 50 metri, da altri cordoni militari. Petto in fuori. Testa alta. Uno dietro l'altro, come le colonne di San Pietro. Una signora ha attraversato la linea immaginaria che legava un soldato all'altro. Voleva fare una fotografia migliore. È scattato un guanto bianco ben teso che l'ha respinta nella sua sezione. Apparentemente decorativi, i soldati erano in realtà pronti a tutto per evitare qualsiasi modifica dello schema prestabilito. Sono state quelle centinaia di soldati tutti uguali, ancora prima degli otto che hanno issato la bandiera olimpica, a chiarire al mondo quali sarebbero state le parole chiave di queste Olimpiadi: meraviglia e ordine.

Per il Partito comunista cinese, i Giochi sono stati un successo travolgente che ne consoliderà il potere negli anni a venire. Gli impianti sportivi erano perfetti. Alcuni addirittura spettacolari. Le condizioni atmosferiche sotto controllo. Scarsità di vivande a parte, l'organizzazione precisa. I volontari gentili. I tifosi scatenati per gli atleti con gli occhi a mandorla, ma educati verso gli avversari (soprattutto se era la Cina a vincere). Il significato simbolico dell'oro ha trasceso l'ambito sportivo per diventare metafora di un Paese in ascesa grazie alla sapiente guida dei suoi leader. "Il governo ha usato le Olimpiadi per dimostrare ai cinesi che uno Stato-partito può essere tanto efficace quanto un governo democratico", spiega **Philip Pan**, l'autore di 'Out of the Shadow of Mao', il libro dell'anno sulla Cina contemporanea. Incanalando l'orgoglio per la madrepatria nell'orgoglio per il partito, il club del presidente Hu Jintao è riuscito con i Giochi a compattare politicamente un popolo sempre più diviso economicamente e senza saldi punti culturali di riferimento.

Il tifo per il cinese in gara era anche il tifo per il partito. Le Olimpiadi 2008, nate come fenomenale strumento di propaganda domestica, hanno finito per consegnare ai cinesi il più grande dono che una nazione possa ricevere dal suo governo: la fiducia in se stessa.

Anche gli stranieri hanno apprezzato il successo organizzativo di Pechino. Ma per loro il ricordo visivo dell'Olimpiade sarà piuttosto legato a quei 2.008 atleti che battevano il tamburo all'unisono durante la cerimonia di apertura. In queste due settimane l'unico spazio concesso all'individualità è stato quello tra le vasche della piscina o le corsie dello stadio. All'Occidente le Olimpiadi hanno dimostrato l'abilità del governo cinese nel tenere saldamente in pugno il Paese, sapendo al contempo fronteggiare (di fatto negandole) le richieste di maggiore trasparenza della platea

mondiale. Hanno fatto capire ai più idealisti che lunghissimi anni separano ancora la Cina da una vera apertura democratica. Nessuna delle promesse fatte da Pechino nell'ormai remoto 2001 si è concretizzata. A partire dalla sfera dei diritti umani: "La comunità internazionale ha imposto i parchi delle proteste sulla Cina e la Cina ha riposto in maniera cinese", **spiega un anziano di Pechino**. 'Maniera cinese' vuole dire impedire un avvenimento senza negarne formalmente la possibilità. Nel caso specifico, arrestare i cittadini che hanno fatto richiesta di protestare e bloccare nelle maglie della burocrazia la possibilità di una protesta straniera.

La censura dei media non è stata allentata, nemmeno dopo l'8 agosto. Le autorità hanno aperto un paio di siti, come quello di Amnesty International, per evitare a un Comitato olimpico internazionale ai minimi storici di credibilità un'accusa troppo palese di collusione con il governo cinese. Ma tutti i siti davvero sensibili (in cui si discute di Taiwan, Tibet, Xingjiang, Falun Gong o in cui si accenna agli effetti del terremoto nel Sichuan o ai falsi della cerimonia di apertura della Olimpiadi) sono rimasti inaccessibili. I giornalisti, in questi giorni sempre controllati, in Rete e per strada, non sono potuti andare in Tibet con il loro visto ufficiale e, dopo le rivolte avvenute nella prima parte del mese, anche in alcune zone dello Xingjiang. Le Olimpiadi non hanno portato nessuna rivoluzione politica o sociale. Nessun evento spettacolare al di fuori delle arene agonistiche. Eppure da settembre qualcosa sarà diverso.

Per individuare i cambiamenti in corso nel Paese più imperscrutabile del mondo, occorre rivolgere lo sguardo altrove. Più che alle due settimane di Giochi, ai sette anni di preparazione olimpica in cui sono stati piantati i semi di una serie di metamorfosi di lungo periodo. Il Comitato organizzatore cinese ha già annunciato che pubblicherà un suo studio sull'impatto che le Olimpiadi hanno avuto sull'economia, l'ambiente, la società e la cultura cinesi nei nove anni intercorsi tra il 2001 e il 2010. Ma già ora possiamo azzardare una analisi. Partendo dalla vita quotidiana.

I cinesi hanno accettato di modificare cattive abitudini radicate da secoli, come sputare per terra nei ristoranti o tirare gomitate quando sono in fila, pur di offrire un volto positivo al mondo. Il governo non lo aveva mai richiesto prima. Ma, imparate in nome dell'orgoglio nazionale, è probabile che le buone maniere resteranno ben oltre settembre. Il rispetto per la privacy del vicino, concetto fino a oggi sconosciuto, verrà trasmesso alle nuove generazioni, portando finalmente gli abitanti delle grandi città allo stesso livello di civiltà sociale degli altri paesi sviluppati. C'è di più. L'esaltazione planetaria dello sport e degli atleti ha colpito il cuore di milioni di persone, da cui l'attività sportiva era considerata un affare militare. Non sarà ancora la democratizzazione dello sport, e probabilmente la Cina manterrà nel tempo il suo rigido sistema di allevamento di talenti in batteria (criticabile, ma vincente), però da adesso in poi saranno sempre di più i bambini che chiederanno alla mamma di potere andare a scuola di nuoto o al campo di basket. "Guardare le gare dà tanta energia e fiducia", **scrive** nel suo blog un teenager di Pechino: "Ho imparato le regole della pallavolo, del basket e del badminton. Gli atleti sono le persone più belle del mondo. Credo che da adesso in poi giocherò a badminton". Nella centrale via pedonale di Wangfujing, intanto, i canestri posizionati dalla Adidas durante queste due settimane non sono mai liberi. Lunghe file di ragazzini fanno (ordinatamente!) a turno per potere provare a fare centro. "I consumatori cinesi hanno ora molti più soldi e spenderanno molto di più in sport e cultura", **prevede Henry Zhang**, vicedirettore generale della società che gestisce il Nido. Nei parchi, al posto dei dimostranti, ci sono decine di giovani sportivi che si esercitano alle parallele o praticano le arti marziali. Il dipartimento dello Sport della capitale ha speso nel 2008 ben 1,5 milioni di euro in attrezzature sportive per ammodernare le palestre all'aperto dei vari quartieri, che erano, fino alle Olimpiadi, appannaggio quasi esclusivo degli anziani. La conversazione tra estranei non si limita più ai campioni di calcio ma sfiora gli sport di mezzo mondo, fino a un mese fa grandi sconosciuti.

Anche a livello agonistico qualcosa sta cambiando. Per ogni Lang Ping, la mitica coach cinese di pallavolo che ha permesso alle campionesse americane di sconfiggere le cinesi in casa, c'è un

Christian Bauer, l'allenatore francese di scherma che ha portato la Nazionale cinese a battere quella francese. "Il futuro dello sport mondiale è in questi ambasciatori", ha dichiarato Zui Dalin, vicedirettore della delegazione cinese alle Olimpiadi. Non ha tutti i torti. Per questi Giochi, 38 allenatori provenienti da 16 paesi hanno allenato 17 squadre cinesi. E 2.547 coach cinesi hanno aiutato 123 paesi nel ping pong, la ginnastica artistica e i tuffi, discipline in cui l'oro è ancora appannaggio degli eroi di casa.

Le Olimpiadi hanno creato oltre due milioni di posti di lavoro (rispetto ai 450 mila di Sydney e i 160 mila di Seul), per lo più nel turismo e nella nascente industria sportiva, un settore che promette un boom. Senza contare i guadagni e la notorietà accumulata dagli sponsor. Lenovo, l'azienda principe dei Giochi, ha annunciato che da quando è diventato sponsor olimpico quattro anni fa, le vendite sono salite del 500 per cento (a 17 miliardi di dollari). Secondo il 'Wall Street Journal', in questi giorni ben sei multinazionali sono in competizione per aggiudicarsi il diritto di dare il loro nome per trent'anni a quella che è considerata attualmente la costruzione moderna più sexy del pianeta: il Nido. Nei piani di riutilizzo, appena si spegneranno i riflettori, è già stato scritto che, per la gioia dei cinesi, diventerà la casa permanente del Beijing Guoan Football Club, una delle principali squadre del Paese, oltre che la sede di almeno 60 tra partite e concerti l'anno. Il Cubo d'Acqua ospiterà un gigantesco parco acquatico, oltre che un club di fitness esclusivo.

(21 agosto 2008)

## NOTÍCIA XI

### Obama caccia a Osama

*di Antonio Carlucci da New York*

Prendere Bin Laden. Liberare Kabul dai talebani. E poi l'Iraq. I rapporti con gli alleati. Le spese per la Difesa. L'agenda estera del neo presidente



Io mi concentrerò sulla minaccia numero uno alla nostra sicurezza che è Osama Bin Laden. Lo uccideremo. O lo cattureremo per poi processarlo e chiedere la sua condanna a morte... Queste parole, pronunciate dal presidente eletto degli Stati Uniti Barack Obama, non si prestano a equivoci. Le ha ripetute venerdì 31 ottobre, quattro giorni prima che la maggioranza assoluta degli elettori americani lo mandasse alla Casa Bianca come 44 presidente. E rappresentano, pur essendo state pronunciate in campagna elettorale dove gli artifici retorici sono la normalità, il cuore del pensiero del neo presidente in tema di difesa e sicurezza nazionale su una delle eredità più pesanti di George W. Bush: due guerre in corso, Afghanistan e Iraq, entrambe ben lontane dall'essere vinte o quantomeno risolte con onore e un bilancio della Difesa che nel 2008 è arrivato alla astronomica cifra di 512 miliardi di dollari.

**Barack Obama sottolinea ogni volta che glielo chiedono** come il problema numero uno della lotta al terrorismo sia l'Afghanistan. Nel pieno della campagna presidenziale, esattamente sabato

19 luglio, Obama volò fino a Kabul, dopo una sosta a Baghdad e prima di mettere piede in Europa. "Sono qui per ascoltare i problemi più che per dire quello che penso io", disse mostrando il profilo di chi voleva rendersi conto della situazione prima di annunciare possibili soluzioni. Cosa che fece subito dopo: invio di rinforzi militari in Afghanistan, insieme al ritiro dall'Iraq entro 18 mesi delle truppe combattenti.

Da quella proposta non si è mosso di un millimetro neanche dopo essere stato eletto e il team dei suoi consiglieri di politica estera e militare si sta muovendo in quella direzione. "Che sia necessario cambiare non c'è alcun dubbio. La strategia di Bush in Afghanistan è fallita", dice Michael O'Hanlon, esperto in problemi sulla sicurezza nazionale presso la Brookings, un think tank dove il neo presidente ha pescato molti suoi consiglieri e molti suggerimenti: "Sicuramente bisogna subito seguire in Afghanistan quello che è stato fatto in Iraq, ovvero aumentare le truppe per creare condizioni di sicurezza in tutto il paese". Obama ritiene che la caccia a Bin Laden sia una guerra giusta. "È stata una scelta molto furba quella di puntare tutto sull'Afghanistan", commenta l'analista politico e militare Edward Luttwak: "Così ha evitato di ripetere quello che ha sempre sostenuto ovvero che la guerra in Iraq è una guerra sbagliata, rischiando però di essere accusato di essere un pacifista. E ha raccolto intorno a sé gli americani sulla guerra giusta a Bin Laden".

**Tutti i rapporti, dell'intelligence come dei think tank**, dicono che la situazione afgana è in via di rapido deterioramento, mentre quella irachena è più stabile ed è arrivata a un punto in cui il ritiro delle truppe è possibile: tanto che è ormai a un punto cruciale la discussione sull'accordo tra governo iracheno e Washington sulla presenza dei militari Usa in Iraq (vedi scheda a pag. 46). Per l'Afghanistan parlano le cifre e disegnano un paese dove si sta combattendo una guerra infinita. Dal 2001, gli Stati Uniti hanno perso in combattimento 626 uomini, ma negli ultimi tre anni il numero è aumentato progressivamente: 96 nel 2006, 117 nel 2007, 151 fino a ottobre del 2008. E i paesi della missione Nato contano dall'inizio della guerra 321 caduti. Anche i civili afgani morti per cause legate ai combattimenti sono in continuo aumento: 929 nel 2006, 1.633 nel 2007, 1.445 fino a ottobre del 2008. Se poi si aggiunge che la ricostituzione dell'esercito e della polizia afgani va avanti non alla velocità e con i risultati sperati e che il Paese è diventato il paradiso dei coltivatori di papavero e di esportazione di oppio grezzo o lavorato, si capisce come la lotta ad Al Qaeda sia un tassello che poi riguarda non solo il terrorismo, ma l'instabilità, la pacificazione, lo sviluppo. "In Afghanistan rischiamo di perdere", avverte O'Hanlon: "La posta è troppo alta per ignorare tutti gli aspetti della situazione in quel Paese o per ritenere che solo qualche piccola e modesta novità possa cambiare il corso degli avvenimenti".

**Con decine di migliaia di soldati tra Afghanistan e Iraq**, con la macchina della Difesa tutta concentrata sulle due guerre, le decisioni di Obama non arriveranno di certo il giorno successivo all'insediamento alla Casa Bianca (20 gennaio 2009). Intanto, c'è l'interrogativo sul nome del prossimo segretario alla Difesa. Resterà l'attuale ministro Robert Gates, che prima di arrivare a quella poltrona ha speso una vita all'interno della Cia, dai livelli più bassi fino alla direzione? Secondo le indiscrezioni che circolano a Washington, Gates, che è arrivato al Pentagono nel 2006 dopo le dimissioni di Donald Rumsfeld per il disastro iracheno, avrebbe fatto sapere di non aver voglia di continuare nel suo incarico, ma potrebbe comunque rimanere al suo posto fino a quando il nuovo presidente non individua il suo candidato ideale.

**Su 'Loop', rubrica di indiscrezioni politiche del 'Washington Post'**, vengono indicati come possibili candidati alla successione a Gates l'ex segretario alla Difesa per la Marina Richard Danzig e gli ex sottosegretari dello stesso ministero, Jack Gansler, Paul Kaminski e Bill Lynn. Tutti hanno in comune l'aver lavorato con Bill Clinton ed essere stimati sia dai democratici che dai repubblicani. Ma quale che sarà la scelta, la nuova amministrazione si troverà davanti non solo la grana Iraq e Afghanistan, ma l'intera gestione della Difesa, dai bilanci ai rapporti con gli alleati della Nato e non. Entro il mese di febbraio Obama dovrà mandare al Congresso il bilancio federale, incluso quello della Difesa. Mike Mullen, il capo di Stato maggiore della Difesa Usa, ha spiegato (e chiesto) a deputati e senatori di stanziare per le Forze armate il 4 per cento del Pil

degli Stati Uniti, ovvero 579 miliardi di dollari, 67 in più dell'anno precedente. L'astronomica cifra indica che, dal giorno in cui Al Qaeda fece l'attentato alle Torri Gemelle, il budget è aumentato del 35 per cento ed è superiore a valori reali perfino di quanto l'America spese durante la Seconda guerra mondiale; alla cifra vanno aggiunti i costi delle due guerre ovvero 10 miliardi di dollari al mese. Ma tra crisi economica, recessione alle porte e nuova politica militare, non è detto che ci sarà un nuovo aumento del budget e, soprattutto, saranno messi in discussione (e tagliati) i 300 miliardi di dollari previsti in vari anni per i nuovi sistemi d'arma, a cominciare dall'aereo F-35 in progetto per la Marina.

**Se i risparmi possono essere decisi con una certa facilità, non è così per i rapporti politici con gli alleati. Sul tavolo c'è sempre la questione Nato legata alla guerra in Afghanistan. È prevedibile che Obama chieda ai paesi europei membri della Alleanza atlantica due cose: incrementare il numero di uomini e mezzi in Afghanistan e, soprattutto, di impegnare in combattimento un maggior numero di soldati dei propri contingenti nazionali. Forse userà toni diversi e argomenti più suadenti, ma questa linea è stata portata avanti da Bush con scarso successo. "Una delle ragioni opposte da molti paesi europei alle richieste di Washington sta anche nell'ambiguità di fondo dell'intervento in Afghanistan dove convivono due diverse missioni: quella americana di Enduring Freedom e quella Nato dell'Isaf", fa notare l'analista della Brookings O'Hanlon.**

La partita della Nato è complicata, ma non così difficile e imprevedibile come quella che Obama dovrà giocare in Pakistan per arrivare al successo in Afghanistan. In quel paese la politica Usa è stata pressoché fallimentare, tutta giocata sulla teoria del 'dittatore accettabile'. Washington ha sostenuto dal 2001 all'agosto del 2008 l'ex generale Pervez Musharraf, pensando che un militare arrivato al potere con un golpe avrebbe contribuito più apertamente alla guerra contro Bin Laden e, contando anche sul fatto che l'esercito pachistano ha ottenuto aiuti per 20 miliardi di dollari praticamente a scatola chiusa. Risultato? Le zone tribali al confine Pakistan-Afghanistan sono le retrovie dei talebani; esercito e servizi segreti di Islamabad flirtano apertamente con Al Qaeda. Così, per far capire che anche sulla questione pachistana non vuole ripetere gli errori del suo predecessore, Obama ha scandito il 7 ottobre scorso queste parole: "Se avvistiamo Bin Laden in Pakistan e il governo pakistano non è capace di ucciderlo o non vuole farlo, io credo che dobbiamo agire e ucciderlo noi".

*(14 novembre 2008)*

## NOTÍCIA XII

### **Egitto: approvata la legge contro l'infibulazione, ma la pratica non scompare**

- Tags: [cairo](#), [Egitto](#), [infibulazione](#)
- [Lascia un commento](#)



#### *Dal Cairo*

“Mia madre mi ha preso per mano, accompagnandomi nella nuova camera dove il mio giovane sposo mi attendeva impaziente. Si sono scambiati uno sguardo complice e mi hanno fatto sedere sul grande letto”. Inizia così il racconto di Rania, ricordando il suo primo giorno di nozze nel piccolo villaggio a nord del Cairo. Il suo sguardo è assente e la voce bassa, come se avesse paura di farsi sentire. “Mia madre ha avvolto il dito medio di mio marito con una garza bianca. Lei sapeva già quello che mi sarebbe accaduto. Io tremavo di paura. Poi, sempre lei, mi ha allargato le gambe, preparando la strada per il dito dell'uomo che mi avrebbe penetrato”.

**Fuori legge.** La madre di Rania esce di scena, lasciando soli i giovani sposi, avvolti nella penombra del loro nuovo rifugio. Ha consegnato sua figlia e adesso non le resta che mostrare al villaggio la garza macchiata di sangue. Le urla delle donne esplodono all'improvviso e la festa ha inizio. Forse non ci capiterà più di ascoltare i ricordi sconvolgenti di queste donne davanti ad una tazza di tè alla menta. Perché di fatto questi fatti, “legalmente”, non potranno più esistere. Il 7 giugno scorso il Parlamento egiziano ha approvato la nuova legge contro l'infibulazione, una lunga battaglia che ha visto i Fratelli Musulmani osteggiare il governo. Con infibulazione, o “Mgf” (mutilazione genitale femminile), s'intendono le mutilazioni dei genitali femminili praticate in molti Paesi in forme più o meno estreme: dalla cliteridectomia parziale o totale (un semplice taglio della punta del clitoride o l'asportazione del clitoride con taglio totale o parziale delle labbra) fino, a volte, all'infibulazione propriamente detta: la cucitura della vulva, con l'apertura di un foro per permettere la fuoriuscita dell'urina e del sangue mestruale. La donna diventa quindi un oggetto sessuale incapace di provare piacere, ha difficoltà a partorire e può contrarre infezioni. La sua verginità è garantita. Viene consegnata solo al futuro sposo, che se n'assicura durante la prima notte di nozze.

Nel 2005 il più grande quotidiano in lingua araba, l'egiziano *Al-Ahram*, dedica un dossier fortemente critico nei confronti della mutilazione genitale e dimostra l'infondatezza di tale pratica in base alle fonti islamiche classiche (il Corano e i detti del Profeta). Lo scorso anno la morte di una giovane donna, alla quale era stata praticata la Mgf per soli 8 euro, ha spinto il Ministero della Salute egiziano ad emanare un decreto che dichiarava illegali le mutilazioni genitali in tutti gli ospedali e nelle cliniche private del Paese. Dopo un ennesimo incidente avvenuto qualche settimana fa, in cui ha perso la vita un'altra adolescente, il Parlamento è stato costretto a studiare una linea più dura. In base alla nuova legge, l'escissione è punibile oggi con una pena da 3 mesi a 2 anni di reclusione o con una multa compresa fra mille e 5 mila Lire egiziane (118-590 euro). Da un lato la legge vieta e sanziona chi la infrange, dall'altro però prevede un cavillo, un'eccezione: la Mgf può essere applicata in caso di "necessità medica". Un passo in avanti e uno indietro.

**La testimonianza della ginecologa egiziana.** Dice a *Panorama.it* Emma Bonino, da tempo impegnata nella battaglia contro la circoncisione femminile insieme alla diplomatica egiziana Moushira Khattab: "Francamente non mi preoccupa tanto il 'cavillo' quanto piuttosto che le leggi in Egitto, come spesso accade anche da noi, rimangano un po' lettera morta". Bonino si augura che la nuova legge venga difesa ed applicata, che anche le Ong continuino la campagna come "stiamo facendo noi un po' in solitudine" **sottolinea** "con NPWJ in Liberia, Eritrea, Djibouti". Poi **aggiunge** "L'esempio egiziano ci aiuta!" Casi di mutilazioni genitali arrivano anche in Italia con gli emigrati. Ce ne parla Mona Mansour, ginecologa egiziana che lavora all'ospedale S.Paolo di Milano. "La donna araba è cresciuta pensando che la sessualità fosse un territorio inavvicinabile" **ci spiega**. "È più un dovere che un piacere". La dottoressa ci confessa di aver avuto delle richieste da quando lavora qui in Italia. "A chiedermelo sono generalmente le mamme, che hanno figlie e che non possono tornare in Egitto". Ma lei si è sempre rifiutata. "La vedo come un'abitudine faraonica, dei tempi passati, quando si tentava di eliminare il senso di piacere alla donna per fare in modo che si concentrasse solo sui lavori pesantissimi di allora". Poi **conclude**: "La donna è stata creata da Dio con il suo corpo, il suo clitoride e la sua vulva. La sessualità è una cosa che ci appartiene. Perché dovremmo eliminarla?"



• [silvia dogliani](#)  
Mercoledì 9 Luglio 2008

NOTÍCIA XIII

## **Da Sidney un “Papa ecologista”: “Riscoprire nella Terra il volto di Dio creatore”**

- Tags: [.ratzinger](#), [ambiente](#), [Australia](#), [Benedetto-XVI](#), [giovani](#), [papa](#), [pedofilia](#)
- [Un commento](#)



*da Sidney*

È un “Papa ecologista” quello che si presenta ai 200mila giovani di tutto il mondo riuniti a Sidney, in Australia, fino al 20 luglio per la [Giornata mondiale della Gioventù](#). La desertificazione sta mettendo a dura prova il continente australiano: in alcune regioni non piove da anni, e la siccità riduce progressivamente le aree coltivabili. [Benedetto XVI](#) prende atto degli scarsi progressi nella tutela ambientale in occasione dell’ultima riunione del G8 e, conversando con i giornalisti in volo verso Sidney, **spiega** che “questo argomento sarà molto presente in questa Giornata mondiale della Gioventù: parleremo della creazione e delle nostre responsabilità nei confronti della creazione”. Certamente, **sottolinea il Papa**, “non è mia pretesa entrare nel merito di questioni tecniche che politici e specialisti devono risolvere, ma dare gli spunti essenziali e richiamare alla responsabilità di ciascuno per essere capaci di rispondere alla grande sfida di riscoprire nella Terra il volto di Dio creatore e di riscoprire la nostra responsabilità davanti al creatore”. **Prosegue Benedetto XVI**: “La creazione è affidata a noi e tocca a noi trovare la capacità etica per un nuovo stile di vita, se vogliamo davvero svegliare le coscienze e arrivare a soluzioni positive”.

La questione ambientale, **spiega ancora il pontefice**, è strettamente legata al tema scelto per questa Giornata mondiale della Gioventù (“Avrete forza dallo Spirito Santo che scenderà su di voi e mi sarete testimoni”), poiché “noi abbiamo bisogno dei frutti della terra, dell’aria, dell’acqua” che Dio ha donato attraverso l’azione dello Spirito Santo. Durante il suo viaggio Benedetto XVI affronterà la questione della pedofilia che ha messo a dura prova la Chiesa australiana, al pari di quella americana, dopo la scoperta di diversi casi di abusi sessuali compiuti da sacerdoti ai danni dei bambini. “Mi sento obbligato a parlare di questo problema come ho fatto negli Stati Uniti” **osserva il pontefice** “non basta chiedere perdono, dobbiamo interrogarci su cosa è stato inadeguato nel nostro comportamento e cosa possiamo fare per prevenire, curare e riconciliare la Chiesa con le vittime”. Essere sacerdote, **ha sottolineato il Papa**, “è incompatibile con questi comportamenti” e sono stati compiuti errori nella formazione dei seminaristi. Benedetto

XVI è preoccupato anche per il futuro della Chiesa anglicana, riunita in questi giorni a Lambeth, per la conferenza generale, dopo i recenti scontri sull'ordinazione delle donne vescovo e sui matrimoni omosessuali. "Prego per i vescovi anglicani riuniti a Lambeth" **dice** il pontefice "affinché riescano ad evitare scismi e fratture e trovino insieme soluzioni in modo maturo, creativo ma fedele al messaggio di Cristo".

- [ignazio.ingrao](#)

Domenica 13 Luglio 2008

#### NOTÍCIA XIV

### **Dall'Italia all'Africa, biglietto di sola andata: "Faccio fortuna con l'olio di palma"**

- Tags: [africa](#), [Eugenio-Belgiojoso](#), [Ghana](#)
- [Lascia un commento](#)



"Secondo uno studio della *International Energy Agency* pubblicato nel gennaio del 2007, di tutta la produzione agricola mondiale, solo l'1% è destinata ai bio-combustibili", **ci dice** Eugenio Belgiojoso, un giovane imprenditore italiano, che, insieme ad altri connazionali, ha scelto di andare in Ghana ad acquistare terreni fertili per un grande progetto, che è anche una grande promessa: produrre energia elettrica con oli vegetali. Poi **aggiunge con fermezza**: "L'aumento dei prezzi alimentari è determinato dall'incremento del prezzo del petrolio, dalla forte crescita della domanda in Asia e certamente dalla speculazione al rialzo dei prezzi".

La Comunità Europea ha in programma di promuovere l'uso dei bio-carburanti nei trasporti, fissando entro il 2015 una quota minima. "Occorre discriminare i bio-combustibili e favorire solo quelli con il minor impatto e la maggior resa per ettaro", **avverte Belgiojoso**. West Tide sta per *West Africa Trading Initiative for Development and Energy* ed è la società che Belgiojoso e altri tre soci operativi hanno fondato insieme a venti investitori italiani nel dicembre del 2007. Venti milioni d'investimento in dieci anni per un grande progetto che partirà nella seconda metà del 2009 e darà lavoro ad oltre mille famiglie. "Prevediamo un rientro dell'investimento nel giro di sei anni, se i prezzi restano stabili", **dice**. L'interesse verso i settori rinnovabili e il desiderio di un cambiamento

personale hanno spinto gli imprenditori italiani a scegliere l’Africa come meta di un business: “E’ relativamente vicina all’Italia – **dice** Belgiojoso – ed ha grandi potenzialità di sviluppo”.

Nonostante il fallimento delle recenti trattative sul commercio globale, il Ghana è entrato dal 1995 nel programma WTO. Il processo di democratizzazione e privatizzazione ha portato in questo paese una forte crescita economica e un clima politico abbastanza stabile e adatto ad accogliere investitori stranieri. “Il paese è estremamente colorato e caotico” **racconta con un sorriso l’imprenditore**. “La comunicazione è facile grazie all’inglese, che è la lingua ufficiale. L’economia cresce velocemente, ma le infrastrutture sono indietro. La società è divisa in tribù e la struttura tribale convive con quella dello stato moderno di tipo occidentale”. Belgiojoso ci parla dei vecchi capi tribù con cui ha dovuto negoziare “Sono il riferimento culturale per le comunità locali e hanno una funzione pubblica molto importante, tra cui quella di assegnare i ‘diritti d’uso’ del territorio”.

Arrivato in Ghana l’imprenditore ha infatti avviato le trattative non solo con lo Stato, ma anche con il capo tribù. “Si presentano in pompa magna con il seguito degli anziani. Hanno un abito giallo e spesso indossano una corona. Si siedono su un trono, ai piedi del quale non manca mai la pelle di leopardo, e accanto a loro hanno spesso un servitore che regge un ombrello per proteggerli dal sole. All’inizio è faticoso restare seri, ma poi ci si abitua”.

La *West Tide* conta di partire dal Ghana per poi espandersi verso altri paesi africani. La società investirà sulle piantagioni di olio di palma, che prevede di vendere solo sul mercato alimentare, e, in parallelo, su quelle di *jatropha curcas*, il cui unico impiego è quello energetico e bio-combustibile. “La grossa scommessa dell’Africa è la *jatropha*, che cresce in terreni aridi e poco redditizi per le coltivazioni alimentari, contribuendo positivamente sulle emissioni di CO2, senza togliere terreni fertili alle colture tradizionali” **ci spiega Belgiojoso**. “Per ora esistono solo piantagioni sperimentali non intensive e vi sono programmi governativi per lo sviluppo e la ricerca”. Certo è che mentre l’olio di palma ha un secolo di storia alle sue spalle, la *jatropha* è una pianta ancora tutta da sperimentare.

- [silvia dogliani](#)

Mercoledì 20 Agosto 2008

NOTÍCIA XV

## **Il Papa a Parigi: scoppia la polemica politica tra Sarkozy e i socialisti**

- Tags: [.ratzinger](#), [nicolas-sarkozy](#), [papa.-benedetto-xvi](#)
- [Un commento](#)



*di Ignazio Ingrao da Parigi*

Mentre il Papa viene acclamato per le vie di Parigi, Nicolas Sarkozy deve fare i conti con gli attacchi dell'opposizione e della stampa di sinistra per il suo discorso all'Eliseo. Oltre alle critiche per i costi della visita papale (tre milioni di euro). Così quella che doveva essere una grande operazione di immagine, per il presidente francese e per la maggioranza di governo potrebbe trasformarsi in un boomerang.

E durante la grande Messa celebrata da Benedetto XVI sull'Esplanade des Invalides, sabato 13 settembre, davanti a 200 mila persone è apparsa persino l'Immacolata Concezione. Così la stampa francese ha soprannominato infatti il ministro della Giustizia Rachida Dati, incinta di un padre del quale non ha voluto rivelare il nome. Nonostante sia di religione musulmana, la Dati in calo di popolarità non ha voluto mancare alla Messa del Papa insieme con il primo ministro, François Fillon. Benedetto XVI non aveva neppure intenzione di recarsi a Parigi: nel programma iniziale della visita in Francia (il decimo viaggio internazionale di questo pontificato) c'era solo il pellegrinaggio a Lourdes per il 150° anniversario delle apparizioni mariane e l'incontro con i vescovi d'oltralpe.

Ma le pressanti richieste di Sarkozy, la visita in Vaticano in dicembre e soprattutto il discorso pronunciato dal presidente in San Giovanni in Laterano, volto a rimettere in discussione la nozione francese di laicità e a difendere le radici cristiane del Paese, hanno convinto il pontefice ad aggiungere una breve tappa a Parigi. Il Papa ha trascorso nella capitale francese meno di 30 ore ma Sarkozy ha fatto il massimo per sfruttarle dal punto di vista dell'immagine: come George Bush nell'aprile scorso negli Usa, anche Sarkozy ha rotto il protocollo e si è recato con la moglie Carla Bruni ad accogliere il Papa all'aeroporto. Quindi il sontuoso ricevimento all'Eliseo con 400 invitati in rappresentanza del gotha politico ed economico della Francia. Oltre a sua moglie, il presidente Sarkozy ha presentato al Papa la mamma

“Dadu” e i figli. Rispetto al discorso pronunciato nove mesi fa in Laterano, che fece infuriare l’intelligenza laica della Francia e persino parte dei suoi alleati politici, questa volta Sarkozy di fronte al Papa all’Eliseo è stato più moderato. Tuttavia ha ugualmente rilanciato il concetto di “laicità positiva” volta al dialogo “con le religioni, in particolare la religione cristiana con la quale condividiamo una lunga storia”. Privarsi del contributo della religione cristiana, **ha aggiunto Sarkozy** “sarebbe una follia”. Sincero desiderio di trovare una nuova strada nei rapporti tra Chiesa e Stato in Francia o tentazione “bonapartista” di sfruttare la religione per superare le difficoltà politiche interne? Per il Partito socialista francese non ci sono dubbi: “Cosa hanno in comune un Papa che è contro il divorzio e un presidente che ha già divorziato due volte”, **chiede polemicamente Vincent Peillon**. E il primo segretario del PS, **François Holland, denuncia** “una vera confusione tra religione e politica”, alimentata da Sarkozy. Persino il leader moderato del MoDem, François Bayrou, cattolico praticante, prende le distanze: “Penso che sarebbe meglio non mischiare gli affari di Stato e le religioni perché il secolo che sta iniziando può essere molto pericoloso da questo punto di vista”. Ma Benedetto XVI, sulla scorta della millenaria sapienza della Chiesa, ha accuratamente evitato di cadere nella trappola delle strumentalizzazioni e anzi ha elencato a Sarkozy le emergenze da affrontare: giovani, educazione, povertà, ambiente, immigrazione. “Attraverso le sue numerose istituzioni e iniziative la Chiesa cerca spesso di provvedere alle necessità immediate, ma è allo Stato che spetta di legiferare per sradicare le ingiustizie”, **ha scandito Ratzinger** di fronte al presidente francese.

Ora il viaggio del Papa si lascia indietro le polemiche politiche e prosegue come un pellegrinaggio. Benedetto XVI raggiunge Lourdes, visita la grotta di Massabielle, dove la Madonna è apparsa alla piccola Bernadette Soubirous, beve l’acqua miracolosa e affida a Maria tutti coloro che soffrono, in particolare le vittime della violenza, della guerra, del terrorismo, delle calamità naturali.

- [ignazio.ingrao](mailto:ignazio.ingrao)

Sabato 13 Settembre 2008

## NOTÍCIA XVI

# Così ho venduto la bomba

di *Stefania Maurizi*

**Esclusivo. Parla Abdul Qader Khan, il padre dell'atomica pachistana. Racconta i rapporti con l'Iran e la Libia e accusa le autorità di Islamabad: "Ho solo obbedito agli ordini"**

Ho solo obbedito agli ordini... L'uomo accusato di avere distribuito i segreti della bomba atomica in tutti gli Stati canaglia del pianeta, lo scienziato che ha costruito la prima arma nucleare islamica grazie a una rete clandestina mondiale, sostiene di non avere nulla di cui pentirsi. Dalla casa di Islamabad dove è detenuto agli arresti domiciliari, **Abdul Qader Khan, 76 anni**, risponde alle domande de 'L'Espresso'.

Ufficialmente è sepolto vivo in casa, ma non rinuncia a rivendicare la sua opera al servizio del Pakistan: **"Quando l'Iran e la Libia vollero iniziare un programma di arricchimento dell'uranio, si rivolsero a noi pachistani. Noi gli abbiamo consigliato di utilizzare gli stessi fornitori, gli stessi esperti e intermediari che usavamo per il nostro piano nucleare. Gli abbiamo consegnato delle informazioni di base e alcune forniture. Ma lo abbiamo fatto sempre seguendo le disposizioni di autorità pachistane di alto livello. Io non ho commesso nulla di cui vergognarmi"**.

Khan è il più controverso ingegnere nucleare della storia. Per l'ex capo della Cia, George Tenet, è "pericoloso quanto Bin Laden". Ma per i pachistani è un eroe nazionale che ha trasformato un paese da Terzo mondo in una potenza atomica.

È stato arrestato nel **2004**, dopo avere confessato di avere venduto segreti nucleari agli ayatollah di Teheran, al dittatore della Corea del Nord e alla Libia. **Da quattro anni vive recluso nella sua residenza di Islamabad, dove gli ispettori dell'Aiea, l'agenzia per l'energia atomica delle Nazioni Unite, non hanno mai potuto interrogarlo. Ora presenta la sua ricostruzione accusando Europa e Stati Uniti di avere alimentato la proliferazione dell'atomo. "Dovete mettervi in testa che tutta la tecnologia e il know how ottenuto dal Pakistan vengono dall'Occidente. Abbiamo pagato bene e ottenuto tutto quello che volevamo. Cosa può impedire agli altri Paesi di fare lo stesso?"**.

È proprio questo che terrorizza: la facilità con cui Khan ha ingannato controlli e barriere, sorprendendo tutte le autorità internazionali con il suo ordigno.

Nessuno pensava che il Pakistan potesse arrivare alla bomba. E il successo dello scienziato di Islamabad si è trasformato in una sorta di **pacchetto 'chiavi in mano'** che tanti potenti senza scrupoli hanno cercato di acquistare. Khan deve tutto all'Europa. Ha studiato nelle migliori università del continente, poi è stato assunto dall'Urenco olandese: un'azienda leader nell'arricchimento di uranio, il processo fondamentale per costruire centrali elettriche, ma anche per assemblare l'atomica.

Negli anni ha accumulato relazioni preziose, incontrando i responsabili delle fabbriche più sofisticate e conoscendo esperti senza scrupoli. Nasce così 'la rete': una ragnatela di società, stabilimenti e businessman sparsa nei cinque continenti che, con triangolazioni, scambi incrociati e ditte di copertura, ha fatto arrivare in Pakistan i materiali necessari per realizzare l'esplosione choc.

**Nel 1998 Islamabad mette a segno il colpo:** il primo test atomico riesce. Washington è furiosa, scatta l'embargo internazionale. Ma Khan non si ferma. Iran, Corea del Nord, Libia lo corteggiano. Lui non si nega e fornisce le indicazioni per moltiplicare gli impianti proibiti. Nel frattempo il mondo cambia. L'11 settembre apre un conflitto tra Islam integralista e Stati Uniti. E a Taranto,

in una notte misteriosa, la fortuna di Khan svanisce. È il 4 ottobre 2003. Nel porto pugliese viene bloccato il mercantile Bbc China: a bordo ci sono cinque container con apparecchiature speciali. Sono componenti per centrifughe, servono per l'arricchimento dell'uranio e navigano verso Tripoli.

Ancora oggi l'operazione resta top secret. Si sa che venne condotta con la collaborazione tra la Cia, l'MI6 britannico e il Sismi di Nicolò Pollari. Da quel momento la posizione dello scienziato è diventata insostenibile per il governo pachistano, che grazie al conflitto in Afghanistan aveva ripreso le relazioni con la Casa Bianca. L'eroe nazionale finisce agli arresti.

"È una lunga storia, una brutta storia", commenta: "Tra me e il presidente Musharraf c'era uno scontro personale". Khan descrive il cambiamento di clima nel suo Paese e il nuovo peso degli Stati Uniti: bastava una telefonata di Richard Armitage, numero due del Dipartimento di Stato, per mettere alle strette Musharraf: "Il presidente ha fatto ricadere ogni responsabilità su di me. Per lui io ero una minaccia: in patria la mia popolarità era enorme e c'era anche chi mi voleva presidente al suo posto".



Oggi Khan sostiene che la sua confessione pubblica, quel mea culpa trasmesso dalle tv di tutto il mondo nel 2004, gli fu estorta: "Mi mandarono degli emissari. Dovevo assumermi tutte le colpe, in nome dell'interesse nazionale. In cambio, mi fu promessa la grazia del presidente, la riabilitazione e la libertà di movimento all'interno del Pakistan". Khan afferma che il famoso discorso-confessione gli fu scritto dallo Strategic Plans Division, l'organismo che ha il controllo del programma nucleare e che riferisce direttamente al capo dello Stato. Ma la confessione non gli ha restituito la libertà: accusa Musharraf di avere rinnegato le promesse, mantenendolo agli arresti.

Non è pentito. E attacca l'intelligence americana. George Tenet, ex direttore della Cia, ha raccontato come l'agenzia era riuscita a infiltrare Khan e il suo gruppo: "Eravamo dentro casa sua, dentro i suoi laboratori, dentro il suo salotto". Lo scienziato replica: "Se sapevano tutto, perché non sono stati capaci di fare niente per fermare le aziende occidentali che rifornivano l'Iran e la Libia?". Prosegue: "Quante ne hanno inventate sulle armi di distruzione di massa dell'Iraq? Tenet e i suoi non sapevano niente del nostro programma nucleare, dei suoi progressi, dei fornitori, finché alcuni traditori non gli fecero arrivare notizie riservate. Tra questi traditori ci sono Musharraf e i suoi amici, che passarono informazioni sul programma pachistano per la loro stessa sopravvivenza".

Anche sulla notte di Taranto Khan ha la sua versione. Punta il dito sempre sui "traditori", che avrebbero infiltrato l'organizzazione di Bukhary Syed Abu Tahir, uomo d'affari dello Sri Lanka che

secondo gli inquirenti aveva un ruolo chiave nella 'rete': "Ma quali superspie! Erano nelle mani degli informatori. Controllavano tutto? E perché non hanno intercettato il carico proveniente dalla Turchia? Non ne sapevano nulla".

Attenzione, però. Questo orgoglio non significa colpevolezza. **Khan rifiuta categoricamente qualsiasi responsabilità personale.** Ricorda l'apparizione sul mercato degli emissari iraniani, dopo la fine della guerra con l'Iraq. I primi approcci fallirono per la corruzione degli incaricati: si diceva che gli iraniani chiedessero mediazioni ingenti sulle consegne. Pur di arricchirsi e intascare mazzette, i procacciatori andarono a bussare alla porta di aziende inaffidabili. Insomma, non riuscivano a fare passi avanti. "Nel 1996 ripresero il programma nucleare, ma non ho idea di cosa comprarono e quando si fermarono. Credo che si fermarono nel 2002, quando ebbero in mano il necessario, presumibilmente acquisito dai paesi occidentali, dalla Russia e dalla Cina". E il contributo di Khan? Solo le informazioni sulle aziende giuste, consegnate obbedendo agli ordini superiori? Tutto qui?

Anche davanti alle contestazioni di esperti indipendenti, come l'ex ispettore Onu David Albright, risponde trincerandosi sulla sua linea: "**Tutta la tecnologia e il know how** arrivati in Pakistan **venivano dall'Occidente.** Se i fornitori sono gli stessi, i prodotti sono gli stessi. Dunque non c'è da meravigliarsi se le centrifughe si somigliano tutte, in Iran come in Pakistan, Libia, Cina, Corea del Nord... Ma questo non significa che sono io ad averle mandate in giro. All'inizio noi consegnammo i nostri progetti e piani a dei fornitori occidentali fidati per chiedere opinioni, consigli e suggerimenti. Loro erano gli esperti, noi gli apprendisti".

Khan, dunque, scarica la colpa diretta sulle aziende fornitrici occidentali: sono loro ad aver fatto circolare certe **informazioni letali.** Non fa nomi, ma li conosce: indirizzi negli Usa e in Europa, forse anche in Italia. Stando all'inchiesta delle autorità malesi sulle centrifughe per la Libia, "le macchine per i laboratori furono fornite dalla Spagna e dall'Italia". È vero? Khan non si espone e chiama in causa due uomini d'affari: "**Peter Griffin** prima e **Urs Tinner** dopo procurarono apparati per la costruzione di centrifughe. È possibile che se le siano procurate in Italia e Spagna. L'Italia costruisce macchine eccellenti per tutti gli scopi". Poi **aggiunge**, sempre per creare un filtro sul suo ruolo: "Noi non abbiamo mai fatto affari con aziende italiane. Ci intendevamo di più di prodotti tedeschi, inglesi, sudcoreani e giapponesi. Ma l'Agenzia pachistana per l'energia atomica ha avuto contatti con alcune aziende italiane".

Fin qui si discute di arricchimento dell'uranio, un passaggio fondamentale che **non necessariamente serve per creare armi.** Diverse e più dettagliate invece le accuse diffuse dal 'Washington Post' sulla base delle indagini di Albright: Khan e i suoi referenti avrebbero venduto i progetti per assemblare un ordigno atomico. **Una testata di piccole dimensioni,** perfetta per essere lanciata dai missili iraniani e coreani. Piani su cd-rom, offerti al miglior compratore. "Questa è una situazione da 'Comma 22'", **replica** citando il romanzo di Joseph Heller: "I miei laboratori non hanno mai modificato, miniaturizzato o fatto alcun cambiamento a un primo progetto del 1983. Dovreste chiedere ad Albright di fare una ricerca sui progettisti e sui fornitori di questo tipo di progetti di armi nucleari". Una provocazione. Perché Khan non ha nessuna intenzione di collaborare con l'Aiea.

Mentre Washington non ha risposto alle richieste dei giudici svizzeri che indagano sui Tinner, gli uomini d'affari elvetici nei cui computer sarebbero stati trovati i documenti citati dal 'Washington Post'. Oggi quei dati sono stati cancellati. **La Cia non si è limitata a chiedere la semplice distruzione** di quei documenti, peraltro confermata dalle autorità svizzere qualche giorno fa, ma ne avrebbero **preteso la polverizzazione.** "L'hanno fatto per nascondere che molta di quella tecnologia proveniva dagli Usa e dai suoi alleati. I fornitori occidentali la vendevano a chiunque fosse disposto a pagarla", **attacca** l'ingegnere nucleare: "Poi è stato facile far passare il dottor Khan come una canaglia e farne il capro espiatorio".

**Lo scienziato conclude con un inno al nazionalismo.** Come vorrebbe essere ricordato dalla Storia? "Non me ne frega niente di ciò che l'Occidente pensa di me. Sono un pachistano dal patriottismo di ferro e sono orgoglioso di avere aiutato il mio Paese ad acquisire una capacità nucleare, che ne ha garantito la sovranità, l'esistenza e la pace". Non rinuncia all'ultima stoccata a Musharraf: "Il fatto che abbiamo fallito nel cogliere l'opportunità di progredire economicamente e dal punto di vista industriale è dovuto alla dittatura degli ultimi nove anni. **Leader corrotti e inefficienti hanno guidato** questa nazione che è letteralmente finita in malora".  
(20 giugno 2008)

## NOTÍCIA XVII

### **Criminali di guerra. A chi tocca dopo Karadzic**

- Tags: [Karadzic](#), [Radovan-Karadžić](#), [Ratzko-Mladic](#)
- [3 commenti](#)

Di *Fausto Biloslavo*

A Belgrado si è chiuso il cerchio attorno a Radovan Karadzic, uno degli ultimi latitanti fra i criminali di guerra della ex Jugoslavia. E per il presidente sudanese Omar al-Bashir, accusato di genocidio in Darfur, è stato chiesto l'arresto. Ma la giustizia internazionale torna alla ribalta, oltre che sotto le luci della cattura di Karadzic, con le ombre dei criminali di guerra ancora latitanti e di quelli che possono contare su processi lenti, costosi e dannosi. L'ex presidente dei serbi di Bosnia, arrestato a metà luglio dopo 13 anni di latitanza, è accusato di genocidio, crimini di guerra e contro l'umanità: assieme al generale Ratko Mladic pianificò la pulizia etnica in Bosnia-Erzegovina. Il duce di Pale cercherà di sfruttare il palcoscenico dell'Aia per inscenare la sceneggiata nazionalista. Come hanno già fatto Slobodan Milosevic, l'ex zar di Belgrado morto d'infarto in cella, e l'ideologo della grande Serbia Vojislav Seselj, pure lui dietro le sbarre all'Aia. Ma per processarlo e condannarlo in via definitiva i tempi sono stretti: il mandato del tribunale per l'ex Jugoslavia scade nel 2011.



Il tribunale ha accusato di crimini di guerra 114 persone, in gran parte serbe. Per quasi la metà sono state condannate, 37 sono in custodia e 10 sono in attesa di processo. Altri 36

sono morti o si sono visti ritirare le accuse. Due sono ancora latitanti: un pesce piccolo e «il macellaio di Srebrenica», il generale Ratko Mladic che si nasconderebbe in Serbia. Il tribunale dell'Aia ha molti scheletri nell'armadio. Il 3 aprile è stato assolto dalle accuse di crimini di guerra l'ex premier kosovaro Ramush Haradinaj, già comandante dell'Uck, l'esercito guerrigliero di liberazione del Kosovo. Peccato che i testimoni chiave del processo siano morti misteriosamente: la stessa corte ha ammesso intimidazioni e reticenze. «C'era grande pressione politica contro quel processo, che convergeva con l'indipendenza del Kosovo» **accusa Marieke Wierde**, responsabile del Centro internazionale per la giustizia transitoria. «Troppo spesso la giustizia soccombe ad altre esigenze» **commenta Richard Dicker**, responsabile giustizia internazionale dell'organizzazione Human rights watch. «C'è poi il problema che questi tribunali non hanno una propria polizia, per gli arresti devono affidarsi all'Onu o agli stati membri».

Radovan Stankovic è un serbo condannato a 20 anni per lo stupro di varie donne bosniache internate in un lager di Foca. E proprio là era stato trasferito dal tribunale dell'Aia per scontare la pena. Ma le guardie si sono «distratte» durante una visita dentistica e lo stupratore è scappato. Caso tutt'altro che isolato.

A Natale 2007 il generale croato Mladen Markac doveva attendere il processo per crimini di guerra agli arresti domiciliari a Zagabria. Ma un fotografo l'ha immortalato a una battuta di caccia con il capo della polizia e il ministro dell'Interno. Ossia con coloro che avevano assicurato ai giudici del tribunale per l'ex Jugoslavia che Markac non sarebbe uscito di casa.

Sul fronte africano ha mirato in alto il procuratore capo Luis Moreno Ocampo della Corte penale internazionale. Il 14 luglio ha chiesto l'arresto del presidente al-Bashir, accusato di genocidio in Darfur, la regione del Sudan occidentale dove in 5 anni sono state uccise 300 mila persone. Per l'accusa, Bashir «non ha avuto bisogno di proiettili. Ha usato altre armi: stupri, fame e paura. Silenziose ed efficaci». A Khartoum, il partito al potere ha organizzato manifestazioni al grido di «morte a Ocampo». E Bashir ha ballato, irridente, in tunica bianca e spadone islamico.



Probabilmente il presidente sudanese non finirà mai dietro le sbarre. L'azzardo di Ocampo rischia persino di peggiorare la critica situazione in Darfur. «È illusorio pensare che Khartoum consegna alla giustizia internazionale la massima autorità del paese. Pretendere che tale passo possa determinare un miglioramento dei diritti umani in Sudan è ingenuo» scrive sul suo blog il missionario Giulio Albanese (<http://blog.vita.it/africana>). «Ocampo sta giocando con il fuoco. Il rischio è che vi siano gravi ripercussioni nell'intero Corno d'Africa».

La Corte penale internazionale aveva già spiccato due mandati di cattura per la pulizia etnica in Darfur. Il primo per l'ex ministro dell'Interno Ahmed Harun, con l'accusa di aver pianificato la strategia del terrore verso i civili delle tribù avverse al governo. Invece che ammanettarlo, Khartoum l'ha nominato responsabile del dicastero degli Affari umanitari. Un'altra beffa ha riguardato l'ordine di arresto per Ali Kosheib. Capo delle milizie janjaweed, che saccheggiavano villaggi, stupravano donne e uccidevano bambini, è stato incarcerato e rilasciato «per insufficienza di prove» che erano sotto gli occhi di tutti. Altro paradosso sudanese: la missione Onu in Darfur è comandata da un generale ruandese accusato di crimini di guerra, Karenzi Karake.

Nata fra mille polemiche nel '98, la Corte penale internazionale è riconosciuta da 106 stati, ma non da grandi potenze come gli Usa. Fino a oggi non è riuscita a processare un solo criminale. E dei 12 ordini di cattura emessi è riuscita a portare in carcere solo quattro tagliagole.

Ombre si addensano anche per il genocidio in Ruanda. Il tribunale Onu di Arusha, istituito nel '95, ha processato solo 30 persone per il massacro di 800 mila tutsi da parte degli squadroni della morte hutu. Con 100 milioni di dollari di budget annuale e 800 dipendenti, verrà chiuso a fine 2008. Il Palazzo di vetro appoggerà la richiesta del Ruanda di assorbire il lavoro troppo lento del tribunale, insabbiando per sempre la storia delle vittime tutsi diventate carnefici degli hutu.

Unica storia di successo, il tribunale speciale per la Sierra Leone che sta processando l'ex presidente liberiano Charles Taylor. Nel caso della Corte straordinaria per i crimini dei khmer rossi in Cambogia, invece, la giustizia è arrivata troppo tardi. A novembre è finito alla sbarra Kaing Guek Eav, l'ex torturatore dei khmer rossi che fra il '75 e il '79 massacrarono 2 milioni di persone. La prima udienza si è tenuta 32 anni dopo i crimini, quando Pol Pot, l'ideatore del genocidio, era già morto stroncato da un infarto. Quanto al «macellaio» Ta Mok, era deceduto dietro le sbarre nel 2006. E gli altri imputati sono fra i 70 e gli 80 anni.

Altri dubbi sorgono sulla babele di inchieste o tribunali ad hoc, che costano e creano scompiglio. In Libano l'indagine sull'omicidio dell'ex premier Rafik Hariri, che chiama in causa la Siria, è andata avanti fra polemiche, minacce e rischi di guerra civile. E ora il governo pachistano ha ottenuto dall'Onu un'inchiesta internazionale sull'attentato all'ex premier Benazir Bhutto, che potrebbe destabilizzare ancor di più il paese.

Ecco perché fra tante ombre l'arresto di Karadzic è un raggio di luce: la credibilità della giustizia internazionale ne ha un disperato bisogno.

- redazione

Venerdì 25 Luglio 2008

## NOTÍCIA XVIII

# L'ultimo Eldorado

*di Emanuela Evangelista*

Sul rio Juma, nella foresta amazzonica, è riesplora la febbre dell'oro. Grazie alla scoperta di una miniera dalla quale sono già stati estratti 300 chili del metallo. Qui 10 mila disperati sono arrivati in cerca di una fortuna che premierà solo pochi



Tarzan si chiama così da quando è nato. Il nome di battesimo l'ha scelto suo padre che, da buon cercatore d'oro, era affascinato dal leggendario eroe. Tarzan è nato in Amazzonia e la vita che suo padre auspicava per lui l'ha avuta davvero: ha iniziato a cercar l'oro a otto anni, a est nella Serra Pelada, a nord ai confini con la Guiana, a sud lungo la Transamazzonica. È diventato esploratore e ha perlustrato centinaia di chilometri di selva, scavando buchi di un metro per un metro dove l'intuito gli imponeva di scavare. Tanto da trovarlo davvero, l'oro. Sul Rio Juma, nel cuore di una foresta fino a quel momento vergine.

Scortato da sette uomini armati, Tarzan entra nella zona della miniera in cui si concentrano i bar, i bordelli, gli spacci di alimentari, benzina e mercurio. Baracche, circondate da centinaia di altre baracche fatte di legno, lamiera e teloni neri impermeabili, fondamentali contro le piogge tropicali. Le piogge che qui, a due passi dalla Transamazzonica, rendono ogni strada una striscia di fango impraticabile. Percorrere 200 chilometri ci è costato 15 ore: affondando nel fango, bucando una ruota, usando catene antineve. Fino a raggiungere il garimpo che ha richiamato in pochi mesi migliaia di disperati da ogni angolo dell'Amazzonia: l'Eldorado di Juma. L'ultimo tratto di strada è stato costruito da un privato che ha annusato l'affare: per ogni auto che attraversa la sua proprietà esige un pedaggio di 15 euro.

In Brasile i garimpeiros hanno fama di cattivi, di fuorilegge, di uomini senza scrupoli. Quando trovano l'oro, accampano diritti sulle terre e innalzano baraccopoli abusive in cui la vita scorre secondo codici non scritti, regolata dalla violenza e dalla legge del più scaltro. O Baiano ha lasciato Bahia dieci anni fa, la sua famiglia lo crede morto e il suo unico rimpianto è aver abbandonato la figlia disabile, ma tornerà da lei un giorno, lo giura. Oggi, insieme al suo gruppo di lavoro, ha raccolto 30 grammi d'oro. Stasera bevono, ballano, cercano compagnia. E il poco che hanno guadagnato non vedrà l'alba di domani: "A noi spetta solo il 25 per cento da dividere nel gruppo. Il resto va al proprietario dei macchinari", spiega: "All'inizio, quando riuscivamo ad estrarre 100 grammi al giorno, sembrava vantaggioso". I geologi definiscono l'Eldorado di Juma una miniera a vita corta: il metallo è quasi tutto in superficie, in profondità c'è solo polvere d'oro. Si stima che almeno 300 chili siano già stati estratti e, fino a sei mesi fa, non serviva altro che un piccone per rompere la roccia e trovare le pepite. Oggi i garimpeiros lavorano immersi nel fango fino alle ginocchia, lavano la terra con potenti getti d'acqua e la convogliano su scivoli di legno ricoperti di tappeti che funzionano da setaccio. I motori iniziano a funzionare alle 5 del mattino e si lavora fino al calar della notte. Sole o pioggia che cada. L'Amazzonia è quasi tutta così: ricca. D'oro, d'argento e di diamanti. Di fosfato, calcio, zinco e altri minerali utili all'agricoltura. Secondo il ministero delle Risorse, il 100 per cento dello stagno e del tantalio (metallo fondamentale per l'industria dei cellulari), il 90 per cento del ferro e l'80 per cento del rame prodotti in Brasile, provengono dall'Amazzonia. L'estrazione di metalli e minerali ha un altissimo impatto ambientale ed è ritenuta una delle attuali cause di degrado dell'ecosistema. "Ma è un'attività puntiforme, dunque ha una responsabilità minima se paragonata ad altre attività, come l'agricoltura", si difende Gert Woeltje, geologo del ministero. L'Eldorado di Juma ha richiamato in pochi mesi 10 mila persone. La soffiata, come viene chiamata la notizia

della scoperta di un filone d'oro, è passata di bocca in bocca. Le autorità locali, con l'appoggio del governo federale, sono intervenute creando un'apposita commissione interistituzionale, che non è mai passata dalla carta alla realtà.



"Non abbiamo mezzi per evitare lo spostamento di massa dei disperati", spiega Daniel Nava della segreteria per lo Sviluppo sostenibile dello Stato di Amazonas. "Il nostro compito è dare una forma legale a questi assembramenti. Abbiamo chiesto ai garimpeiros di organizzarsi in cooperativa, come prevede la legge". Mara studiava all'università quando ha sentito la soffiata. Racconta di aver lasciato tutto (studi e due figli) e di essere partita con una cassa di profumi da vendere. L'idea non ha funzionato e Mara deve aver fatto altro per sopravvivere, ma è stata così abile da guadagnarsi il rispetto di tutti ed entrare nel direttivo della nuova cooperativa, la CooperJuma: "Noi vogliamo creare una miniera modello, non violenta, pur rispettando la legge del garimpo.

In un anno abbiamo avuto tre soli omicidi, un record per il settore". Il modello intende essere ecologicamente corretto. "Limitiamo il taglio degli alberi al necessario", chiarisce Tarzan in qualità di presidente della cooperativa: "Finora abbiamo deforestato solo 20 ettari e abbiamo montato una serra per la coltivazione delle specie abbattute". Ma l'autorità brasiliana per la vigilanza ambientale (Ibama) non è d'accordo e una sentenza del tribunale federale ha decretato illegali le attività in corso nell'Eldorado. Nonostante ciò, i lavori proseguono. La CooperJuma si accaparra il 10 per cento del metallo estratto e paga il 4 al fattore che si dice proprietario della terra, anche se nessuna istituzione lo riconosce tale. "La foresta è trasformata in un paesaggio lunare, altro che preservazione ambientale", accusa Adilson Cordeiro, capo del reparto vigilanza dell'Ibama di Amazonas: "Usano il mercurio per separare l'oro dalla terra, il metallo pesante inquina i fiumi e si accumula nella catena alimentare, provocando danni soprattutto alla salute degli uomini.



Ha mai conosciuto un garimpeiro che abbia più di sessant'anni?" chiede. Spesso muoiono di malaria, di dengue, epatite o altre malattie indotte dalle precarie condizioni igieniche. Il prezzo dell'oro è triplicato negli ultimi dieci anni. E l'impennata ha spinto i garimpeiros a inoltrarsi in zone di foresta vergine. Tre quarti del prodotto immesso sul mercato globale sono destinati alla creazione di gioielli (circa 3.600 tonnellate), mentre il resto se lo dividono industria e fondi aurei. "Solo l'educazione può salvarli", continua Cordeiro, "i cercatori d'oro non abbandonano mai questa vita: se occupano una bassa posizione non guadagnano abbastanza, se invece appartengono alle categorie che si arricchiscono (esploratori, intermediari, commercianti) usano

l'oro per mostrare la loro ricchezza. Lo vestono, lo regalano, lo scambiano. Fino a restare senza un grammo e correre di nuovo in miniera".

O Baiano per stasera ha trovato compagnia. Tarzan pensa al futuro: "Cosa farei se mi arrivasse la soffiata su un nuovo filone? Non ho dubbi, partirei. Non si ha mai abbastanza oro".  
(19 agosto 2008)

## NOTÍCIA XIX

### Londra: arrestato il ministro ombra dell'Immigrazione

- [Tags: Londra](#)
- [Un commento](#)



Lo hanno prelevato da casa sua, ad Ashford, in pieno pomeriggio. E a bussare alla sua porta, nei giorni degli attentati a Mumbai, sono state le unità antiterrorismo inglesi, che poi lo hanno trattenuto e interrogato fino alle 23 di ieri sera. Ma Damian Green, il ministro ombra dell'Immigrazione inglese, uno degli uomini di punta del Partito conservatore, col terrorismo non ha avuto niente a che fare. "Ha diffuso documenti e notizie che il Governo voleva tenere segrete", **hanno accusato** gli uomini di sua Maestà la regina. "Tutte sciocchezze" **ha replicato** piccato Green dopo essere stato rilasciato "Mi hanno arrestato perché ho fatto il mio lavoro".

Un episodio destinato a influenzare il clima politico inglese, dove - dopo mesi duri - il primo ministro Gordon Brown era riuscito a ritrovare un po' di consenso e di dialogo con l'opposizione, grazie alla crisi economica. Un dialogo che ora rischia di andare in fumo. "È stata un'operazione staliniana" **ha attaccato il leader dei Tories David Cameron** "L'hanno condotta con una durezza senza precedenti e deve essere stata autorizzata molto in alto", **ha concluso facendo intendere che il rivale Brown ne fosse a conoscenza.**

Non si è fatta attendere la replica dal numero 10 di Downing Street, che è stata irremovibile. "Il primo ministro non ne sapeva nulla, è nato tutto da un'indagine interna del ministero dell'Interno", **ha fatto sapere il portavoce di Brown.** Un'indagine che era rivolta a capire come certi documenti, compreso un memorandum del ministro Jacqui Smith per i colleghi di governo, fossero finiti nelle mani della stampa. Dopo la sospensione di un giovane dirigente dell'Home Office, dieci giorni fa, gli investigatori sono arrivati a Green, che aveva ricevuto dal funzionario informazioni ben precise che il Governo avrebbe voluto tenere riservate.

Da qui, l'alzata di scudi dell'opposizione. "Sembra di essere nello Zimbabwe di Mugabe" **ha commentato un collega di Green** "Se volevano parlare con lui non serviva questa sceneggiata, bastava alzare il telefono e chiamarlo". Chissà se anche a Gordon Brown

basterà fare così ora per riallacciare il dialogo con l'opposizione o se sarà rimesso di nuovo all'angolo.

- [matteo.buffolo](#)

Venerdì 28 Novembre 2008

## NOTÍCIA XX

### Mc Cain e Obama, sfida comica all'ultima battuta

- Tags: [.mccain](#), [.obama](#), [Al-Smith-dinner](#), [John-McCain](#), [presidenziali-usa-2008](#)
- [Un commento](#)



*I due candidati presidenziali insieme all'arcivescovo di New York Edward M. Egan*

Seduti allo stesso tavolo, i due aspiranti presidenti, in smoking e papillon bianco, scherzano e ridono insieme all'arcivescovo di New York. Una scena impensabile, solo 24 ore prima, quando le espressioni di John Mc Cain e Barack Obama erano molto più tese, mentre si fronteggiavano a colpi di slogan e accuse reciproche nel terzo dibattito preelettorale. L'occasione per la rilassata pausa nella campagna elettorale più lunga e sfiancante di sempre era la cena a favore del fondo per bambini poveri intitolato al governatore di New York durante la Grande Depressione, il cattolico Alfred Smith, tradizionale appuntamento bipartisan della volata finale per la Casa Bianca. I due candidati, chiamati a fare un breve discorso, hanno offerto una performance che non ha nulla da invidiare a quella dei comici più quotati, di fronte a un pubblico che comprendeva, tra gli altri, Hillary Clinton e il sindaco della grande mela Michael Bloomberg. Battute a raffica, pure velenose nei confronti dell'avversario, ma anche tanta autoironia. Ha iniziato McCain, più a suo agio di Obama nelle vesti di istrione, (ma il senatore dell'Arizona si era scaldato con la sua apparizione riparatrice al "David Letterman Show"): "Ho licenziato tutti i miei consiglieri elettorali: saranno sostituiti da una sola persona: Joe l'idraulico". Poi ha tirato qualche frecciatina al rivale: "Obama ha già un piano per ogni emergenza compresa quella peggiore: una ripresa della economia" **ha ironizzato il senatore** "In tal caso interromperebbe subito la campagna per volare a Washington e parlare alla crisi". Mc Cain ha messo in mostra un'ottima mimica facciale, quando si è rivolto al pubblico, dove era maggiore la presenza democratica (il partito di Smith). "Non riesco a liberarmi della sensazione che ci sia gente in questa sala di liberal di Manhattan che fa il tifo per me - **ha**

**esclamato McCain**, facendo poi una lunga pausa per aumentare l'effetto comico - Come stai Hillary? Sono contento di vederti!". Ma dopo le battute, l'eroe di guerra ha anche trovato il modo di rendere l'onore delle armi al rivale: "Obama ha già fatto la storia" **ha detto**, "C'è stata un'epoca in cui un semplice invito di afroamericani alla casa bianca sarebbe risultato oltraggioso, quel tempo è finito". Da parte sua il senatore dell'Illinois non ha mancato di contraccambiare elogiando lo spirito patriottico di John Mc Cain. Obama si è mostrato un po' più impacciato, ma anche il suo discorso ha fatto ridere a crepapelle i presenti, specie per gli spunti autoironici sul sostegno di cui gode da parte dei media: "Contrariamente a quanto si dice, non sono nato in una mangiatoia" **ha scherzato** "Vengo infatti dal pianeta Krypton: mio padre Jorel mi ha inviato qui per salvare il Pianeta Terra". "La mia dote maggiore è l'umiltà, la mia debolezza maggiore: sono troppo bello" **ha detto ironizzando sulle dimensioni delle proprie orecchie e chiedendo** "dove sono le colonne greche che avevo ordinato per il mio discorso?" anche lui non ha perso però l'occasione di punzecchiare il rivale: "La crisi dei mutui ha colpito Mc Cain otto volte più duro che gli altri (riferendosi al numero di case del repubblicano)" e sulle accuse per le sue frequentazioni con ex terroristi "è vero" **ha detto** "ho frequentato per un po' un gruppo di persone poco raccomandabili, senza senso dello Stato, poco di buono senza pentimenti. Devo ammetterlo, sono un membro del Senato degli Stati Uniti".

- emanuele rossi

Venerdì 17 Ottobre 2008

## NOTÍCIA XXI

# Passate le Olimpiadi, l'India si scopre invidiosa della Cina



L'India è la seconda Nazione più popolosa del mondo ma ha portato a casa da Pechino solo tre medaglie. Il confronto coi "vicini" è impietoso. "Colpa della passione per il cricket e della scarsità di strutture" **si lamentano atleti e quotidiani indiani**. Certo, un po' di invidia c'è: con una popolazione di quasi un miliardo di persone, New Delhi porta a casa nella più fruttifera edizione dei Giochi la miseria di 3 medaglie (di cui solo una d'oro) e il potente vicino, quello di sopra, si prende il primo posto nel medagliere con cento podi e 51 primi posti. Insomma, si può capire lo stato d'animo degli indiani quando pensano allo stato del loro sport comparato con il trionfo cinese.

Solo di sport si parla, certo, ma il discorso inevitabilmente tocca altri campi: dal confronto tra democrazia e totalitarismo, organizzazione, potenza economica, sviluppo. In sintesi, la domanda che si pongono molti commentatori indiani in questi giorni è: perché i cinesi superano l'America e noi (più democratici, con standard di crescita analoghi e la seconda popolazione del pianeta) neanche ci avviciniamo alla Giamaica?

"Sono contento del risultato: tre medaglie individuali, anche senza hockey" **ha detto il presidente del Comitato olimpico indiano Suresh Kalmadi**, "possiamo migliorare in vista delle Olimpiadi di Londra 2012". E' vero, è stato il miglior bottino olimpico della storia per l'India. Ma gli atleti, intervistati dai quotidiani locali, non sono certo entusiasti. "Non dobbiamo essere compiacenti con noi stessi. Se la Giamaica, con due milioni di abitanti, può fare bottino pieno nella velocità, dove possiamo arrivare noi?" **si chiede l'ex velocista PT Usha**. "Il problema è che in questo Paese si vive solo di cricket" (è lo sport nazionale) **si lamenta** il capitano della forte squadra di hockey **Dahnray Pillaj** sul *Times of India*. Il sentimento è comprensibile, basta pensare alle polemiche tutte italiane sul "trattamento di favore" riservato al calcio. Ma c'è di più: "Perché non impariamo qualcosa dalla Cina?" **Si chiede il corridore Gurbachan Singh Randhawa** (110 ostacoli) "I nostri coach hanno degli standard obsoleti, non hanno il minimo interesse a imparare le novità".

Il fatto è che gli allenatori sono pagati dallo Stato, ma a quanto pare il governo indiano non è così esigente come quello cinese. La situazione di strutture e fondi, poi, è tutt'altro che ideale. "A Pechino i tiratori, la nostra migliore opzione di medaglia, non avevano le munizioni per allenarsi, mentre i lottatori non avevano i massaggiatori a disposizione"

**svela un altro atleta** (anonimo) intervistato dalla *Reuters*. Insomma, la situazione delle strutture per lo sport in India non è certo idilliaca. Basti pensare che l'unico oro conquistato a Pechino è arrivato dal tiratore Abhinav Binda, che è riuscito ad allenarsi grazie alla sua personale ostinazione e soprattutto alle finanze del padre, un facoltoso uomo d'affari, che gli ha costruito un poligono di tiro e gli ha permesso di viaggiare per il mondo in business class. Condizioni che ben pochi possono permettersi da Delhi a Mumbai. Ma le cose potrebbero cambiare: nel paese si è ormai formata una borghesia che guarda ai successi cinesi non solo in campo imprenditoriale. Il ricchissimo magnate dell'acciaio Lakshmi Mittal ha finanziato due anni fa una fondazione privata con lo scopo di trovare e far crescere i talenti dello sport indiano. Il suo collega Vijay Millya ha creato l'anno scorso il primo team di Formula1 indiano, la *Force India* per cui corre Giancarlo Fisichella. Il cui motto è "Riesci a sentire la forza di un miliardo di persone?"

- [redazione](#)

Giovedì 28 Agosto 2008

## NOTÍCIA XXII

### **Messico: la guerra dei narcos**

- Tags: [droga](#), [guerra](#), [Messico](#), [narcos](#)
- 2 commenti



In Messico, tutti parlano di guerra "de los cuernos de chivos". La guerra delle corna di vacca, un nome che potrebbe far pensare ai toreri e alle corride. Ma la guerra delle corna di vacca prende in realtà il nome dall'arma preferita dai narcotrafficienti messicani, il Kalashnikov, che col suo caricatore ricurvo da 70 colpi ricorda le corna dei bovini. Ma che è decisamente meno mansueto, visto che nell'ultimo anno i morti sono il doppio di quello precedente: da gennaio i corpi sulle strade, fra narcotrafficienti, civili, agenti e soldati, sono stati 5376 secondo il ministro della giustizia Eduardo Medina-Mora. "E temo che non siamo ancora al massimo", **ha ammesso sconsolato**.

Oggi, l'epicentro del conflitto, sono soprattutto tre stati: Chihuahua e Baja California, dove i vari cartelli della droga si sono scontrati nelle strade di Juárez e Tijuana, e a Sinaloa, sede di uno dei gruppi di narcotrafficienti più potenti. Su tutte la città di Ciudad Juarez, la più

popolosa dello stato di Chihuahua, a pochi chilometri dalla frontiera con gli Usa, è lo snodo principale della droga che dal Sud America arriva negli Stati Uniti. Di fronte a Ciudad Juarez, in Texas, c'è El Paso: in pratica, una sola grande area metropolitana divisa in due dal confine. Con la differenza che da una parte, regna l'ordine, mentre nella metà messicana sparatorie, morti e ritrovamenti raccapriccianti sono all'ordine del giorno.

“Queste organizzazioni criminali sembrano non avere limiti - **spiega Medina-Mora**, che precedentemente era a capo del dipartimento di sicurezza pubblica e capo dei servizi di intelligence - Certamente hanno un grande potere di intimidazione: ma nonostante questo incremento così preoccupante negli omicidi legati alla droga il livello di violenza in Messico rimane più basso di molti altri stati, come Colombia e Brasile”. Eppure, i numeri sono impressionanti. Per fare un paragone, i morti di quest'anno sono più dei caduti americani nella guerra in Iraq. E la rabbia e l'aspirazione dei cittadini sono così forti che, più di cinquant'anni dopo dalla sua abolizione, si è acceso a Città del Messico un dibattito sulla reintroduzione della pena di morte. E anche se, secondo i costituzionalisti messicani, sarà difficile arrivare al ritorno della pena capitale, il capo del governo dello stato di Coahuila, Humberto Moreira, ha detto che consentirà la pena di morte anche per i rapitori che uccidono o mutilano le loro vittime. “Anche se non ritorneremo alla pena capitale - **ha spiegato Gerardo Priego**, un parlamentare del Pan, il partito di governo - è indicativo come questo dibattito si sia acceso subito nell'opinione pubblica, dimostrando che ormai la sicurezza nazionale e nelle nostre strade è il tema numero uno in tutto il Paese”, anche se Miguel Carbonell, un costituzionalista, ha detto che la possibilità di reintrodurla è “nulla”. “Anche se siamo tutti preoccupati per quello che sta accadendo - **ha detto** - lo Stato non deve cadere nello stesso errore dei criminali”.

- [matteo.buffolo](mailto:matteo.buffolo)

Mercoledì 10 Dicembre 2008

NOTÍCIA XXIII

## **Appello di Bush al Congresso: senza piano anti-crisi, conseguenze gravi**

- Tags: Congresso, George-Bush, mutui, piano-anti-crisi, Usa



“L’economia dipende da una decisiva azione del Governo ... il Congresso deve agire” è questo il messaggio del presidente Usa George W. Bush, che ha evidenziato come il no della Camera dei rappresentanti (soprattutto repubblicani) al piano anti-crisi del sistema creditizio non significa la “fine degli sforzi” per farlo approvare. Il presidente Bush ha fatto appello alla nazione e al Congresso dalla biblioteca della casa Bianca, e subito ha espresso la sua delusione per la bocciatura del piano di salvataggio delle banche da 700 miliardi di dollari. Ma garantisce che il processo legislativo andrà avanti: “Arriveremo a una soluzione” **assicura e ribadisce** la necessità di un’azione rapida, perché “le conseguenze della non azione saranno di giorno in giorno peggiori”.

Il presidente Bush **si è rivolto** al popolo americano: “Voglio assicurare i nostri cittadini e i cittadini di tutto il mondo che il no della Camera non è la fine del processo legislativo”, **prosegue**, evidenziando come le stime diffuse prevedono che il costo del piano sarà inferiore ai 700 miliardi di dollari. “Siamo in un momento critico per la nostra economia e abbiamo bisogno di far tornare l’economia americana a girare” **ha continuato** Bush, per poi concludere: “Se continuiamo in questo modo i danni per l’economia saranno dolorosi e duraturi”.

Il leader americano ha poi annunciato che i rappresentanti della sua amministrazione incontreranno i leader del Congresso per trovare una soluzione. “Siamo in un momento critico” **riconosce Bush**, che dice di comprendere anche “la preoccupazione dei contribuenti” per il fatto che bisogna spendere 700 miliardi di dollari pubblici.

Intanto il candidato repubblicano alla Casa Bianca, John McCain ha chiesto un aumento da 100 mila a 250 mila dollari dei limiti delle garanzie che il governo federale assicura sui depositi bancari degli americani. McCain dice di aver sentito telefonicamente il presidente Bush e di avergli chiesto di aumentare l’assicurazione della Fdic, l’agenzia federale che garantisce i depositi, sui conti degli americani. Una proposta analoga è stata avanzata dal suo rivale democratico Barak Obama.

- redazione

Martedì 30 Settembre 2008

## NOTÍCIA XXIV

# Fronte Kabul, trincea Baghdad

di Barbara Schiavulli

Dall'Afghanistan all'Iraq, la strategia degli uomini di Al Qaeda



Mamma e brillante scienziato pachistano, **Aafia Siddiqui** non era nessuno prima dell'11 settembre. Poi, dopo l'attacco alle Torri Gemelle, uno dei pianificatori, Khalid Sheikh Mohammed, confesserà che quella donna minuta era un personaggio chiave e operativo di Al Qaeda a Boston. Così Aafia è entrata nella lista dei primi sette terroristi 'most wanted' dagli Stati Uniti: la donna più pericolosa al mondo. Scomparsa per cinque anni - dice di essere stata rapita dalla Cia - è ricomparsa il 17 luglio scorso in Afghanistan e arrestata davanti alla casa del governatore della provincia di Ghazni. Inebetita, col burqa, in braccio un figlio e le istruzioni su come costruire ordigni. Secondo i suoi avvocati, gli americani che l'avrebbero scaricata in Afghanistan, dopo anni di reclusione, immaginavano che venisse scambiata per una kamikaze e uccisa o forse speravano che sarebbe morta quando in stato di fermo le hanno sparato due colpi in pancia dopo averla accusata di essere riuscita a strappare il mitra al militare che la teneva in custodia. Ma Aafia è ancora viva con la sua storia misteriosa che ha tutti gli ingredienti che servono per farne uno dei volti nuovi di Al Qaeda. Le sue origini pachistane, i suoi legami con l'Afghanistan, paesi dove batte il cuore di pietra e pensa la mente brutale di Al Qaeda. Il posto da dove l'organizzazione irradia e contagia con il suo terrore. A cui si somma l'Iraq, un regalo fatto dagli americani ad Al Qaeda che non erano riusciti a trovare un legame serio tra Saddam e Bin Laden. La guerra è riuscita a crearlo: il vuoto della violenza ha spalancato le porte dei militanti che fuggiti dal Pakistan hanno creato un confortevole, ma non duraturo, almeno per il momento, avamposto verso l'Europa. Ma per quanto Al Qaeda possa mutare, espandersi, delegare, lo zoccolo duro del terrorismo, quei capi che centellinano i loro discorsi letali, restano dove sono, sicuri di non venire mai traditi né dai servizi segreti che li sostengono, né dal caos politico che li rafforza. **Il futuro della leadership resterà in Pakistan** affermano in coro gli analisti locali. Cacciati dagli americani nel 2001 dall'Afghanistan, dove Bin Laden aveva trovato fra i talebani una interessata accoglienza, i militanti di Al Qaeda sono tornati tra le rocciose montagne pachistane, in quella terra dove non si osa entrare se non abbondantemente armati: la regione tribale del Nord-ovest, le Fata, il Waziristan, quel salame di terra grande come la Florida, che invece di separare i due Paesi, li unisce in un patto maledetto in nome del Jihad.

I centri di addestramento sono lì. Punti di raccolta e poi di smistamento. In Afghanistan non servono basi, basta varcare la frontiera, colpire e tornare indietro. "I nostri Paesi sono i più colpiti da Al Qaeda", **dice** Hamid Mir, scrittore pachistano e unico giornalista ad aver incontrato Bin Laden tre volte: "Il terrorismo, non colpisce solo l'Occidente, ma soprattutto i paesi musulmani. Nel Waziristan ho visto distruzione e morte. L'America spinge il Pakistan a combattere contro la sua gente. Per ogni civile morto c'è un nuovo militante che nasce. Un ragazzo che aveva appena perso il fratellino, mi ha detto che pregava di morire in quell'istante perché se fosse sopravvissuto avrebbe tentato di far esplodere tutta Islamabad.

**La soluzione per sconfiggere Al Qaeda c'è, ma esige una dose sufficiente di umiltà che permetta**

alle nazioni di sedersi a un tavolo e discutere". Basta con gli assi del male, dice lo scrittore. Farzana Bari è una esperta pachistana di diritti umani: "Non si ottiene sicurezza con le armi e il sospetto. Non di certo favorendo l'economia virtuale. Al Qaeda si nutre di disperazione e dell'ignoranza della gente. Il 60 per cento del mio popolo non sa leggere. Questo fa paura. Questa è la guerra da combattere contro Al Qaeda". Hamid Mir e un noto analista, Waheed Mozhda, sono convinti che Bin Laden, se è ancora vivo, si trovi in una base dei servizi segreti pachistani nelle aree tribali. "Tutti i campi di addestramento sono dentro basi militari, in alcune si impara a costruire bombe, in altre a diventare kamikaze", dice Nawib Mohmand, inviato nelle zone tribali di Tolo Tv, la rete più seguita in Afghanistan, "ritengo che Bin Laden sia in una base in Beluchistan. I raid pachistani in Waziristan? Sono uno show per gli americani, per questo ora gli Stati Uniti sconfinano sempre di più in Pakistan per colpire da soli Al Qaeda". "Bisogna distinguere tra talebani e Al Qaeda, dice Mozhda, "già questo toglierebbe forza ai due movimenti. È grazie ad Al Qaeda se i talebani sono finiti in Iraq ad addestrarsi e poi sono tornati capaci di colpire gli stranieri con una strategia, quella dei kamikaze e degli ordigni che non era loro". In Iraq Al Qaeda ha perso potere, ma non prima che gli Stati Uniti avessero accettato che nessun esercito straniero poteva fare quello che poi hanno fatto i capi tribali (con i soldi americani): convincere migliaia di ragazzi a passare dalla parte dello Stato. Ma Al Qaeda si muove, se prima infieriva a Falluja, ora lo fa a Diyala o a Mosul. "La situazione è migliorata. Si è passati da 175 attacchi al giorno a qualche decina", ci dice il responsabile della sicurezza di un'importante organizzazione straniera, che preferisce restare anonimo, "ma non è ancora il momento per fare salti di gioia. La nostra stima? Undici minuti". Undici minuti per cosa? "È il tempo che uno straniero può trascorrere in strada a Baghdad prima di essere rapito o ucciso".

*(05 dicembre 2008)*

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)